# Ficar na escola: um furo no afeto

Maria de Lourdes S. Ornellas

# Ficar na Escola

## um furo no afeto

*Colaboração de:*

*Daniela Radel*
*Fabíola Santana*
*Flávia Mendes*
*Luciana Rios*
*Maria da Glória Gonçalves*
*Patrícia Oliveira*

Edufba
Salvador, 2008

*Dedico este estudo aos pais e professores:*
*No sentido de que esta obra busque (des)embaraçar*
*suas inquietações sobre o fenômeno ficar.*

## *Agradecimentos*

Aos pesquisadores que se deslocaram até os *lócus* da pesquisa para a realização da coleta dos dados: Amanda Taise, Camila de Jesus, Daniela Radel, Fabíola Santana, Flávia Mendes, Glória Gonçalves, Lívia Tosta, Luciana Rios, Nilma Santos, Ósia Matos e Patrícia Oliveira.

Aos sujeitos da pesquisa que se revelaram *ficantes* e *não ficantes*, mesmo com o veto das câmaras instaladas nas escolas para vigiar e punir e fazer furo no afeto.

Aos professores das escolas que abriram as portas para a entrada do nosso olhar e da nossa escuta.

Ao Programa de Pós-Graduação da UNEB (PPGEduC) que através da chamada do edital nº 023/2007, Programa de fortalecimento dos grupos de pesquisa (Programa Proforte), possibilitou a escrita inicial deste projeto e a concretização dessa produção.

À Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) pela parceria na edição e publicação desta obra.

À Flávia Goulart Mota Garcia Rosa (Edufba) pelo afeto prazeroso com que se encontrou com este projeto e buscou os passos a serem dados para *pegar* a idéia, *ficar* por alguns instantes, *namorar* com a temática e se fez parteira dessa cria.

À Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento pelo gesto de anunciação quando abre a cortina do palco ficante e convida os leitores, no seu prefácio, para tomar seus assentos e dialogar com as letras.

# SUMÁRIO

*Apresentação*
# UMA ESTREIA NO FICAR

Breve me mudarei para a curva do teu braço.
Não saberei mais de você do que já sei.
Nem você saberá mais de mim.
Mas, talvez assim perto, encostada na raiz do teu ser,
Eu possa me esquecer de onde começo
E me esquecer em ti na minha entrega.
(COLASANTI, 2008)

Dá-se o nome de apresentação, de forma singular, à posição do feto na ocasião do parto, quando este se põe à vista, mostra-se e se oferece à apreciação. Apresentar este livro é de alguma maneira mostrar e passar às mãos do leitor o rebento para que possa conhecê-lo.

O processo de gestação dessa cria nos deixa à vontade para fazer esta anunciação, confiantes que apresentar esse livro nomeado de *Ficar na escola: um furo no afeto* poderá suscitar uma tênue sedução. O modo como cada colaborador se envolveu no projeto, na revisão da literatura, no processo de coleta de dados, na pesquisa, sob a coordenação da professora Drª Maria de Lourdes Ornellas, autora deste livro, revela a entrega e o comprometimento com o fazer acadêmico, com seriedade e desejo de buscar possíveis respostas para os passes e impasses do cotidiano escolar.

Descortinamos para você, leitor, com o encântico acima colocado, o que se passa quando nada parece se passar no fenômeno do *ficar* na escola. Desejamos que sua leitura e escuta a estas letras, possibilite novo olhar sobre as relações afetivas do adolescer na escola, que inquietam

pais, professores, estudiosos, de modo que nos mobilize a juntos buscarmos novas saídas para o enfrentamento dos dilemas afetivos que permeiam as relações na escola.

Fruto de uma pesquisa cuja abordagem qualitativa conduziu os pesquisadores a lançarem mão de três instrumentos de coleta de dados a saber: observação, entrevista semi-estruturada e desenho, este livro, desde a escolha provocativa do título *Ficar na escola: um furo no afeto*, busca decifrar o fenômeno *ficar* no espaço de três escolas estaduais do estado da Bahia. Desta forma, ousa adentrar os muros da escola, na maioria das vezes, separada da vida, e desnudá-la na forma como escuta, ou quem sabe se nega a escutar, o jovem que insiste em falar, seja através das palavras, dos gestos, do corpo, enfim, da forma como se relaciona consigo e com o outro.

Poucos são os estudos que se propõem a analisar este fenômeno parido pela contemporaneidade, portanto, desconhecido em sua profundidade e que, consequentemente, traz marcas de mudanças em relação ao que pais e professores viveram em seu tempo de adolescência. Decorrente disso, há um estranhamento, até mesmo um gozo que tem nome de angústia, porque os adultos que lidam diretamente com o adolescente se vêem paralisados diante de um fenômeno não sabido, não compreendido, que está posto e que insiste em desafiar. Pais e professores perguntam-se: O que é mesmo o *ficar*? Seria um tipo de amizade colorida[1]? Traz como conseqüência o agravamento da descartabilidade, tão marcante nos dias em que vivemos a Era do Consumo? Possibilita a iniciação da sexualidade? Segundo Gonçalves (2004, p. 87):

> Ficar é uma experiência de estar com o outro, trocar carícias, intimidades, descobertas e sensações sobre o corpo e sobre si mesmo. Rolam beijos, abraços, e, eventualmente, pode se chegar a uma transa. Os limites do ficar são determinados pelo próprio casal. Em geral inclui afetividade,

[1] Tipo de relação habitual da década de 70, época em que as mulheres lutavam por direitos iguais aos dos homens, que consistia em troca de afetos, inclusive sexuais, mas que não constituía casamento, na acepção de um compromisso formal, mas que ultrapassava os encontros isolados. Enodavam-se amizade, erotismo e sexualização.

porém não há um compromisso de continuidade ou exclusividade, mas o ficar poderá se transformar em namoro.

Essa afirmativa corrobora com as falas dos sujeitos entrevistados como vemos a seguir: *Ficar é ter um relacionamento rápido e não ser tão sério como namorar. Não tem compromisso, pode ficar com outra e se gostar, pode até virar namoro.*

Não há como lidar com um fenômeno se não houver uma tentativa de proximidade e intimidade, a tal ponto que se possa adentrá-lo em sua complexidade para escutá-lo e encontrar formas e alternativas de com ele se relacionar.

Não obstante a necessidade de aproximar-se do fenômeno *ficar*, na tentativa de analisá-lo, observamos o distanciamento que a escola impõe a este tipo de relação ao negá-la, silenciá-la, proibi-la e até mesmo punir os sujeitos que ousam experimentá-la nos corredores, pátios e outros espaços da escola.

Permitir a vivência desta forma singular de se relacionar, fato presente e constante no cotidiano do adolescente, ou, pelo menos, abrir espaços de escuta na sala de aula, para que os professores dialoguem com os jovens sobre o que lhes afeta, não seria uma forma de ensaio da sexualidade?

A nomeação deste livro: *Ficar na escola: um furo no afeto* revela o que está por detrás das câmeras nos corredores, cerceando o jovem e denunciando a fragilidade da escola em gerenciar as questões do cotidiano, quando poderia estar aberta para fazer o avesso do furo e propiciar o emergir do agalma[2], do brilho desse objeto do desejo que ilumina essa fenda e dela se possa viver o *ficar* de forma natural. A sexualidade precisa ser falada na escola, em casa, na rua. O *ficar* é um ensaio, jeito do sujeito aprender a se relacionar e testar sua capacidade de fazer laços e se isso lhe é proibido, perguntamos: como o sujeito vai aprender a viver a sexualidade e experimentar suas escolhas?

---

[2] Objeto de desejo, brilhante, galante, termo que vem de gal, brilho, no antigo francês. Lacan utiliza essa expressão no Seminário 8 – A Transferência. (1993, p. 139)

Como participantes da pesquisa do *ficar na escola* e do Grupo de estudo em psicanálise, educação e representação social - Gepe (rs) e o fato de estarmos colocadas no lugar de parteiras desse objeto causa de desejo, foi-nos outorgado fazer essa escritura e autenticá-la com o carimbo afetado pela pulsão de vida presentificada neste livro. Deste lugar e posição, além do princípio de prazer, com grau, lupa, traço, imagens, adentramos pelo avesso do furo e encontramos o agalma que nos conduziu pelas trilhas do *ficar* na escola. Está aí o rebento! Que ele seja apreciado ou não apreciado, o que importa é a palavra balbuciada e mais tarde falada, associada livremente...

O *ficar* nesse livro pode ser visto como um sintoma da contemporaneidade, um jeito novo de adolescer e aprender a fazer escolhas e é aqui que o sintoma faz irrupção e desliza metonimicamente como uma derradeira expressão contra o seu desvanecimento.

É uma bela leitura, pais e professores podem se ver nela tal um espelho. E nessa miragem reflete o saudosismo do amor romantizado, no entanto, o adolescente *fica* numa relação efêmera. Há quem se posicione contra, outros a favor, e tantos outros que não tomarão partido sobre esse fenômeno. O fundante é não ficar por inteiro, posto que somos (re)partidos desde a concepção, passando pela fase do espelho, quando o sujeito se constitui e se estrutura nos registros do real, simbólico e imaginário.

Daniela Chaves Radel Bittencourt
Maria da Glória Gonçalves Santos
Mestrandas do PPGEduC

## *Prefácio*
## O FENÔMENO DO *FICAR* NA CONTEMPORANEIDADE

É salutar que uma psicanalista/pesquisadora se debruce sobre o tema do *ficar* entre os adolescentes na escola, pois entendo como uma contribuição essencial ao estudo de um dos fenômenos mais típicos dos tempos ditos pós-modernos. A autora fala de algo que representa essa época de grandes e rápidas mudanças, essa nova forma de vínculo entre os sexos.

Vivemos hoje um momento de grande erotização nos meios de comunicação e isso é um estímulo, principalmente aos jovens, para uma sexualidade sem compromisso. A queda do tabu da virgindade e do sexo restrito ao casamento, nas décadas de 60-70, com a bandeira do "faça amor não faça a guerra", quando se pregava a experiência do amor livre, possibilitou o surgimento de novas formas de contato, quando as trocas de carinho se dão de maneira menos comprometida possível.

> O ficar, como nova modalidade de experiências eróticas entre os sexos, em nosso meio, é típica do momento atual, efeito do surgimento do movimento hippie e da proliferação da pílula anticoncepcional que possibilitaram uma sexualidade mais livre e desvinculada do perigo de uma gravidez indesejada. (NASCIMENTO, 2002, p. 17)

Nunca a sexualidade esteve tão na mídia como na contemporaneidade. São fatos novos. A sexualidade entra em novos domínios, em tempos do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), quando o prevenir, o proteger, e o sexo seguro passam ao domínio da saúde pública. O amor livre se viu inibido pelo uso da camisinha e pelo medo da contaminação e o risco da morte, que nos remete ao Brasil do

século XIX e início do século XX, quando se vivia sob a ameaça da sífilis, doença que se alastrou pelo país levando muitos à morte. Vemos nisso nova maneira de unir Eros a Tanatos, ligando prazer e morte, que Freud tão bem nos ensinou em seus trabalhos sobre a sexualidade humana e suas vicissitudes pulsionais.

Esses momentos prazerosos – às vezes nem tanto – que os jovens se permitem como um escape à formalização de um namoro, de um compromisso ou de um apaixonamento, retratam formas típicas do relacionamento amoroso comuns no final do século passado.

A autora nos apresenta uma pesquisa com trabalho de campo, decorrente de entrevistas semi-estruturadas, ouviu discursos de adolescentes, observou seus comportamentos, e analisou seus desenhos, construindo um trabalho rigoroso de interpretação e análise do material coletados. Assim, permitiu um espaço para que os silêncios, os atos falhos e os mal entendidos fossem também escutados nesse falar dos adolescentes, possibilitando também que algo da subjetividade pudesse ser delineada. Portanto, é do sujeito do inconsciente que se trata no presente trabalho.

Cabe aqui lembrar o discurso de uma adolescente de quinze anos, entre dividida e arrependida pela ampla experiência de parceiros que já tivera ou com quem ficara, revelava temor de comprometer sua imagem entre os jovens e de ser taxada de "galinha" – palavra que traz a idéia de promiscuidade – porém dizia que era importante *ficar*, porque se aprende a beijar bem.

Freud (1905) refere-se à puberdade como um momento especial de organização pulsional, quando o jovem vivencia um desprendimento da autoridade dos pais. Essa é uma operação que a adolescência promove. Para Freud este é um estádio da organização da libido, intermediária entre o auto-erotismo e a escolha de objeto. Para esse autor, ao se referir ao corpo e suas zonas erógenas, a sexualidade humana é entendida como "perverso-polimorfa".

O que está em jogo, então, é a questão do corpo, corpo pulsional e corpo como imagem. Destacando bem dois importantes aspectos teóricos que são fundamentais nessa passagem da adolescência, os aspectos identificatórios e as mudanças próprias ao período puberal,

que o real impõe ao corpo do jovem. O jovem habita um corpo em processo de mudança.

Com efeito, verifica-se uma perda do corpo infantil e o surgimento do corpo jovem propiciando nova erotização e nova auto-imagem, permitindo exibir esse corpo ao olhar do outro, expondo-lhe emblemas visíveis semelhantes ao corpo do adulto, e favorecendo a organização de uma nova imagem identificatória.

Penso que nesse momento o adolescente vive uma outra experiência que lhe remete ao Estádio do Espelho proposto por Lacan (1988), e que o grupo opera como um elemento puramente especular: cada parte do corpo do adolescente o reenvia ao próprio corpo, em uma integridade imaginarizada como coletiva – as roupas, as modas, as marcas, as tatuagens, as gírias, reafirmam, assim, a necessidade de identicar-se pela imagem, numa unidade egóica.

Não é possível outra leitura do momento atual, no frenesi e na ânsia da busca pelo objeto ideal, incapaz de ser encontrado porque simplesmente não existe, tal como explicado por Freud no seu clássico *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Atualmente, nesses tempos de consumo desenfreado, o homem se confronta como nunca com a sua nudez, com as suas carências, com a sua castração e com a sua finitude.

Isso a autora apresenta de forma muito aprofundada, nessa passagem onde o *ficar* nos revela uma experiência de encontro e de perda, quando o que está em jogo é uma tentativa de se evitar a angústia provocada pela castração, que reenvia cada vez mais rápido o sujeito ao encontro da falta, da perda e da morte.

Por tudo isso, congratulo a autora pelo instigante e belo trabalho e convido a todos a uma boa leitura!

Salvador, 26 de dezembro de 2008
Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento

Ficar por Ficar eu não quero,
Quero amor de verdade.

Eu não quero só ficar
Quero mais que aventura
Dividir com você uma história de amor
Mas por que não se importa
Com a minha paixão
Não leva a sério o meu coração.

Será que você não percebe,
Que eu estou apaixonado
Será que não vê nos meus beijos,
Que eu quero você do meu lado.

Ficar por ficar eu não quero.
Beijar por beijar eu tô fora
Menina vê se leva a sério,
Vê se não pisa na bola.

(FICAR POR FICAR - Jairo Góes)

## *Principiando a escritura*

Na contemporaneidade, fala-se do fim da era moderna e no advento da pós-modernidade. Sabe-se o quanto as formas de pensar, sentir, integrar levam um bom tempo para se processar no afeto, na cognição e no social do sujeito contemporâneo. Ainda que haja no âmbito dos estudos culturais uma certa prevalência do pensamento identitário, a exemplo de Michel Maffesoli (1988), o qual prefere empregar o termo identificação e não identidade, perguntamos: o que é mesmo sujeito contemporâneo? Parece ser sujeito de um tempo, de uma época, de um lugar e posição que se conflitua entre a singularidade e o fenômeno da globalização. Essa sociedade globalizante parece ter transformado o sujeito num sujeito descartável no que refere aos objetos, à natureza, a si mesmo e ao outro. Ao mesmo tempo em que revela a necessidade de se enlaçar, esse sujeito é descartável, porque se constitui como sujeito da fala e da falta e se vê como o nada, mas também tem desejos de criar laços.

A angústia tem movido o sujeito como ser-no-mundo (Heidegger), um ser lançado no mundo que tem apenas como opção ser e somente a morte lhe tira essa condição. Ser-no-mundo simboliza não querer estar só e por este viés o sujeito frente ao contexto sócio-político que se mostra perverso, produz angústia, solidão e abandono, uma tríade em que o sujeito se estranha e sua identidade é trincada como um espelho quebrado. Na tentativa de se ver livre dessa angústia de castração, o sujeito escapa de si mesmo e cai no mundo, na boca e no sexo daquele com que ele trocou uma sutil mirada e aí há um (des)encontro em que o afeto tem um misto de presença e ao mesmo tempo de ausência, semelhante ao *fort-da* que Freud nos convidou a pensar: as idas e vindas de uma criança que brinca em volta da mãe, dela se afasta e depois retorna,

para lhe entregar um brinquedo, traduzindo, neste movimento lúdico, o olhar, a troca e o desejo de marcar a presença-ausência da mãe nessa relação mãe-bebê. *Fort-da* significa em alemão presença x ausência.

Para a psicanálise, o sujeito é o sujeito do inconsciente e também do desejo, resultado da castração, quando se opera um corte separador, de perda. A esse respeito, Ornellas (2007) postula:

> A dinâmica do inconsciente gira em torno do Complexo de Édipo, mais especialmente do seu momento essencial, a castração e esta, por sua vez, regula e estrutura o desejo. [...] O Édipo é uma estrutura, segundo a qual se ordena o desejo. [...] A estrutura é um nó não desatado (p. 4).

A autora nos leva a pensar o Édipo como estrutura simbolizada em um nó e isso nos remete ao conceito do nó borromeu (Figura 1), em que os registros do real, do simbólico e do imaginário se enodam e estruturam o sujeito, o que sustenta o desejo e a falta.

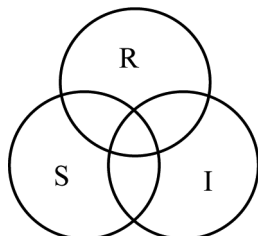



Figura 1. Nó Borromeu: real, simbólico e imaginário

No Seminário 22 RSI, Lacan através desse matema teoriza que o sujeito está estruturado tomando como referência esses três registros: real, simbólico e imaginário. Adianta sua construção e afirma que os três elos encontram-se enodados de forma borromeana que se um dos elos se rompe os demais se soltam. Em síntese: o real não pode ser simbolizado, está na ordem do impossível, o simbólico está relacionado à linguagem e o imaginário encontra-se no campo especular.

O real, o simbólico e o imaginário contribuem nesse estudo considerando que esses três elos fazem laço com construtos da psicanálise fundantes, os quais fazem parte do fenômeno ficar.

Desejo, afeto, angústia e culpa são diferentes manifestações de um mesmo tópico que a psicanálise nomeia de pulsão, ou seja, quantidade de afeto ou de libido. Podemos, deste modo, dizer que a angústia é um afeto que o sujeito experimenta quando se vê na condição de sujeito descartável e que se encontra também na condição de sujeito faltante. Observa-se nos ficantes deste estudo que eles mesmos não sabem responder por que não criam laços. Sabe-se que há elogio a exemplo de *"Brother, hoje quero ficar com você"*, mas daqui a pouco virá o malogro de um encontro a dois que já principia no fracasso, em que o beijo seguido do sexo constitui o inevitável exílio do errante que habita no sujeito que fica. As palavras de Marisa Monte, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes (*Já sei namorar*, 2002) revelam o furo no afeto enodado no fenômeno ficar: "Eu sou de ninguém; Eu sou de todo mundo; E todo mundo me quer bem".

Para um melhor entendimento da relevância dessa pesquisa, faz-se necessário delinear, de forma sucinta, as características da sociedade contemporânea marcada pela mobilidade, provisoriedade e encurtamento das distâncias, de tal forma a tornar sujeitos e objetos imediatamente presentes. É a era da instantaneidade, em que não é mais preciso aguardar, esperar ou retardar a satisfação de um desejo. Como reflexo da sociedade, sendo o jovem o principal alvo do consumo, ele se espelha nessa contemporaneidade e assim suas atitudes são fundadas sem adiamento, sem apego, desestabilizadas, sem recusa e renúncia. Numa sociedade marcada pelo consumo, esse sujeito encontra-se impaciente, instável, impulsivo, intolerante, insatisfeito e incapaz de renunciar e conviver com frustrações. Devido à cultura do descarte, marca da contemporaneidade, que impõe o uso rápido dos objetos de consumo e sua substituição por outros, o jovem busca no *ficar* o prazer do aqui e do agora, relações mais distantes e rápidas, tal as redes virtuais, tornando ultrapassados os limites geográficos e temporais. O *ficar* não implica compromissos futuros. É visto, como já foi dito, como um relaciona-

mento passageiro, fortuito, superficial, em que o outro desperta uma atração ou interesse momentâneos.

O livro *Ficar na escola: um furo no afeto*, fruto da pesquisa nomeada *Brother, hoje quero ficar com você: um nó que ata e desata revelando os afetos entre os alunos e de que forma esta temática pode ser trabalhada na escola*, desnuda o fenômeno *ficar* na escola, considerando que o jovem tende a fazer repetições e, nesse contexto, a temática *ficar* é possível que seja um conteúdo pedagógico disciplinar a ser trabalhado, no sentido de que os componentes curriculares contemplem os valores do compromisso, profundidade, estabilidade, tolerância, prazer, responsabilidade, laços, gosto pelos estudos, na busca da construção de um sujeito afetivo que valorize o homem e a mulher na sua subjetividade e singularidade.

Com vistas a situar o leitor nas formações discursivas presentes no texto, faz-se necessário mostrar uma visão panorâmica de cada capítulo.

O capítulo 1: *O adolescer na escola. Onde ficar*? discorre sobre a adolescência, sob o viés psicanalítico, o lugar e a posição ocupados na escola pela sexualidade e a escuta do fenômeno ficar pelos partícipes do processo ensino-aprendizagem. A psicanálise conceitua mediação como relação (Guirado, 2008). Nesse sentido, a escola é apresentada na contemporaneidade como um espaço social fundante, na medida em que medeia a relação entre o sujeito que adolesce e o seu entorno. A criança ao chegar à escola apreende escutas sobre os mais diferentes temas, os quais vão sendo processados, o que pode facilitar ou dificultar sua autonomia e seu pertencimento nas relações afetivas que se enredam na escola. É possível que o fazer escolar possa olhar, censurar e silenciar o fenômeno *ficar*. Este é tratado pela área específica na sala de aula, de forma intoxicada pela fisiologia do corpo humano desenhado em quadro negro e neste o *ficar* é foracluído e, mais que isso, nesta aula, o discurso da sexualidade é denegado e não se vê na lousa marcas de um corpo desejante do *ficar*, porque o professor se esconde e se perde atrás do pó de giz.

O capítulo 2: *Ficar na escola: além do princípio de prazer*? analisa o fenômeno ficar imerso nas marcas da contemporaneidade, através de uma incursão histórica que nos remete à origem do fenômeno com vistas a capturar suas nuanças. Esse cenário em que emerge essa nova forma de se relacionar, leva-me a perguntar: o *ficar* obedeceria à mesma lógica que rege outros tipos de relacionamento? O princípio de prazer determina o prazer e impede o desprazer. Freud (1920) pontuou o conceito do princípio de prazer nos primórdios da vida como a tendência imperiosa para alcançar o prazer. As catexias da energia impulsiva são descarregadas e quando há um represamento da libido não liberada, esta se transforma em ansiedade, fato observável no adolescente quando inicia sua vida sexual. Na maturidade, há um aumento gradativo na capacidade do sujeito para adiar a obtenção do prazer e o apaziguamento do desprazer. Para o adolescente, esse fenômeno é observado pelo avesso, ou seja, a busca do prazer imediato, a exemplo do *ficar* e a frustração quando não consegue atingir seus desejos e necessidades.

O capítulo 3: *Nas trilhas do ficar* descreve como a pesquisa se delineou, desde a caracterização dos lócus, dos sujeitos da pesquisa aos instrumentos de coleta, pontuando a opção, decorrente da natureza do objeto, pela pesquisa qualitativa. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação em campo, a entrevista semi-estruturada individual em profundidade e o desenho, instrumentos que exigiram das pesquisadoras, além de sensibilidade, flexibilidade e criatividade no manejo, para compreender os sujeitos em suas especificidades a respeito do fenômeno *ficar*. Após a coleta, fez-se uma leitura desse material, as categorias descritivas e interpretativas foram construídas e, a partir daí, a análise dos dados realizada, através do suporte da análise do discurso de vertente francesa que se presentificou. Neste tipo de análise, revela-se o direito e o avesso do texto, bem como o que está nas entrelinhas, no silêncio, nos atos falhos dos discursos dos depoentes.

Nas *trilhas do ficar*, apoio-me em alguns suportes teóricos da psicanálise e seu instrumento de trabalho, ou seja, a fala e a escuta dos ruídos e silêncios, para identificar afetos, observar e apreender o fenômeno do ficar. Como pontua Laforque (2001): "método, método, que queres de mim? Bem sabes que comi do fruto do inconsciente".

Como se trata de um estudo sobre a sexualidade, o método não deve ter o rigor conceitual, posto que se trata de um tema subjetivo, o qual é movido pelas formações do inconsciente.

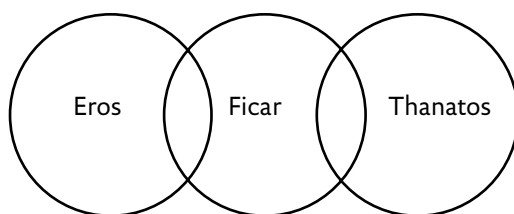
O capítulo 4: *O grau, a lupa e o traço: trilogia da análise* estabelece as categorias descritivas e interpretativas dos dados coletados da pesquisa. Na busca de permitir a interpretação dos discursos dos sujeitos desse estudo, as categorias descritivas das três escolas foram agrupadas em (seis) categorias interpretativas (*ficar, afeto, escuta, homossexualidade, desejo, sedução*). Assim posto, pontuo a definição conceitual de cada categoria interpretativa, ao tempo em que procedo à análise de como essas se revelaram no discurso dos sujeitos. Essa análise expressa o quanto a fala é fundante para que se possa exercitar a escuta, posto que no *ficar* o sujeito pode se sentir *erastès* ou *erômanos*, isto é, amante e amado, mesmo iludido pelo amor romântico e falseado pelo engano.

O capítulo 5: *Imagens do ficar: no avesso do furo* interpreta os desenhos dos sujeitos da pesquisa sobre tal fenômeno, que (des)velam a elaboração cognitiva e afetiva das representações, prenhes de sentidos. A proposta do desenho, como processo criativo de elaboração afetiva das fantasias, levará a uma análise das produções simbólicas dos significados e significantes da linguagem, que demandam uma escuta apurada do sujeito que sonha, cria e recria o seu objeto, causa de desejo. O desenho oferece possibilidade de riqueza de dados e requer do pesquisador uma sensibilidade para adentrar os meandros da produção gráfica e ir além do que está posto na representação, pois o desenho não constitui uma reprodução fiel da realidade. O estudo do desenho constitui uma via de acesso ao inconsciente.

O capítulo 6: *O agalma do afeto* tece as (in)conclusões e especifica alguns impactos sobre o *ficar* na escola, que se vê diante do desafio de aprender a lidar com esta nova realidade que se faz presente e vai além dos conteúdos curriculares dos cursos de formação.

A importância desta pesquisa para pais e professores tem lugar e posição no encontro entre estes e o adolescente, se for possível emergir o desejo de falar e não silenciar sobre o fenômeno *ficar*. A frágil literatura deste fenômeno é revelador do quanto precisamos aprofundar este debate e o *Ficar na escola: um furo no afeto* pode ser estruturante para

que novos estudos e pesquisas sejam realizados, além de constituir-se como possível instrumento pedagógico nas escolas.

Isso posto, convido o leitor para que adentre por este furo, que pode encontrar o afeto na ordem do prazer ou do desprazer, no qual se constitui o fenômeno *ficar*, não para tamponá-lo, mas para (des)velar as errâncias do (pre)conceito e, juntos, possamos encontrar novas frestas para conviver com o fenômeno e que seja possível desenhar na lousa o matema a seguir em que a palavra *ficar* enlaça-se entre Eros e Thanatos[3], em busca de escutar a inquietação: há vida e morte no *ficar*?

Observa-se nesse matema que o *ficar* encontra-se imprensado entre o prazer e o desprazer e parece ter desejo de mudar de posição. Na medida em que o adolescente *fica*, ele quer ficar perto de Eros, mas o fato de que o *ficar* implica a efemeridade, o adolescente olha para Thanatos. Portanto, aproximando-se da resposta da inquietação acima esboçada, pode-se afirmar que *vida e morte, ficar* começa e acaba no engodo ilusório dos contos de fadas.

[3] Na concepção freudiana, Eros e Thanatos referem-se ao conjunto de pulsões de vida e de morte. Thanatos- termo grego (a morte) as vezes utilizado para designar as pulsões de morte, por simetria como o termo Eros. O seu emprego sublinha o caráter radical do dualismo pulsional conferindo-lhe um significado quase mítico. O uso do termo Thanatos vem acentuar o caráter de princípios universais que as duas grandes espécies de pulsões assumem na última escrita de Freud. (LAPLANCHE; PONTALIS 1992, p. 150)

## *Decifrar o que vejo no desenho e foracluir o que não vejo*

O construto expressão revela que o sujeito possui marcas constitutivas de afetos, sentimentos que lhe permitem exprimir-se. Ao solicitar que um sujeito faça um desenho, ele o faz de acordo com seus processos inconscientes. "O desenho pode ser considerado a representação de formas sobre a superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico". (FERREIRA, 1999, p. 648). A arte de representar com o lápis e o papel um tema real, simbólico e imaginário expressa o traçado, risco, esboço e gestalt que o sujeito, de forma manifesta e latente, enuncia sua produção. Se o desenho quando acompanhado pela consigna: *escreva o que você quis desenhar* é um gesto de representação para o leitor, ou seja, é uma sequência de palavras escritas e inscritas que tentam se aproximar da obra, é também a expressão singular que contém alguns elementos idiossincráticos daquilo que o desenho quer dizer. Essa consigna não deixa de causar um certo mal-estar posto que o sentido do desenho reside nele mesmo, não podendo ser dito de outra maneira.

Faz-se pertinente ler o que o autor diz sobre arte:

> A arte é sempre a criação de uma forma. Toda arte se dá através de formas, sejam elas estáticas ou dinâmicas. Como exemplo de formas estáticas temos: o desenho, a pintura, a escultura, etc. E como exemplo de dinâmicas: a dança, a música, o cinema etc. (DUARTE, 1991, p.42)

Pode-se afirmar que o desenho é uma arte, é uma forma criativa de representar o afeto que se for alterado implica numa alteração do sentido que o sujeito desejou realizar. O desenho o qual me refiro não é

o desenho técnico e artístico, mas o desenho livre temático cujo objetivo é a expressão do sujeito, um instrumento de coleta do objeto em estudo que teve como consigna: *desenhe o que é o ficar na escola*? Observa-se nestes desenhos, figuras que tentaram expressar o objeto desse estudo:

> Entendemos por desenho o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais, de um mundo figurativo, de um mundo de figuras. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividade, de formas codificadas, signos de uma linguagem elaborada. (PORCHER, 1982, p.102)

A arte é uma relação de ato que envolve sensibilidade, não é apenas um gesto de mão que segura um lápis frente um papel, mas a aproximação de um possível retrato daquilo que se solicita, e envolve subjetividade sem deixar de lado as fantasias imagéticas contidas na arte que se pretende dessacralizada.

Coube a mim olhar e descrever com o meu saber as expressões visíveis e invisíveis presentes nos desenhos. As falas contidas nas entrevistas foram fundantes, mas o desenho teve a intenção de complementar essas falas, ou seja, as sutilezas presentes no traçado e no afeto expressam falas talvez jamais ditas.

Nesse sentido, o autor corrobora:

> Mesmo assim, as discrepâncias entre a fala e o desenho podem criar uma falsa impressão. Melhor que a fala, os desenhos podem expressar sutilezas do intelecto e do afeto, que estão além do poder ou liberdade de expressão verbal. Mesmo os adultos, com um formidável vocabulário, necessitam centenas de palavras para tentar explicar o que uma pintura pode significar. (DI LEO, 1985, p.13)

A escola historicamente privilegiou no aluno a escrita em lugar da fala. A escrita pressupõe o silêncio e não a expressão verbal. As correntes pedagógicas mais contemporâneas têm revelado ser a fala uma forma de expressão do sujeito. Para a psicanálise, mesmo a fala sendo o lugar da ambigüidade é o lugar da *verdade* do sujeito do desejo. Nesse viés, o desenho também fala, embora seja uma fala em que a arte se presentifica na busca de dizer o que não pode ser dito.

A citação mostra o conflito do adolescente frente ao papiro e ao grafite.

> Ficar cara a cara com uma superfície branca de papel ou de tela é um desafio, e a experiência deveria ser tão fundamental para o jovem quanto para o pintor profissional. O adolescente está, na realidade, cônscio da imaturidade do seu trabalho. Fica facilmente desencorajado pelo primitivismo e pela ingenuidade do seu desenho e receia projetar o que pensa no papel. (BRITTAIN, 1977, p. 353)

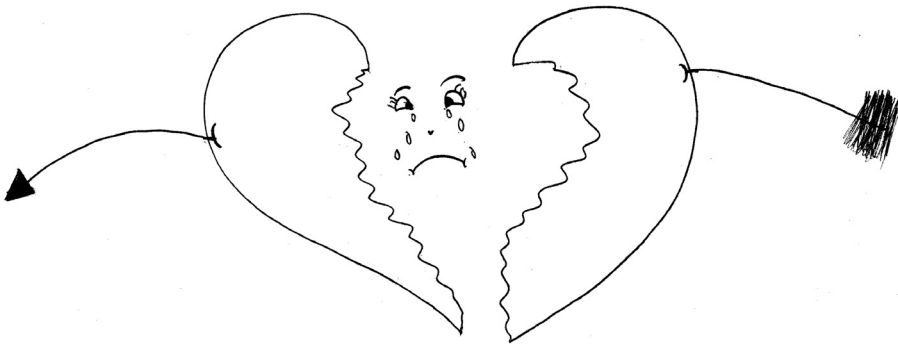
O fato do desenho ser um instrumento apenas utilizado com crianças nas escolas, ao longo do tempo, parece que vem perdendo sua função para o adulto, como se o desenho para o professor fizesse parte apenas do universo infantil. Em situação de pesquisa, quando se solicita que o adolescente elabore um desenho, o pesquisador observa que o adolescente vê-se acanhado e naturalmente seu fantasma é projetar inconscientemente o que está lá dentro das entranhas: seu medo, a sua transgressão, a sua passagem de criança para adulto, o seu afeto etc.

Ao analisar os desenhos presentes neste livro, escutei a forma, a textura, o traçado, o afeto. Como todo desenho tem uma *gestalt* singular, deleitei-me em sentir com afeto os desenhos, sem salto alto, saia justa e batom, ou seja, às soltas, sem pressa, para que meu veio artístico fosse convidado para captar a essência do ficar na escola. Não se pode perder de vista que o sujeito é estruturado pela linguagem do inconsciente. Por isso é que Lacan disse que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* (1978, p. 87). A linguagem torna possível a dimensão simbólica e o inconsciente através do lapso, tropeço, ato falho, sonho e esquecimento, deixa emergir e faz reviver o afeto através da ab-reação, o qual assina o lugar do desejo. Para dar um ponto de continuidade, uma palavra se descortina: cada desenho aqui expresso é metaforicamente uma pegada de areia. Mostra a ausência do objeto, mas deixa a marca. O que importa é o leitor ver e ficar na ilusão do aquilo que não pode ver, ou seja, o lugar que o ficar na escola ocupou na cena do mais-de-gozar.

Esses desenhos têm uma dimensão simbólica na medida em que o ficar revelado no traçado, pela via do grafite e do pergaminho, gestou subjetividades quando denunciou o avesso do furo.

## *Ficar na escola: pelo traço e pela letra*

> Que eu possa ver e falar
> de coisas invisíveis ao olhar humano.
> JOHN MILTON

"Fiká xó pa fiká naum quero"...

"Ficar só por ficar, só presta para quebrar em pedaçinhos os nossos corações...
pois corremos riscos de nos apaixonarmos

Autora: Cacau

Desenho 1

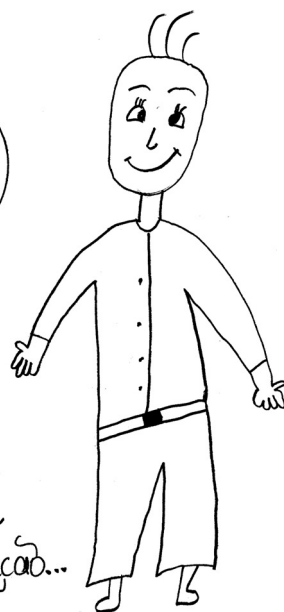
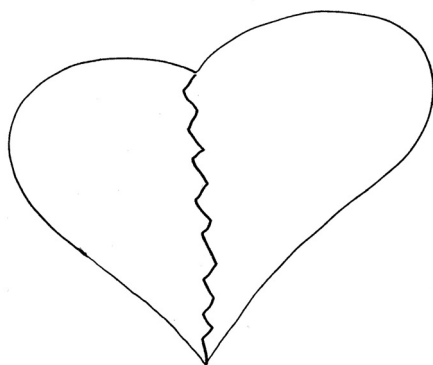
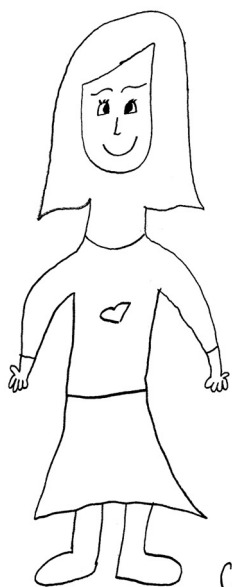
## DESENHO 1

Observa-se nesse desenho um coração partido em dois pedaços e entre estes esboça-se o semblante de um rosto que revela dor, tristeza, pranto e tensão pelo olhar. Em cada pedaço vê-se duas setas que fazem ligação do interno como o externo; em um deles a seta indica que é finita, enquanto que a outra mostra-se barrada, indefinida.

Título:
*Ficá xô pó fiká naum quelo*. É uma fala infantilizada que quer colo, não quer ser abandonada.

Descrição:
*Ficar só por ficar, só presta para quebrar em pedacinhos os nossos corações...!! pois corremos riscos de nos apaixonarmos!!* Esse desenho expressa que o ficar não pode ser visto apenas como algo que aparece e desaparece. A forma como o coração é apresentado no desenho denota que o desaparecer deixa marcas, fissuras e, em meio ao que restou, uma figura em forma de fantasma se insinua e revela dor. O sujeito infantiliza o conteúdo do título e escreve como se fosse uma criança que ainda não domina a fala com desenvoltura. Penso que é uma maneira de negar o ficar, como se o fenômeno fosse algo infantil ao mesmo tempo em que parece denunciar que se faz necessário saber falar de forma mais acertada sobre o tema.

Na descrição feita do que é ficar pelo sujeito, ratifica o que é representado graficamente no desenho e acrescenta o risco que se corre com a paixão, ou seja, o sujeito fica, gosta, o outro some, deixando um outro flechado pelo cupido. É o risco que fura e faz sangrar o afeto.

Amor incerto...

O amor só é amor, quando 2
Corações se unem num só Coração...

Desenho 2

**DESENHO 2**

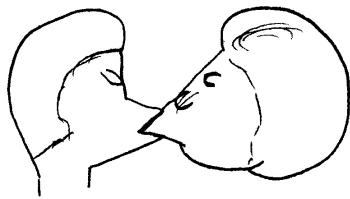
A representação gráfica realizada pelo sujeito é bastante simétrica: o coração trincado no centro e em cada lado uma figura humana de ambos os sexos que parece contente. São figuras humanas que se mostram como se fossem bonecos de pano pela forma, textura e expressão. Não seria essa forma que alguns jovens assumem quando estão na situação de ficar? Bonecos, que manipulam e são manipulados...?

Título:

*Amor incerto...* Essa nomeação tem sabor de incerteza, daquilo que não é certo, impreciso. O ficar para esse sujeito está na ordem do duvidoso, hipotético. É como se fosse uma relação que vacila e hesita em sustentar por um certo tempo.

Descrição:

O sujeito diz sobre seu traçado que *o amor só é amor, quando 2 corações se unem num só coração...* Se por um lado esse dizer tem relação com o desenho do coração, posto que o mesmo encontra-se unido, por outro, pode ser visto também como uma crítica contra o incerto que o ficar provoca. Há uma fissura no centro e mais que isso, *são dois corações que se unem num só coração*, nesse grafo observa-se de forma manifesta a presença de apenas um coração e na escrita, há dois, unidos em um só como se houvesse um desejo de uma união fusional. A fala desse sujeito, em meio à incerteza, clama pelo ficar desenhado de união e fusão, ou seja, reivindica o avesso do que acontece com a práxis do ficar na contemporaneidade.

Muito beijo na boca

Fica com segurança

é beija muito sem soco!!

Desenho 3

## DESENHO 3

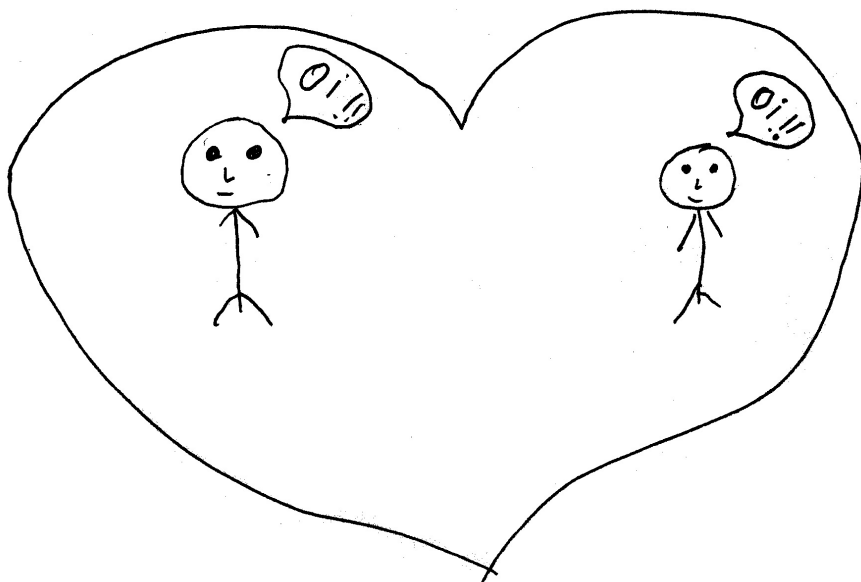
São dois sujeitos que se beijam na boca. Lembro da máxima popular: dois bicudos não se beijam. O desenho contraria a máxima posto que os dois sujeitos são bicudos, mas se beijam. Neste, somente aparecem as cabeças, parece que nesse desenho o ficar, o corpo não se evidenciam, bem como a sensualidade e o toque, posto que a cabeça é comandada para beijar, beijar...

Título:

*Muito beijo na boca.* É assim que esse sujeito expressa o fenômeno ficar, o ficar precisa ser saboreado custe o que custar. Parece ser uma aproximação da sexualidade.

Descrição:

O sujeito escreve: *fica com segurança e beija muito sem sexo!!* É um dito que revela a segurança do ficar que envolve o beijo e faz-se categórico quando afirma que no ficar não tem sexo. Não podemos ver o ficar apenas por essa lógica, temos na literatura e na coleta dessa pesquisa que no ficar, em algumas situações, o sexo se presentifica.

O conhecer

Ficar é conhecer

até o ponto de se amar

Desenho 4

## DESENHO 4

Duas figuras humanas contidas num esquema corporal estereotipado em formato de palito que estão no interior de um coração e parecem se comunicar com um "Oi!!", desenhado em balões localizados acima da cabeça de cada um. Estão separados um do outro talvez anunciando timidamente um primeiro contato, mas o fato de estarem dentro do coração supõe-se que já há para esse sujeito um prenúncio de que uma libido se amalgama.

TÍTULO:

*O conhecer*. O fenômeno ficar é imaginariamente percebido pelo sujeito por esse construto na sua formação verbal. É como se quisesse dizer que conhecer é ter noção, saber, conhecer algo, apreciar. Para esse sujeito, o ficar é conhecer, ou seja, para conhecer preciso ficar ou preciso ficar para conhecer? Essa dubiedade transpira no título desse desenho.

DESCRIÇÃO:

*Ficar é conhecer até o ponto de se amar*. Mostra-se nessa descrição do ficar que o sujeito insiste no verbo conhecer, ação que leva o sujeito a querer saber algo até possivelmente construir na relação algo que se pode nomear de amor. É possível inferir que esse sujeito tem a concepção distinta da maioria dos jovens, para ele, o ficar não se reduz a uma relação fugaz, mas uma relação que se começa, se conhece e pode haver um aprofundamento do par o qual ele chama de amor. Fico pensando o que seria esse amor? Uma relação firme, duradoura, monogâmica? Ou no dizer de Lacan (1964) "de que amar é dar o que não se tem a quem não é?"

Ficar é bom demais!!!!

Ficar é uma forma que o jovem encontrou de ñ se prender a uma pessoa só, e sim pegar vários.

Desenho 5

## DESENHO 5

O desenho expressa um par de jovens que estão juntos por um fio entre os dedos. Ambos mostram-se contentes e balões sobre suas cabeças os levam a pensar: *um, meu gostoso, que bom, que garota massa!!! Show*. Duas formas em tamanho considerável e fálicas saem de suas bocas e se encontram. Podem ser duas línguas se encontrando, no desejo de demonstrar que o beijo acontece e corrobora assim com as palavras escritas nos balões. A cada lado de um deles, há três traços talvez na busca de dizer que ambos chamam a atenção, brilham, isto é, têm agalma.

Título:

*Ficar é bom demais*. É uma frase que qualifica com intensidade o fenômeno ficar, como se um tivesse o que falta no outro, e vice-versa. Nesse sujeito não há sofrimento, angústia posto que o ficar passa algo que se encontra na ordem do princípio do prazer.

Descrição:

*Ficar é uma forma que o jovem encontrou de não se prender a uma pessoa só, e sim pegar vários*. Ao ler essa descrição, fico a pensar: será que o jovem ao iniciar suas aventuras amorosas se sentia aprisionado e esse fato o levou a procurar uma outra forma e encontrou no ficar o álibi? Iniciar uma sedução com o outro, não vale com uma só pessoa, mas com várias, é possível que esse sujeito queira falar nas entrelinhas que conhecer ao mesmo tempo vários outros ficantes seja um jeito singular de aprender a fazer suas buscas, aproximar-se das suas identificações bem como das suas diferenças.

## *Capítulo 1*
## ADOLESCER NA ESCOLA. ONDE FICAR?

O escrito desse capítulo pede interlocutores, posto que é um debate que tem um feitio singular, no qual o lugar do adolescer é estar fora do lugar e esta fase aqui é pensada não como uma etapa evolutiva, mas uma operação psíquica, em que esse sujeito se encontra no luto do laço parental, na tentativa de buscar o laço social que fez e faz furo no afeto.

A psicanálise conceitua mediação como relação (Guirado, 2008). Nesse sentido, a escola é apresentada na contemporaneidade como um espaço social fundante, na medida em que faz a mediação entre a relação do sujeito que adolesce e o seu entorno. A criança ao chegar à escola apreende escutas sobre os mais diferentes temas, os quais vão sendo processados, o que pode facilitar ou dificultar sua autonomia e seu pertencimento nas relações afetivas que se enredam na escola. Na relação pedagógica, a transferência se estabelece quando o aluno endereça um sentido ao professor. Trabalhar o *ficar* na escola é observar que na relação pedagógica há o fenômeno da transferência, ou seja, o aluno movido pelo desejo remete sentido à figura do professor, o qual mostra que detém um saber, ou seja, se identifica com o lugar de mestre que "sabe tudo". Assim posto, a psicanálise pode contribuir com esse debate na escola, no resgate do aluno-sujeito.

O sujeito da psicanálise não é o homem, indivíduo, pessoa, mas é sujeito estruturado como uma linguagem e cabe ao professor fazer com que o aluno tenha acesso ao saber de forma singular, com prazer e sentido. Às vezes penso que se a tarefa de educar é uma tarefa impossível, então o professor ao desejar ensinar tratará o aluno como sujeito da falta e revelará que o saber está na ordem da incompletude. O saber sempre apresenta furos, faltas, limites e impasses. É importante

que o professor descole a sua envoltura (estereótipos assumidos ao longo da sua história) para ser um sujeito *falasser*, isto é, um ser na fala e que não tem o saber sobre a verdade, esta escapa, é parcial e que na sala de aula vai se defrontar com o aluno que deseja saber e com o aluno que tem horror de saber. O saber reflexivo como quer Nóvoa (1992) e Schön, (1992) precisa ser incorporado ao saber que acontece na sala de aula e que este saber não se dá apenas no plano da reflexão, mas também no plano do inconsciente. Faz-se preciso enlaçar o saber da consciência (saber referencial) com o saber do inconsciente (saber textual).

Trabalhar o ficar na escola é engendrar o saber textual, educar o aluno para não mais o repetir, levando em conta o singular do sujeito, sua invenção e criação e de posse da estruturação desse singular, possa olhar o outro, o qual tem identificação, perceber o outro desconhecido, tentar fazer laços também com as diferenças, para encontrar com o social e entender o que acontece quando sai da escola e se vê na rua, lugar do enigma, do inusitado, do espanto.

No entanto, há um lacre, um forte, uma clausura que parece proteger o sujeito-aluno do mal-estar que advém do extra-muro escolar. Esse cadeado posto na escola passa a ser uma ilusão, uma vez que o que acontece lá fora entra na escola, circula pelo afeto manifesto na sala de aula, pelo ruído dos corredores, pelas portas internas do *toillete,* pela relação transferencial e pelos fios virtuais da tecnologia. Na conclusão de cada ciclo, a escola confere ao sujeito-aluno um saber suposto através de um canudo, diploma que às vezes atesta o seu grau de conhecimento, mas às vezes é vazio, oco, posto que o saber desse aluno não confere com o sentido da colação de grau e assim a escola aplica a brincadeira do "passa anel", solicitando a cada um que o guarde bem guardadinho, na tentativa de achá-lo, testando assim o seu saber. Para desvelar como o processo educativo foi se configurando, uma escuta da formação discursiva presente em alguns momentos da história da educação é um bom começo e para não recuarmos muito nesse tempo, principio uma análise das tendências pedagógicas pela década de 1970.

*A educação afetada pela técnica.* Pautou-se no ideário da ditadura militar e pregava que a educação era um campo de estímulo-resposta e de condicionamento, tomando como referência a análise experimental

de comportamento, ou seja, o behaviorismo. Nesta concepção, não houve lugar para falar do afeto, posto que, no período, as relações afetivas estavam trancadas no cofre, havia controle no encontro com o outro pela via de apreender a técnica como uma trama para que os sujeitos não se encontrassem.

*A educação afetada pela natureza.* Começam a surgir escolas alternativas, as quais pensavam a criança como seres ligados à natureza. A palavra energia tinha eco na fala do professor e serviu para escutar o desenho do corpo, para desmontar as armadilhas da dicotomia entre cognição e afeto e desatar os nós da racionalidade instrumental tão presente na sala de aula. A crítica à pedagogia tradicional pregava que não bastava ensinar a ler e escrever, mas também a escola devia ser o lugar de orientar sobre a sexualidade. A melancolia pedagógica apregoa que o inconsciente não se constitui sem a figura de um Outro, de um ser que assuma, nos diversos contextos histórico-sociais, esse lugar de alteridade em que o sujeito se constitui.

Parece que a escola está preocupada apenas com a transmissão de conteúdos pedagógicos e de forma atávica é proibido falar sobre os afetos ambivalentes: riso, ficar, libido, silêncio, corpo etc. A escola pode assumir um lugar e posição de laço entre o conhecimento teórico e o conhecimento subjetivo, o qual o sujeito-aluno por sentir, lhe outorga o direito de existir, posto que a escola precisa estar enlaçada com Eros e Thanatos, considerando que o sujeito e, em especial, o sujeito-adolescente revela, no seu corpo, fala e silêncio, esses afetos latentes. Nesse sentido, o jovem encontra-se imerso por um desejo de afeto, o que o leva a buscar, a vaguear na ilusão de encontrar um outro que possua o que ele busca. O *ficar*, conhecido também com o antigo flerte ou paquera, constitui-se numa espécie de jogo erótico, talvez para ver a cortina do palco se abrir e ele estrear como se dá o encontro com o outro.

> Por isso o adolescente se apresenta como vários personagens: é uma combinação instável de vários corpos e identidades. Não pode, ainda, renunciar a aspectos de si mesmo e não pode utilizar e sintetizar os que vai adquirindo, e nessa dificuldade de adquirir uma identidade coerente reside o principal obstáculo para resolver sua identidade sexual. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 15)

Observa-se nesta citação que o adolescente mostra-se metamorfoseado, mas ao mesmo tempo tem e não quer perder seu traço identitário, outros traços vão se juntando e revela ter dificuldades de fazer o luto do corpo infantil, abandonar a imagem de si mesmo construída pela família, se olhar no espelho e ver uma pseudo unidade, daí a busca incessante de utilizar seu corpo e seu lugar próximo a outro corpo, na dúvida fugaz que pode encontrar esse outro, o qual possa responder : quem eu sou?

É possível que o fazer escolar possa estar na platéia: olhando, dialogando, aplaudindo e silenciando e não permitir que o tema seja tratado de forma intoxicada pela fisiologia do corpo humano e neste o desejo é foracluído e, mais que isso, o quadro negro não permite ver as inscrições do que foi insinuado na aula do professor, porque estão perdidas atrás do pó de giz.

O sujeito aluno quando chega à escola traz de casa sua opinião sobre o afeto e queixa-se o quanto os pais exigem saber com quem anda para possivelmente dizer quem o é.

> Quase todos já sabem que a liberdade sexual não é promiscuidade, porém sentem e expressam a necessidade de fazer experiências que nem sempre são totais, mas que precisam viver. [...] Exigir informação é tão patológico como proibir e é muito diferente de escutar. Falamos já da importância da palavra. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 21)

Trazer essa citação de vinte e sete anos atrás significa dizer que a análise sobre a sexualidade do jovem tem raízes em alguns pressupostos nascidos da psicanálise. É uma citação que parece ter sido pensada na atualidade. Será que pais e professores têm se preocupado com a leitura que o mestre nos ensinou? Observa-se que o adolescente marca a diferença entre liberdade sexual e promiscuidade, sabe que o afeto é faltante, mas nem por isso o inibe de buscar. O curioso é que os pais exigem saber com quem se relacionam em lugar de uma escuta em que a palavra tenha dialogicidade e eroticidade.

A psicanálise é o lugar em que podemos comer e beber do banquete do afeto. Freud escreveu sobre o afeto na adolescência no seu texto publicado em 1905: *Três ensaios sobre a sexualidade*. O autor enfatiza

que a fase da puberdade traz mudanças fundantes às pulsões do sujeito. O que estava no campo do auto-erótico agora ocorre o desligamento das figuras parentais, quando busca fazer outros laços afetivos.

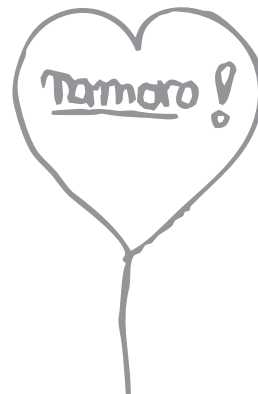
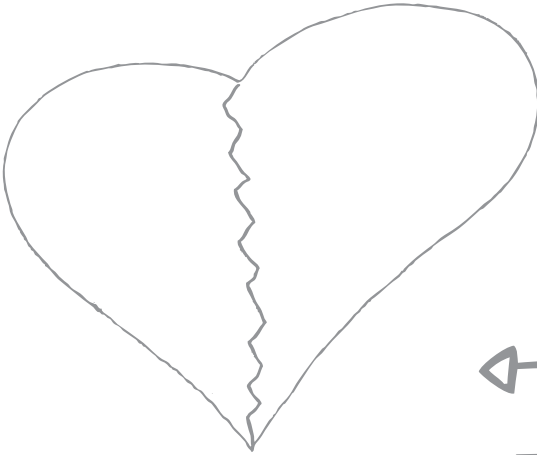
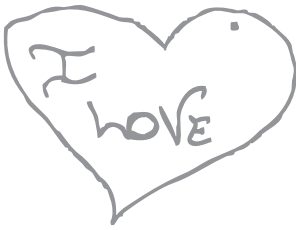
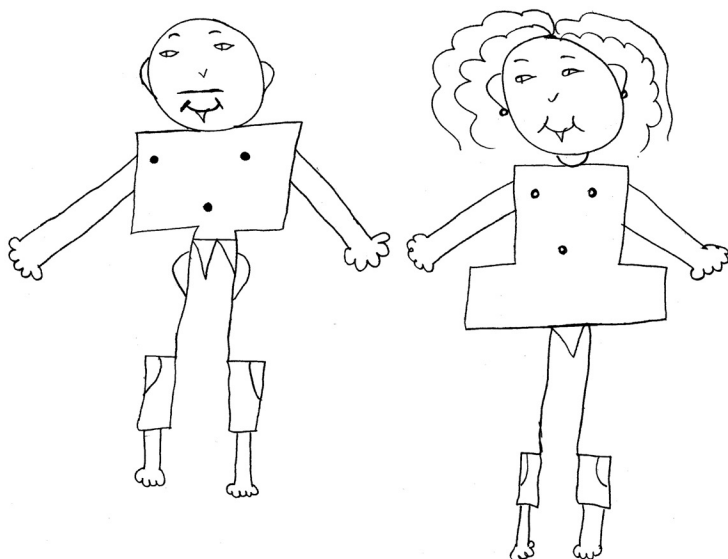
O adolescimento coloca pais e professores a fazerem uma pergunta: de que forma reconheço esse sujeito, na condição de criança ou no lugar de adulto? É possível pensar que a sociedade contemporânea não ajuda o adolescente a se reconhecer como adulto, quando incita a busca incessante de bens de consumo, o culto pela boa forma, a ditadura do ter em lugar do ser, na lógica de que ficar é ter um objeto e assim vê-se senhor ou senhora, dono(a) de um bem e que não pode ser confundido com um bem querer. A oferta do princípio do prazer é barateada, tem pouca durabilidade e a velocidade da informação se confunde com a ilusão de completude que num passe de mágica se perde no ar. Nesse momento o jovem diz, ainda que inconsciente: o que procuro parece ser o que perdi. Nesse sentido, Cardoso escreve sobre as perdas do adolescente:

> As perdas são realmente significativas e podem, muitas vezes, ser vividas com intensa angústia: perda da condição infantil, dos pais da infância, do corpo infantil, dos antigos referenciais identificatórios. Diante disso o ego será convocado a iniciar um trabalho de elaboração de luto, desinvestindo os antigos objetos para, então, vir a criar laços com outros objetos. (2006, p. 159)

Parece que esse criar laços está longe de ser algo parecido com o cativar, presente no diálogo contido na obra de Exupéry, O pequeno príncipe. O sujeito jovem vê-se (des)enlaçado, vazio, inseguro, confuso porque pais e professores e sociedade oscilam diante da tarefa de educar, não sabem ensinar como deve criar laços. Assim posto, o jovem se vê perdido, no desejo de encontrar um outro, um outro e um outro infinitos. Nesse movimento, a repressão da família e da escola favorecem que a culpa e a angústia se presentifiquem: não podendo ser tudo, se vê como o nada quando se aniquila à impotência. Na medida em que o jovem deseja gozar, lhe é comunicado que ainda não é hora. A fala de Calligaris referenda o dizer:

> Seus corpos, que se tornaram desejantes e desejáveis, poderiam lhes permitir amar, copular e gozar, assim como reproduzir. Suas forças poderiam assumir qualquer tarefa de trabalho e começar a levá-los na direção de invejáveis sucessos sociais. Ora, logo nesse instante, lhes é comunicado que não está bem na hora ainda. (2000, p. 15)

Pais e professores não reconhecem o cognitivo, o afetivo, o corpo e o desejo do jovem. A consigna é: você é muito criança para *ficar* ao mesmo tempo com um(a) e outro(a) na escola e no mesmo tempo: você já é adulto para *ficar* dessa forma na escola, precisa se fixar... Essa ambivalência, a qual lhe é outorgada, a depender do ato afetivo revelado, ora é colocado no lugar de jovem e ora de adulto e sua identificação mostra-se clivada, ou seja, marcada pela dúvida, se metaforicamente o filme "é próprio ou impróprio para menores de dezoito anos".

I love
Tamaro!

Como é o ficar dos Jovens?

" Hoje em dia o
ficar dos jovens são
coisas que inexplica-
veis, os jovens são
ficar por diversão...
Muitos jovens pensam
no futuro e muitos
não.
Por isso digo: Ficar
não é um bom futu-
ro!
Estudar sim! "

Desenho 6

## DESENHO 6

O sujeito esboça um desenho de um casal como se estivesse exposto numa vitrine, não há movimento, é um casal estático. Percebo que ambos usam escudos, semelhantes às armas defensivas. Olhando bem, passa aos meus olhos que há no peito uma placa de material resistente e que serve para proteger o corpo das armas do outro. Vejo como se fosse um amparo, uma proteção, defesa. Indago: será que o ficar para esse sujeito é chegar prevenido porque não sabe o que lhe aguarda nessa relação?

TÍTULO:

*Como é o ficar dos jovens*? O título não é uma afirmação, é uma interrogação. Parece haver curiosidade, é uma pergunta de quem parece desconhecer o fenômeno, talvez de um sujeito que ainda não experimentou essa forma de relação e possivelmente tem críticas sobre o fenômeno.

DESCRIÇÃO:

*"Hoje em dia o ficar dos jovens são coisas inexplicáveis, os jovens ficam por diversão... muitos jovens pensam no futuro e muitos não. Por isso digo: ficar não é um bom futuro! Estudar sim!"* O sujeito diz que é difícil explicar o ficar, passa uma idéia de que o ficar não combina com o futuro e que é mais negócio estudar. Observo nessa descrição um afeto rarefeito de erotização, bem como uma forma um tanto quanto preconceituosa de fazer a leitura do ficar. Essa descrição e o desenho parece que se complementam, há um escudo blindado sobre o ficar nesse sujeito, estudo e sexualidade estão separados, o primeiro faz futuro e o segundo passa a ser uma foraclusão.

"Fica, não quero compromiso"
Fica em 2008 é moda
No século 21 fica é igual a roupa vira um estilo e moda
A moda do jovem de hoje. Eles só querem fica sem compromiso

Desenho 7

## DESENHO 7

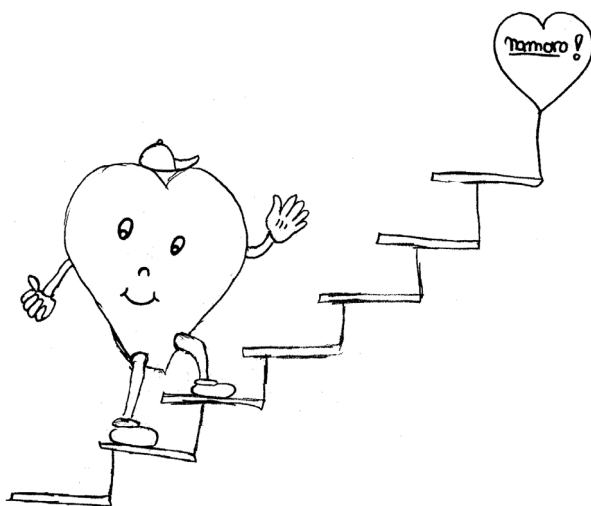
É um casal em perfil e se olham, onde aparece apenas a cabeça até o pescoço desenhado na linha de base da folha de papel. Parece haver uma tensão na expressão corporal e no olhar. Em meio ao par, um dizer emerge: *no século 21 ficar é igual a roupa, vira um estilo e moda*. É uma fala que denota que o ficar tem cheiro e gosto de estilo e moda, ou seja, não há um estilo pronto e determinado, o ficar sofre processos metamorfósicos, pode evoluir para as etapas do pegante, ficante e namorante.

TÍTULO:

*"Fica, não quero compromisso"* Há ainda um sub-título que diz: *Fica em 2008 é moda*. A falta de compromisso no ficar se revela nesse título, ou seja, o desejo de ser livre, de não ser amarrado ao outro e adiante o mesmo sujeito verbaliza que é moda o ficar em 2008. Pergunto: um fenômeno que já acontece há dez anos, por que somente agora encontra-se na crista da onda?

DESCRIÇÃO:

*A moda do jovem de hoje. Eles só querem ficar sem compromisso*. O sujeito continua usando o significante moda para o fenômeno ficar entre os jovens. A forma como diz parece que se exclui do movimento, ou seja, fala do outro, do descompromisso do outro, expressando assim que denega, mesmo sabendo que o jovem que fica está na moda, mas prefere assumir o lugar e a posição do não ficante, ou seja, daquele que se vê fora da moda nem que seja de forma velada.

O que é Ficar?

"Ficar é um dos estágios para um relacionamento mais profundo, é como subir alguns degraus na escada do amor"

Desenho 8

## DESENHO 8

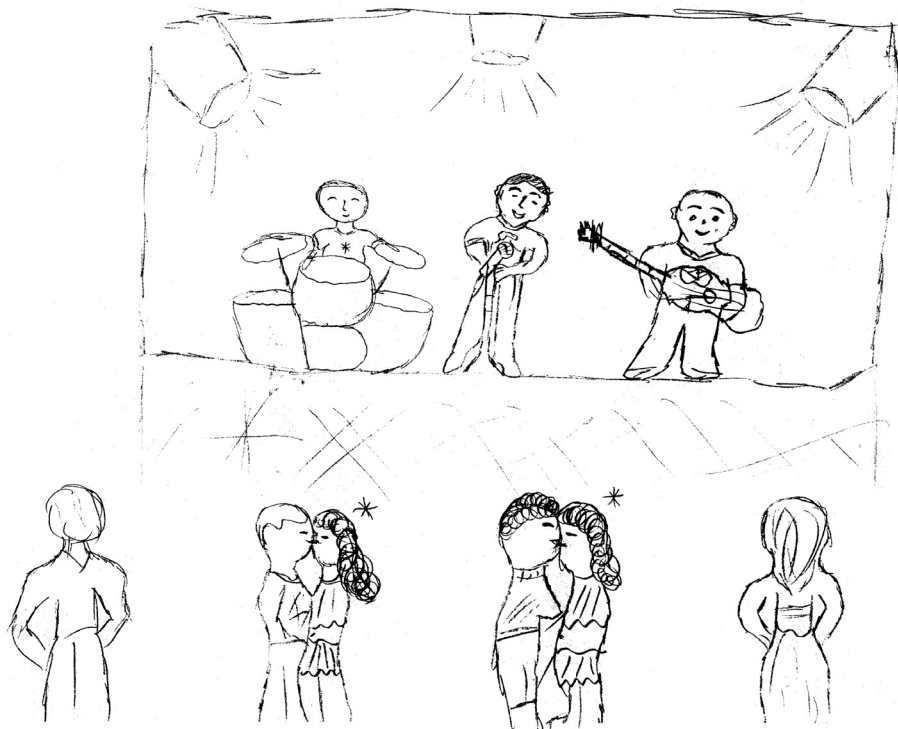
O desenho do sujeito expressa que o corpo da figura humana é um coração com semblante de rosto sorridente, há braços e pés e que se encontra entre o segundo e o terceiro degrau de uma escada de sete degraus. No último, vê-se uma placa em forma de coração escrito no seu interior: *namoro!* O ficar para esse sujeito é um processo que se principia e pode dar continuidade até se chegar a uma forma de relação mais estável. Para tanto, o sujeito precisa de um corpo em forma de coração para possivelmente sustentar o compromisso dessa escalada.

Título:

*O que é ficar*? Esse sujeito tem dúvidas, pergunta, quer saber sobre esse fenômeno, talvez saiba mas não sabe o suficiente e quer saber mais, não sabendo ele que por mais que saiba sempre ficarão conteúdos por saber, considerando que somos mesmo sujeitos da incompletude.

Descrição:

*Ficar é um dos estágios para um relacionamento mais profundo, é como subir alguns degraus na escada do amo*r. O sujeito mostra nessa descrição que o ficar é uma etapa que ele nomeou de estágio para se chegar a uma relação mais comprometida com o afeto.

O que é ficar para mim em um show?

"É ficar com vários garotos sem se contentar.
Ou seja pegar um pegar geral.
Isso que é ficar em um show Para mim."

Desenho 9

## DESENHO 9

O sujeito expressa o ficar pela via de uma festa. Esboça um palco onde uma banda parece emitir algum tipo de som e, em frente do palco, há alguns figurantes dispostos na sequência: um rapaz desacompanhado que olha para a banda (e nesse caso não vejo sua fisionomia); em seguida, dois casais dançantes se beijam e parecem estar embalados pelo som do ambiente. Para concluir a sequência, uma mulher posiciona-se solitária olhando para a banda (também não consigo ler o seu semblante). O desenho me sugere que numa festa há ficantes e não ficantes. Indago: os não ficantes querem mesmo olhar para a banda? Ou se escondem nesse olhar porque não conseguem olhar para o outro ou ser olhados?

Título:

*O que é ficar para mim num show*? É também uma pergunta que se repete. Parece que esse sujeito nem mesmo sabe o que o fenômeno ficar representa. É uma pergunta que não para de não se inscrever posto que respondê-la está na ordem do real, ou seja, do impossível.

Descrição:

Encontra-se no verso: *"É ficar com vários garotos sem se contentar, ou seja, pegar geral. Isso que é ficar em um show para mim"*. Essa fala me remete ao comportamento bulímico daquele sujeito que sofre do sintoma de comer de forma voraz todos os alimentos que se apresentam a sua frente. Não há sedução, escolha, encontro com sua semelhança e ou diferença, o que há é desejo de totalidade de ser *todo* talvez para não ser *nada*.

"Ficar é prazer e curtição"

"Ficar é prazer e curtição"

"Ficar na verdade, é nada mais e nada menos, que trocar prazeres, por um tempo, uma curtição!"

Desenho 10

## DESENHO 10

Revela-se que o espaço geográfico seja uma boate. Enquanto o coletivo dança à luz do *neon*, o casal coloca-se atrás da pilastra numa posição erótica em que a moça se posiciona escanchada no rapaz e beijam-se. O curioso é que mesmo nesse momento sagrado segura a garrafa de bebida, talvez para o etílico sustentar o momento fugaz de um prazer que tem hora marcada para morrer.

Título:

*Ficar é prazer e curtição*. O sujeito diz que o fenômeno ficar está envolto de prazer e curtição. Ponho-me a pensar: prazer e curtição podem ser construtos que podem ser amalgamados com o compromisso, com o laço e com o encontro? Às vezes, penso que essa fala passa algo em que o prazer e o curtir são atos levianos, despidos de seriedade.

Descrição:

Encontra-se no verso: *"Ficar na verdade, é nada mais e nada menos, que trocar prazeres  por um tempo, uma curtição"*. O sujeito parece ter uma verdade sobre o ficar, a põe numa balança aferida, ou seja, nem mais nem menos quando se fala de trocas de afetos. Penso que é uma descrição que faz avançar em relação ao título, agora há trocas pelo menos por instantes, mas a fala do sujeito insiste na curtição.

## *Capítulo 2*
## *FICAR*: ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER?

### Já sei namorar[4]

Já sei namorar
Já sei beijar de língua
Agora só me resta sonhar
Já sei onde ir
Já sei onde ficar
Agora só me falta sair

Não tenho paciência pra televisão
Eu não sou audiência para a solidão
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem (bis)

Já sei namorar
Já sei chutar a bola
Agora só me falta ganhar
Não tenho juíz
Se você quer a vida em jogo
Eu quero é ser feliz

Tô te querendo
Como ninguém
Tô te querendo
Como Deus quiser
Tô te querendo
Como eu te quero
Tô te querendo
Como se quer

[4] *Já sei namorar*. Composição: Marisa Monte, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes.

Esta canção, hit dançante e provocativo das baladas dos adolescentes, tocada de forma repetitiva até a exaustão, é convidada a fazer moldura nas nossas reflexões sobre *o ficar*, fenômeno próprio das relações afetivas dos adolescentes, que marca o espaço e o tempo do que hoje nomeamos contemporaneidade, em que brevidade, imediatismo, fugacidade e descompromisso caracterizam as relações com o outro. O encadeamento dos versos, sustentado no refrão, inscreve essa modalidade de relacionamento, nomeada pelos compositores como namoro, neste novo tempo em que vivemos a falta de laços, de enraizamento, de não pertencimento. Segundo Bauman (1998), vivemos hoje o chamado "tempo real", em que as distâncias se encurtam de tal forma a tornar tudo imediatamente presente, instantâneo, *fast food* e isto tem marcado fortemente os relacionamentos amorosos. Esse cenário em que emerge essa nova forma de se relacionar leva-me a perguntar: o *ficar* obedeceria à mesma lógica que rege outros tipos de relacionamento? Se analisássemos o caráter provisório e efêmero que estaria presente, por exemplo, na abreviação dos vínculos empregatícios e na rarefação de relacionamentos outrora sólidos e duradouros tais como os de vizinhança e os parentais, diria que sim. Tais exemplos fazem-me pensar que vivemos hoje uma condição de aceleração do tempo, alargamento de espaço e movimentação humana sem precedentes na história da humanidade, que nos impõe uma fragilidade, quiçá, um impedimento no estabelecimento de vínculos afetivos duradouros, estáveis, na maior parte dos nossos relacionamentos, sobretudo, nos amorosos.

Lidar com os afetos na adolescência envolve conflitos, dificuldades entre os pais, a escola, a sociedade. Os temas ligados à sexualidade envolvem segredos, proibições, tabus, preconceitos, dificuldades, descobrimentos, como vimos nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, apresentados na análise dos dados. O adolescente ocupa o lugar de *entre* no percurso para se fazer adulto, isto é, situa-se entre a infância e o mundo adulto, momento de desenvolver e orientar em diferentes sentidos o que ficou de tom afetivo das relações constitutivas na infância. O adolescente é confrontado com necessidades de escolhas e definições a partir dele, da família, da sociedade. Isso leva ao questionamento, à reflexão: Quem sou? Como serei? O que desejo? O adolescente está na

busca de saber de si, do mundo, do desejo do Outro. A adolescência nos leva, por isso, ao espaço de reflexão sobre a autonomia, a capacidade de escolha e de tomar decisões. Mas, neste momento em que estamos imersos em uma sociedade da mobilidade, da flexibilidade, da plasticidade, da efemeridade e da provisoriedade, o protagonismo do adolescente brasileiro parece enredar-se numa teia complexa de fios (in)visíveis que tecem a trama do tornar-se adulto, em uma cultura que enaltece o novo, que possui o desprendimento como norma, que venera o desconhecido, o diferente, e que busca, incessantemente, como princípio a satisfação imediata de seus desejos, que não podem ser postergados, muito menos adiados e frustrados. O princípio de prazer determina o prazer e impede o desprazer. Freud (1920) pontuou o conceito do princípio de prazer nos primórdios da vida, como a tendência imperiosa para alcançar o prazer. As catexias da energia impulsiva são descarregadas e quando há um represamento da libido não liberada, esta se transforma em ansiedade, fato observável no adolescente quando inicia sua vida sexual. Na maturidade há um aumento gradativo na capacidade do sujeito para adiar a obtenção do prazer e o apaziguamento do desprazer. Para o adolescente, esse fenômeno é observado pelo avesso, ou seja, a busca do prazer imediato, a exemplo do *ficar* e a frustração quando não consegue atingir seus desejos e necessidades.

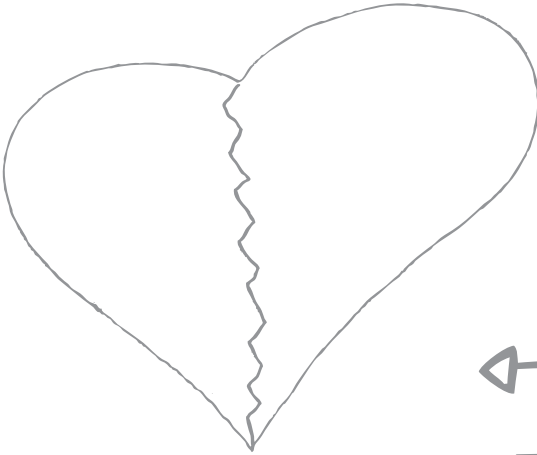
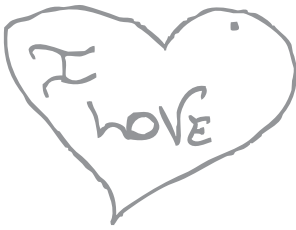
Em relação à questão cultural indago: que tipo de cultura está subsidiando o ser adolescente na contemporaneidade? Que tipo de sexualidade ele está inventando para situar-se em sua época? A contemporaneide mostra para o adolescente o mundo imagético, é um mundo colorido, de boa forma, ilusório. O outro torna-se o espelho de si mesmo. O ficar seria a banalização de si mesmo e do outro; quando o sujeito, ao transformar o outro com quem fica em objeto do seu desejo, ocupa, na mesma medida, o lugar e a posição de objeto descartável.

Neste sentido, vivemos numa sociedade vitrine, consumista, narcisista, que impele o adolescente a não enxergar a sexualidade como parte integrante do ser, para ser visualizada apenas como expressão do corpo biológico ou o resultado exclusivo do funcionamento glandular. A sexualidade, expressão do ser que deseja, escolhe, ama, que se comunica com o mundo e com o outro, é uma linguagem muito

mais humana quanto mais pessoal for; ela precisa estar a serviço de um projeto de vida e não de uma coleção de sensações que por mais intensas que sejam, escapam ao sujeito, por se constituírem efêmeras e fugidias. Essa ilusão de poder ter sob sua posse o outro, ocupando nesta relação descartável, fugidia e descompromissada, lugar e posição de objeto, é oportunamente ilustrada no seguinte trecho da música que serve de epígrafe a este capítulo e que virou hit das baladas dos adolescentes: *"Não sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também"*. O outro se torna imagem de si, na medida em que ambos os sujeitos ficantes vivem a ilusão de possuir um ao outro e de usarem-se ao seu bel prazer. Paradoxalmente, ambos, ao usarem o outro na busca da satisfação do prazer imediato, se vêem reduzidos à condição de objeto. O sentido da alteridade vai perdendo força, na medida que o afeto, menos valorizado que o desempenho, vai sendo posto à margem. É desse contexto narcísico de satisfação que emergem a intolerância, a violência, a desconfiança para com o outro. O adolescente vive a tensão gerada pela transição do paradigma do "amor romântico" para o do "amor confluente", oriundo das forças psicossociais da atualidade, expressão dos avanços das conquistas de maior igualdade nas relações de gênero, da liberdade quanto às escolhas de parceiros e interrupções de relacionamentos conjugais e, também, expressão da maior mobilidade espaço-temporal do sujeito na contemporaneidade.

A fim de situar historicamente esse fenômeno, reporto-me à sua origem, na década de 80 do século passado, onde emergia a "amizade colorida", relação sem compromisso entre rapazes e moças, a sinalizar que estava surgindo uma nova modalidade de namoro, dando margem a novas conceituações, provocando mais tarde, na década de 90 deste mesmo século, um novo tipo de relação, *o ficar*, caracterizado por ser episódica, ocasional, passageira, fortuita, fugaz, volátil, superficial, sem maiores conseqüências ou envolvimentos profundos.

A prática mais comum do ficar envolve beijos, abraços, carícias e amassos, revelando a necessidade de tocar e ser tocado. Esse encontro de um dia, uma noite ou de algumas horas apenas, começa com uma simples troca de beijos e que pode, ocasionalmente, chegar a uma relação sexual, é interpretado como sendo um código de relacionamento

marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer imediato. "Ficar com é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro, sem se comprometer. É um exercício de sedução" (CHAVES, 1994, p. 12). A sedução entendida como investimento libidinal que envolve a atração, o encantamento do outro para conquistá-lo. Laplanche e Pontalis (1992, p. 469) pontuam que a sedução pode ser considerada como a "cena real ou fantasmática, em que o indivíduo sofre passivamente da parte do outro, propostas de manobras sensuais".

Diante do exposto, percebemos que o mundo contemporâneo, se tem favorecido a aproximação entre as pessoas, não sustenta a formação de laços duradouros. Nesta lógica de compreensão do tempo e do espaço, as relações passam a ser fluidas, breves, diversificadas e instáveis. O amor romântico torna-se extemporâneo, dando lugar a uma forma de amor mais volátil, o amor confluente, em que o afeto e o relacionamento são contingentes e baseados numa negociação correspondente aos seus interesses e inspirada em valores de igualdade entre as partes. O amor confluente pode ser descrito com os versos do poeta Vinicius de Moraes, em *Soneto da Fidelidade*: *"que não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure"*.

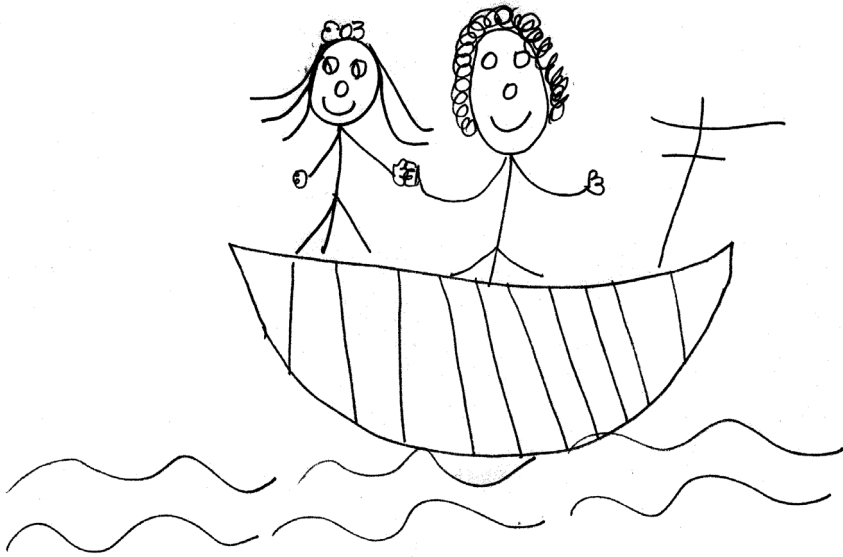
Em o mal-estar da pós-modernidade, Bauman (1998) diz: "os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer, que tolera uma segurança individual pequena demais". (p. 97)

Diante de tantas incertezas e conflitos, para escamotear a falta constitutiva, o jovem busca o prazer imediato, demanda a presença do outro, possivelmente para se contrapor à solidão, à falta de afeto, ao sofrimento de ser um sujeito que precisa gozar a qualquer preço, como quer a sociedade globalizada e que, ao não conseguir viver sua sexualidade de maneira satisfatória, fabrica sintomas para dar conta dela e podemos dizer que o *ficar* é um sintoma dessa geração. Como o sintoma traz em si um misto de dor e prazer, o sujeito goza no seu sintoma e enredado na ilusão da completude que a sociedade contemporânea vende como

possibilidade de ser Todo e UM, o adolescente, como posto na canção que abre essas reflexões, repete-se em refrão: *"Já sei onde ir, agora só me falta sair, agora só me falta ganhar, agora só me resta sonhar, se você quer a vida em jogo eu quero é ser feliz"*.

Deste modo, podemos dizer que esta relação afetiva que chama a atenção de pais, educadores, pesquisadores e profissionais que lidam com adolescentes parece não dimensionar o sentido escandido para aquém e além do princípio de prazer, mas uma relação pulsional sustentada na transitoriedade do fenômeno *ficar*, na tentativa de colocar o colchete para sustentar a realidade e o prazer.

I love
Tamoro !

"Ficar é diversão pura..."

Temos que ficar com consciência...
E não achar que ficar é só uma
viagem louca!
Pois a viagem pode acontecer...
Mas será que vai voltar?

Desenho 11

## DESENHO 11

Um casal que apresenta um esquema corporal estereotipado. Encontram-se de mãos dadas, navegam num barco sobre as águas. No semblante do par vejo expressão de contentamento.

Título:

*Ficar é uma diversão pura...* É um dizer que me convida a pensar e a sentir que o ficar é puramente estar num parque de diversões. Pergunto: Não se aprende no ficar? O ficar não favorece o iniciar da sexualidade? O ficar não seria o encontro das diferenças e isso não seria uma grande aprendizagem?

Descrição:

*Temos que ficar com consciência e não achar que ficar é só uma viagem louca! Pois a viagem pode acontecer, mas será que vai voltar*? A fala desse sujeito me faz retomar o conceito de consciente e inconsciente. É possível que ele queira dizer que ficar se situa no campo do inconsciente e nos convida a ficar com a idéia em que os arquivos incandescentes fazem inscrições nessa viagem enlouquecida, esta pode ter horário de partida, mas o sujeito indaga se tem hora de chegada! É um dilema, predizer o que pode ocorrer com os encontros do ficar é uma tarefa difícil.

FICAR A ARTE DO CONHECER

"UM RELACIONAMENTO RÁPIDO"

Desenho 12

## DESENHO 12

É um desenho que se encontra no campo do sexual. Ambos em perfil mostram-se nus, os corpos afastados, embora estejam ligados por algo que podem parecer compridas línguas que se tocam. Enquanto que ele toca com uma das mãos um dos seus seios, ela toca o sexo dele, o qual se encontra em ereção. É um desenho que revela o ficar na intimidade, no desejo de experimentar uma relação sexual, mas fica registrado que não se vê afeto, laço e encontro, em lugar, observa-se o sexual se sobrepondo à sexualidade.

Título:

*Ficar a arte do conhecer*. O sujeito fala que no ficar tem arte e para tanto precisa ser conhecido. Entendo que se conhece no ato ficar, mas busco encontrar um meio de dizer, ou melhor, de perguntar e que não pareça preconceito: o que representa o ficar que já começa na relação sexual? É uma questão que sabemos respondê-la, sabemos que no ficar também acontece o sexo mas a pergunta insiste em dizer: o que representa o ficar que já inicia com o sexo?

Descrição:

*Um relacionamento rápido*. Este discurso confere ao ficante a outorga de uma sentença: Ficar é um relacionamento rápido. Busco encontrar uma saída: por que o ficar seja pautado num tempo? Será que nossas relações não são atemporais? Ainda bem que o sujeito nomeia o ficar de relacionamento, o qual pode ser mediado pela relação? Mesmo que não seja amorosa, mas ficante?

Amor di primeira Vista

Esti desenho esta representando um primeiro encrontro di ficando, elis esta se conhecendo um olhando para o outro olho no olho, e os labios desejando um beijo um do outro. Ele esta olhando no olho dela e perguntando quer ficar comigo gata, e ela respondi e Você tá afins di namorar comigo ou só ficar pa fica!

Desenho 13

## DESENHO 13

O desenho tem algo do amor romântico. O par encontra-se em situação de ficar com os corpos unidos num jardim, murmuram afetos e sobre suas cabeças pairam quatro corações os quais podem simbolizar afetos manifestos.

Título:

*Amor de primeira vista*. Penso que esse título me leva a sentir que o sujeito tem a concepção do ficar tal aquele amor engendrado no romântico. Na primeira troca de olhares nasce o amor. Esta é uma relação que já tem na sua origem o afeto que se mistura com o desejo de encontrar uma pista para dar início à empreitada.

Descrição:

*Este desenho está representando um primeiro encontro de ficando. Eles estão se conhecendo, um olhando para o outro, olho no olho e os lábios desejando um beijo um do outro. Ele está olhando no olho dela e perguntando. Quer ficar comigo gata? E ela responde e você tá a fim de namorar comigo ou só ficar por ficar?* É uma descrição minuciosa que aponta para o encontro, o desejo, o olhar. É uma abordagem que lembra o enigma da esfinge: ambos decifram ou devoram o fenômeno ficar.

A garota está ficando com um cara e
já está passando seu número para um
segundo cara, se ela ficar com um por
muito tempo vai acabar se apaixonando
e é proibido se apaixonar quando só
se está ficando.

Desenho 14

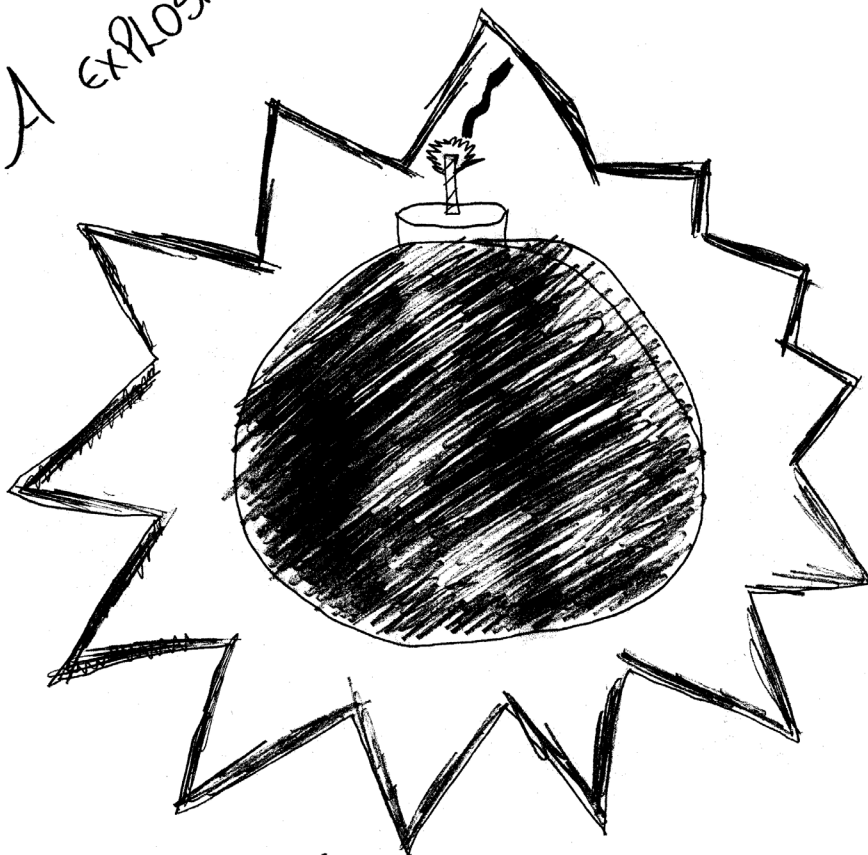
**DESENHO 14**

Em grande medida, o desenho expressa a lógica do ficar, ou seja, nem bem começa, paira no ar e na terra. Eis que um desejo de um outro faz sombra e o primeiro da relação se transforma em excluído, descartado posto que há outro na fila, este, em meio ao triângulo já recebe o número do telefone da garota que no ato ficante já deseja um outro como também sente-se desejada. Acima da cabeça da menina há uma nuvem, um coração ocupa o lugar de centro e este está interditado.

Título:

*Proibido se apaixonar*. É a fala do sujeito que foi convidado a realizar essa tarefa, fala marcada pela lei, pelo interdito, posto que se apaixonar no ato de ficar parece ser ilícito. Se o jovem se apaixona pode perder sua liberdade de ser metaforicamente um beija-flor, o olhar do colega é de espreita, arregala os olhos para vigiar se o ficante vai quebrar a norma de que não se pode apaixonar-se no ficar.

Descrição:

*A garota está ficando com um cara e já está passando seu número para um segundo cara, se ela ficar com um por muito tempo vai acabar se apaixonando e é proibido se apaixonar quando só se está ficando*. Parece que no ficar não se pode perder tempo, a efemeridade da convivência do par parece ser algo fóbico, ou seja, não se pode demorar porque pode ser tocado (a), flechado (a). Penso: esse ato ficante tem relação com a modelagem da educação repressora na família e ou na escola? Ou seja, o jovem vem respondendo a esse tipo de educação (ficar) pelo avesso?

A EXPLOSÃO
FICAR AO MEU VER É UMA
EXPLOSÃO DE SENTIMENTOS E DE MUITO DESEJO

Desenho 15

## DESENHO 15

O desenho é expressivo: lembra uma bomba, um dinamite prestes a explodir. Esse tem no seu ápice o dispositivo preparado para ocorrer a explosão. No seu entorno, observam-se pontas que revelam algo parecido com uma grande estrela que parece proteger o projétil. Pode-se pensar que essa bomba não tenha aparentemente efeito danoso, mas algo de afeto arrebatador que pode explodir por alguns minutos, mas logo, logo não se houve mais barulho, o silêncio é mórbido.

Título:

*A explosão*. Parece-me que esse título corrobora o que é expressivo no desenho. Explosão é sinônimo de descarga, mas essa não tem cheiro de destruição, mas de emoção que faz o coração bater forte querendo *sair pela boca*.

Descrição:

*Ficar ao meu ver é uma explosão de sentimentos e de muito desejo*. O desenho, o título e a descrição engendram-se num laço muito parecido. É uma bomba anabolizante que faz o sujeito se fortalecer de afetos prazerosos. O problema parece ser o após ficar, essa explosão se transforma em quê? Em cinzas, pedaços, demolição? Não sei, continuo sentindo e pensando sobre o ruído desta explosão...

## *Capítulo 3*
## NAS TRILHAS DO *FICAR*

Na trajetória da pesquisa, podemos considerar o método como uma arte que possibilita a decolagem da pesquisa, ao exigir habilidade e delicadeza no trabalho de usar os instrumentos de coleta, para apreender dados, relacioná-los e contextualizá-los em "busca da questão que não tem resposta evidente e que constitui o ponto de origem da investigação científica" (GATTI, 2002), possibilitando-nos contextualizar o objeto da pesquisa e fazer as interpretações a respeito das inquietações propostas, a partir da coleta de dados. Deste modo, ao mergulhar no universo da escola e observar o que acontece com os alunos em suas relações afetivas, estivemos atentas não só ao dito e manifesto, mas ao que acontecia no entorno das falas e dos silêncios, ao que se apresentava de forma latente e procuramos interpretar, assim, o conteúdo das falas, ultrapassando a mensagem.

A pesquisa se delineou do tipo qualitativa, uma técnica interpretativa que visa descrever e decodificar os componentes de um determinado sistema, traduzindo e expressando o sentido do fenômeno pesquisado. Outra característica é a redução da distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação, pela obtenção de dados descritivos, mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, na busca de compreender o fenômeno pesquisado a partir da perspectiva dos participantes (MINAYO, 1999). O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal e espacial que define o campo e a dimensão em que o trabalho se desenvolverá. A esse respeito André (2005) pontua: "As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de construção

do conhecimento e que concebe a realidade como construção social" (p. 47). O estudo do tema, no seu cenário natural, busca investigar os adolescentes com relação aos afetos nos espaços da escola, de que forma são construídas essas relações afetivas e as possíveis mudanças na forma de amar desses sujeitos.

Nas *trilhas do ficar*, apoio-me em alguns suportes teóricos da psicanálise e seu instrumento de trabalho, ou seja, a fala e a escuta dos ruídos e silêncios, para identificar afetos, observar e apreender o fenômeno do *ficar*.

## *LÓCUS* DA PESQUISA

Como professoras pesquisadoras, ocupamos os espaços escolares elegendo como *lócus* de trabalho escolas que representam o ensino público correspondente ao fundamental (classes de sétima e oitava séries) e do ensino médio (classes do primeiro e segundo anos), para compreender o *ficar na escola* e observar questões como: o lugar ocupado é uma escolha ou imposição? As atividades são construídas ou repetidas? Há um pensar no conhecimento de si e do social? Como se dá a relação com os desejos dos alunos e com as propostas de ensino a eles dirigidas? Por que o *ficar* tem sido uma opção procurada cada vez mais cedo? Será que os alunos buscam sexo ou sexualidade?

Escolhemos três escolas da rede pública estadual, duas de Salvador (*Escola Pegante* e *Escola Namorante*) e uma de Feira de Santana (*Escola Ficante*), município situado a 110 Km da capital baiana.

A *Escola Ficante* situa-se no bairro Caseb, habitado pela classe média baixa, porém a escola apresenta bom estado de conservação e organização, evidenciado na presença de murais informativos.

A *Escola Pegante* situa-se na Pituba, bairro de classe média de Salvador. Tem uma boa estrutura física, composta por 23 salas de aula, sala da direção, sala para a vice-direção, sala para os professores, duas salas amplas para os secretários e agentes, uma biblioteca, laboratório de Química, laboratório de Informática e laboratório de Biologia, duas quadras e espaços amplos para circulação. Também tem câmaras filmadoras espalhadas pelos corredores.

Esta instituição funciona nos três turnos, sendo que no matutino atende 902 alunos do Ensino Fundamental II, no vespertino atende 1.107 alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio e no noturno atende 813 apenas do Ensino Médio. Oferece apoio pedagógico para 72 deficientes, distribuídos nos três turnos, que são atendidos em uma sala específica. O perfil socioeconômico dos alunos é bastante variado, pois o colégio recebe estudantes de diversos bairros da cidade. Porém, a grande maioria pertence a classe econômica menos favorecida, como jovens e senhoras que trabalham como empregada doméstica ou babá.

O Projeto Político Pedagógico deste colégio explicita a importância do trabalho coletivo, formado por um conjunto de ideologias e crenças e, entre estas, a identificação na singularidade da crença de Paulo Freire (1997). Os objetivos da instituição são definidos e orientados a partir do que estabelece os Parâmetros Curriculares Nacionais, que tratam, dentre tantas outras orientações, das competências e habilidades de cada uma das áreas de conhecimento e contribuem, significativamente, na orientação do processo também dialético de ensinar e aprender.

A *Escola Namorante* situa-se no bairro de São Caetano, de classe baixa e média baixa. O acesso a este bairro se dá via BR 324, rodovia que liga alguns bairros periféricos ao centro de Salvador e é a rota de escoamento do tráfego intermunicipal e interestadual. Possui doze salas de aula, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma cantina, um depósito de merenda e um de materiais didáticos e de limpeza. Seis sanitários, três corredores que dão acesso à área interna e externa, uma quadra descoberta, um laboratório de informática com capacidade para atender até vinte membros da comunidade escolar. Tem um quadro de 56 professores, 33 funcionários, três vice-diretores, um em cada turno, uma diretora geral, uma secretária e dois coordenadores pedagógicos.

Oferece seus serviços a uma clientela oriunda da camada popular, constituída por vendedores ambulantes, empregadas domésticas, ajudantes de pedreiro, pequenos comerciantes, funcionários públicos, comerciários e um número significativo de desempregados. A região onde está inserida tem, como característica, a incidência de violência e tráfico de drogas, um baixo nível de escolarização e precárias condições

socioeconômicas dos moradores da localidade. Porém, esses fatores não impedem a escola de buscar cumprir sua função social, sempre atenta às dificuldades para alcançar esse fim.

Foram sujeitos desta pesquisa 50 alunos dessas escolas, dentro da faixa etária de 14 a 19 anos, de ambos os sexos, sendo, aproximadamente, 50% masculino e 50% feminino, de turmas diurna e noturna. A escolha dessas classes deu-se em função de elas caracterizarem um retrato do que queremos refletir, ao eleger o nosso objeto de estudo.

Podemos dizer que encontramos nos lócus destas escolas um terreno fértil para desenvolvermos a pesquisa que aponta não só para a relevância acadêmica, mas, sobretudo, social a que este estudo busca contemplar, através das reflexões sobre as relações afetivas que permeiam o cotidiano dos adolescentes na contemporaneidade.

## SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram 50 adolescentes de ambos os sexos, sendo vinte e dois femininos e vinte e oito masculinos, na faixa etária de 13 a 19 anos, que foram selecionados pelo critério do desejo em participar da pesquisa, o que não os dispensou de assinar o Termo de Consentimento[5]. Esse critério do desejo tornou-se relevante pela natureza do objeto em estudo, em que os adolescentes estão envolvidos nas suas relações afetivas e a escola é um local onde as trocas ocorrem. A participação espontânea na pesquisa gerou uma predisposição maior em colaborar e para que o desejo de participação pudesse emergir de forma a atender a esse propósito, inicialmente apresentamos o projeto de pesquisa à direção, que nos conduziu às salas, de comum acordo com os professores regentes das mesmas e, deste contato com os alunos, os sujeitos tomaram a decisão de participar, segundo seu desejo.

[5] Termo em que o sujeito assina consentindo participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação em campo, a entrevista semi-estruturada individual em profundidade e o desenho, instrumentos que exigiram das pesquisadoras, além de sensibilidade, flexibilidade e criatividade no manejo, para compreender os sujeitos em suas especificidades, a respeito do fenômeno *ficar*. Após a coleta, as categorias descritivas e interpretativas foram construídas e, a partir daí, foi feita a análise dos dados, com o suporte da Análise do Discurso de vertente francesa[6], para trilhar o terreno escorregadio do uso da linguagem na expressão das idéias que devem ser decodificadas, para que o material advindo da coleta de dados fosse analisado levando em consideração o direito e o avesso do texto, bem como o que estava nas entrelinhas, no silêncio, nos atos falhos dos discursos dos depoentes.

A observação em campo consistiu em conferir informações sobre determinados aspectos da realidade, utilizando o diário de campo com registros detalhados das observações dos comportamentos verbais e não verbais e inclusão de informações não esperadas, ajudando a " identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o comportamento"(LAKATOS,1996, p.79).

A entrevista semi-estruturada, como um processo de interação, possibilitou a obtenção de dados subjetivos que se relacionam com os valores, atitudes e opiniões dos sujeitos. Permitiu uma cobertura mais profunda sobre o assunto e a interação entre entrevistador e entrevistado favoreceu respostas espontâneas e possibilidades de uma troca afetiva.

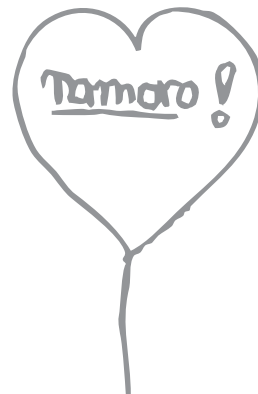
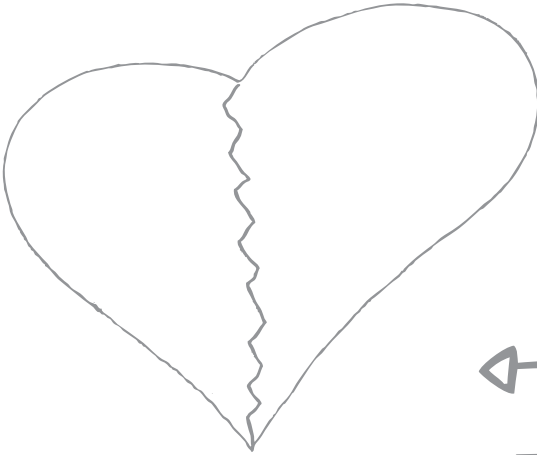
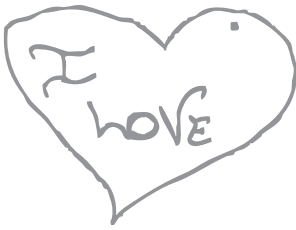
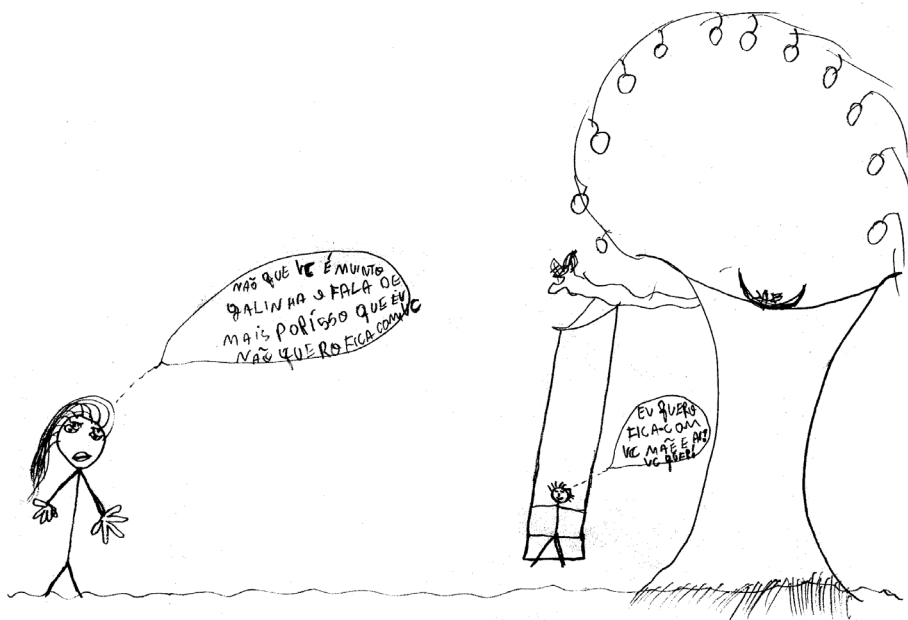
O desenho, como processo criativo de elaboração cognitiva e simbólica das representações, levou a um foco na análise de produções simbólicas, dos significados e da linguagem que demandam uma

[6] A Análise do discurso francesa (ADF) é um campo da pesquisa que irrompe no âmago das Ciências Humanas, na intersecção de epistemologias distintas, para se constituir uma disciplina interdisciplinar. Tem suas bases fundadoras em três grandes campos epistêmicos, resultando numa interdisciplinaridade que envolve a Lingüística, o Materialismo Histórico Dialético e a Psicanálise. Entretanto, estas áreas do saber, ao se integrarem ao corpus teórico do discurso, deixam de ser distintas e passam a ser próprias da prática discursiva.

abordagem interpretativa por parte do pesquisador para o entendimento do sujeito como produtor de sentidos.

Como o leitor pode perceber, o método deste estudo foi delineado como quer as exigências da pesquisa, no entanto, defendemos o pensamento de Laforque (2001) quando diz: "método, método, que queres de mim? Bem sabes que comi do fruto do inconsciente". Como se trata de um estudo sobre a sexualidade, o método não deve ter o rigor conceitual, posto que se trata de um tema subjetivo, o qual é movido pelas formações do inconsciente.

Veremos, no próximo capítulo, como esses arquivos incandescentes brotaram das falas dos sujeitos.

I love
Namoro!

Eu te quero todo mãe

Representa um menino que quer fica com a menina mais ela Diz que não quer fica que ele fala de mais e é muito galinha ele até tentou mais ela não quiz.

Desenho 16

## DESENHO 16

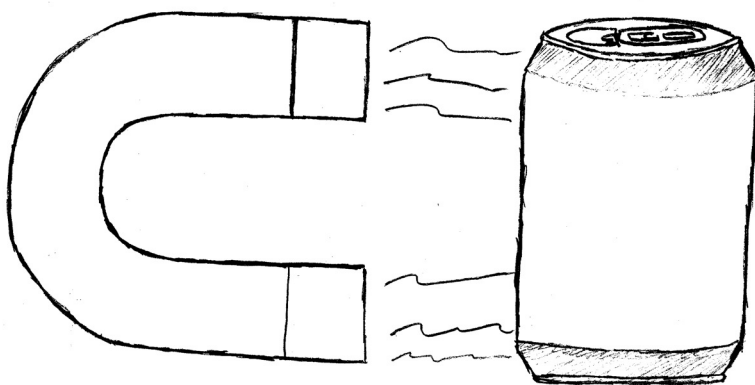
O desenho é quase uma paisagem. Observa-se uma frondosa árvore e embaixo dela um jovem que avista uma garota e diz em forma de balão: *Eu quero ficar com você mãe e aí? Você quer?* Ela responde: *Não quero, você é muito galinha e fala demais, por isso que eu não quero ficar com você*. O esquema corporal dos jovens é do tipo palito, o que denota uma certa infantilização e estereotipia. Na *cantada* do jovem, o significante *mãe* aparece quando se refere à garota. Indago: A mãe estaria entrando nesta cena como se este sujeito estivesse buscando colo, peito, olhar, alimento, ou seja, nesse momento, o Édipo emerge revelando-se em ato?

TÍTULO:

*Eu te quero toda mãe*. É um dizer que pode ser expresso por uma via de mão dupla. O ato de fazer a repetição da mãe *toda* que possui, ou o desejo de buscar na garota a mãe ausente que não consegue dar o que ele quer. O interessante é a justificativa da negação da garota: não quer porque ele é galinha e porque fala demais. Vejo uma contradição na primeira parte da justificativa: o ficante por si só tem no seu entorno uma coleção de parceiros, no entanto, quando o sujeito o nomeia de que conversa demais, é uma denúncia que tem na ética a sua explicação teórica.

DESCRIÇÃO:

*Representa um menino que fica com a menina, ela diz que não quer porque ele fala demais e é muito galinha, ele até tentou, mas ela não quis*. É uma repetição do que já foi analisado no desenho. A conclusão da fala da jovem é que ele até tentou, mas ela não quis. Sinto que esse não quis concluir o discurso, tem uma marca de não submissão, de negação de algo que é instituído pelo jovem e aceito socialmente.

atração

O fica pra mim significa uma atração. Um desejo sem compromisso.

Desenho 17

## DESENHO 17

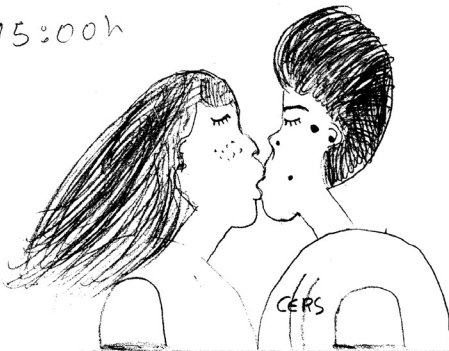
O desenho é instigante: o imã sendo atraído por uma lata de cerveja? Será que ele quer dizer que o ficar seria essa atração que o jovem tem pela embriaguez do afeto? Estar sob efeito do etílico revela algo o que Lacan (1964) diz: *o inconsciente é solúvel ao álcool*, ou seja, o álcool parece deixar o sujeito falar sem censura e assim fica melhor *queixar* o outro numa relação que se expressa imantada, na busca de ter o objeto encontrado mas não o tem posto que o imã desfaz-se em ferramenta.

Título:

*Atração*. O sujeito simboliza o *ficar* com o significante, atração que lembra encantar, seduzir, fascinar. O fenômeno *ficar* possivelmente entrete, diverte e aumenta a afluência se o ambiente estiver propício para esse jogo infinito de ganha-perde-ganha-perde... Uma atração que tem logo a repulsão, é uma questão de tempo, embora há casos em que o fenômeno evolui para o namoro, para uma relação mais duradoura.

Descrição:

*O ficar para mim é uma atração. Um desejo sem compromisso*. A descrição do sujeito traz dois construtos para definir o ficar: a atração e a falta de compromisso. Parece que essa fala não apresenta aparentemente sintoma, afirma que no ficar há atração e que há um desejo descomprometido. Duas situações confortáveis: atrair sem necessidade de ver-se acorrentado pelas amarras do modelo do amor romantizado.

Ficar!!!
Namorado de um dia...
... Amigo do outro dia!
04/08/08
15:00h
CERS
05/08/08
14:20
OLA
Amigo
Como vai!
OLA!
Amiga
CERS
CERS

Desenho 18

## DESENHO 18

Neste quadro, um casal em perfil mostrando meio corpo e o ficar é expresso em forma de beijos. Nesta cena, os dois já estão distanciados e se tratam por amigos. É um desenho que me chama muito a atenção pela questão temporal: em questão de pouco tempo o beijo e o toque sofrem mutações, posto que no outro dia sequer se olham.

Título:
*Ficar!!!* Parece que a palavra diz quase tudo, não precisa escrever várias letras, elas se arrumam e anunciam o que acontece com esse fenômeno ficar.

Descrição:
*Namorado de um dia... amigo de outro dia!* Um dia, o par desempenha um papel e, no outro, esse papel sofre mudanças. Num dia, há envolvimento corporal, no outro, se tratam de amigos. O par se encontra, agora não mais com o corpo, mas com a fala de longe que ecoa a palavra amigo para possivelmente deixar claro que o que ocorreu ontem é fato do passado.

COMO FICAR NO COLEGIO
ÍCARO
7ª E
ESCOLA
ESCOLA
QUANDO
CANDO AGENTE VAI PARA
UM COLEGIO NOVO AGEN
TE PENÇA EM FICAR
COM MUINTAS GAROTA
S
FIM
ESCOLA

Desenho 19

## DESENHO 19

O desenho é mostrado através de uma paisagem: nela, há uma escola, uma árvore, nuvens, sol e alunos fora da escola. Observa-se que os jovens ficam fora da escola, dois casais ficantes e um na busca do outro. É possível dizer que a escola proíbe o ficar e o lugar de ficar que a escola optou é o extra-muro escolar.

Título:

*Como ficar no colégio*. Esse título denuncia que o ficar no colégio parece que não existe, a escola é o lugar de encontro, mas para ficar mesmo, o lugar é lá fora, driblando a direção, professores e porteiro na busca de outros espaços. Para esse sujeito, há nessa escola nuvens, ou seja, situações nebulosas que o jovem não consegue compreender, mas há o sol, o brilho, o saber que ilumina os personagens que estão no seu entorno.

Descrição:

*Quando agente vai para um colégio novo agente pensa em ficar com muitas garotas*. O desejo revelado por esse sujeito é que é possível ficar na escola, principalmente quando se chega num colégio novo. Identifico o novo como o lugar da novidade, e que esta condição pode encantar e seduzir também novos ficantes. A palavra FIM é escrita no final da descrição. Penso: esse fim seria um pedido inconsciente para que a escola não reprima o ficar? Seria o abaixo ao ficar?

FICAMDO-NA-ESCOLA!
FRASE → A Vida Não e Só ficar
do lado de quem você AMA!

Desenho 20

## DESENHO 20

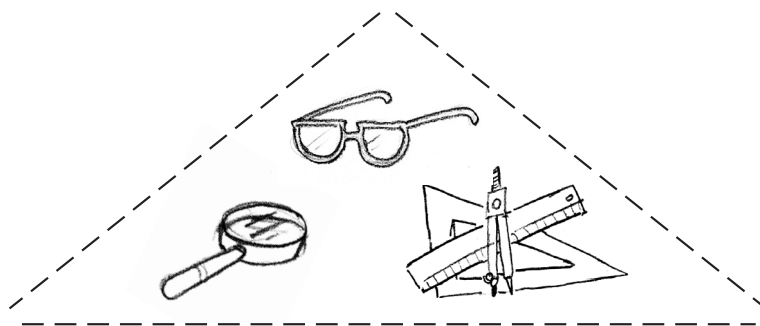
O desenho do sujeito mostra um salão de festas em que o par se encontra. Há uma distância entre os corpos, dão as mãos e me passa um afeto de que vão estrear o ato ficante. Não há testemunha, estão a sós como se estivessem segredando algo que não pode ser propagandeado.

TÍTULO:

*Ficando na escola.* Expressa que é possível ficar na escola mesmo com esse furo, ou seja, essa proibição. A forma verbal do ficar tem uma conotação que o ficar é algo que vem acontecendo, mesmo com as câmaras instaladas pelos arredores da escola, e com as palavras de ordem: é proibido ficar!

DESCRIÇÃO:

*A vida não é só ficar. É saber vivê-la do melhor jeito possível do lado de quem você ama!* Nota-se nessa descrição que o sujeito afirma que a vida vai além do ficar, ou seja, adianta que é preciso vivê-la da melhor forma junto da pessoa que se ama. É uma fala madura, não nega o ficar, mas acrescenta o sonho de viver bem numa relação amorosa possivelmente duradoura.

## *Capítulo 4*
## O GRAU, A LUPA E O TRAÇO: TRILOGIA DA ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo reveste-se de sentidos, na medida em que nessa triangulação salta aos nossos olhos a linha pontilhada, não fechada, que faz arejar o dentro e o fora, a ausência dos vértices do triângulo convida o leitor a perceber que grau, lupa e traço não ocupam lugares fixos, vez que podem se movimentar, não esquentam, trocam de lugar e posição tal como se observa no *ficar*. No processo de análise, tivemos que aumentar o *grau* dos nossos óculos para observar melhor o que acontecia no espaço do intervalo das três escolas (lócus da pesquisa), as quais nomeamos de Escola Pegante, Escola Ficante e Escola Namorante; sobre o *aluno que fica* e quais os desdobramentos desse fenômeno na sala de aula. O tema da pesquisa é assim nomeado: *Brother, hoje quero ficar com você*: *um nó que ata e desata revelando os afetos entre os alunos e de que forma essa temática pode ser trabalhada na escola*. Quanto aos objetivos, o geral revela-se: decifrar o código do *ficar* na escola, com vistas a apreender como se processam essas relações afetivas no espaço escolar, no sentido de buscar alternativas de aprendizagem envolvendo

os segmentos que desenham a escola. Os específicos configuram-se: identificar qual a concepção dos jovens sobre o *ficar*; construir na sala de aula conteúdos que possibilitem o aluno a aprender; enlaçar o conteúdo *ficar* nos componentes curriculares.

Nas *observações,* foi necessário portar um *grau* aumentado para, quiçá, encontrar o *ficante*, seja no corredor, sala de aula, cantina, biblioteca, quadra, porão, moita, escada, sanitário, portão de entrada etc.

A *lupa* foi utilizada para ler a transcrição das *entrevistas*, pelo olhar da Análise do Discurso, através das formações discursivas, o gesto de interpretação, a polissemia, o interdiscurso contidos nas falas dos sujeitos.

O *traço* solicitado pela consigna, para elaborar um *desenho*, serviu para analisar o que o jovem representa sobre a temática, sua criação, fantasia e imaginário, tão presentificados nessa técnica.

Nesse espaço psicossocial, a fala e a escrita deram lugar ao olhar e neste observou-se o olhar de busca, o olhar reflexivo, o olhar desviante, o olhar que quer e não quer ver, o olhar que encontra com o olhar do pegante, ficante e namorante. Nesse momento, sujeito e pesquisador trocam olhares, o que pode ser inibidor ou mesmo revelador do objeto da pesquisa.

Para clarear essa dúvida, as categorias descritivas das observações, as descritivas e interpretativas das entrevistas e os desenhos revelaram o que está contido em cada *lócus* da pesquisa (Escolas Pegante, Ficante e Namorante) pelos *sujeitos: abraço, beijo, amasso, carícia, o escuta, escópico, gozante, libidinoso, sedutor, falante, queixante, fugidio, escorregadio, desejante, evaporante, fumante, silencioso, melancólico, tímido, brincante, morto, etílico, pegador, descompromissado, silencioso, transa, entrega, fugaz, cuidadoso, pegador*, assim nomeados enquanto significantes presentes no ato de ficar, expressos na matiz do discurso, destacado pelo pesquisador no processo de análise .

**Escola Pegante**

As observações ocorreram da seguinte forma: inicialmente foi feito um contato com o diretor que nos recebeu gentilmente, e em seguida mostrou-se ansioso, quando sugeriu que deveríamos conversar com alguns alunos e explicamos sobre o critério voluntário de participação na pesquisa. Encaminhou-nos às coordenadoras da escola e foi marcado um horário para apresentarmos a pesquisa, seus objetivos e a instituição gestora. Acataram a realização da coleta de dados na escola, adiantaram que há poucos *ficantes*, pois há câmaras espalhadas em locais estratégicos e falaram haver dois tipos na escola: o *pegante* e o *ficante*, ao tempo em que definiram os dois conceitos. *Pegantes* são aqueles que pegam todo mundo na escola e *ficantes* são aqueles jovens que ficam de vez em quando com o outro. Informamos que faziam parte da pesquisa quatro pesquisadores, sendo que dois ficariam no turno vespertino e dois no turno noturno, bem como que a observação teria uma carga horária de 16 horas para cada pesquisador, perfazendo um total de 64 horas de observação. Esclareceu-se sobre ética na pesquisa, a exemplo dos sujeitos serem convidados a assinarem o Termo de consentimento livre.

A observação se deu em dois turnos: vespertino e noturno. Tal como informado na recepção de chegada, observou-se um número reduzido de *ficantes*. A escola é mesmo monitorada por câmaras instaladas em 99% das dependências da escola e, além disso, há funcionários encarregados de vigiar o aluno nesse sentido, mas uma boa parcela deles tenta burlar a vigilância se concentrando na praça (conhecida como praça da *transgressão*) localizada no entorno da escola. Enquanto que no noturno esse fenômeno não se evidenciou, pelo fato de ser constituído por adultos, muitos dos quais casados.

Algumas perguntas nortearam a observação: a) Além da instalação de câmara no espaço da escola e o sistema de vigilância, a temática é

discutida na sala de aula e há proibição na escola onde o aluno *fica*? b) O caminho da inibição é mesmo uma estratégia para ocultar essa forma atual do aluno relacionar-se? c) O que existe de fato na atitude do *ficar* presente nas novas relações contemporâneas que a escola esconde e revela ao mesmo tempo? d) Qual o lugar e posição que o debate sobre sexualidade ocupa no currículo escolar?

**Escola Ficante**

A chegada à escola deu-se de forma tranqüila e, na ausência da diretora, fomos recebidas pela vice, bastante receptiva, apresentando-nos aos professores, que nos conduziram às salas de aula. Cada pesquisador ficou acolhido em uma sala, para explicar aos estudantes sobre a pesquisa. Estes se manifestaram positivamente, ultrapassando o número de sujeitos previsto e, então, foi solicitado que eles negociassem entre si para decidirem quem participaria da pesquisa. Algumas questões como a dinâmica escolar de "não manter os estudantes na escola sem atividade" dificultaram as observações, uma vez que eles, quando sem aula, não podem ficar no pátio, conversar e estar fora da sala e, quando não são enviados para casa, são colocados na sala de vídeo, para assistirem a algum filme educativo, local onde as pesquisadoras não tiveram acesso. Chamou-nos a atenção a semana do dia dos namorados, quando a escola organizou um mural de recados no pátio e durante os intervalos os estudantes escreviam bilhetes, gozações, juras de amor. Os colegas passavam, liam os bilhetes e ficavam conversando frente ao mural. Entretanto, no dia seguinte, configurou-se uma nova movimentação frente ao mesmo e o mural foi rasgado e, a cada vez que um estudante passava por ele, tirava-lhe um pedaço e jogava no lixo. Esses atos dos estudantes nos fizeram pensar: o escrito contido nos bilhetes revelavam algo relacionado ao *fruto proibido*? Será que ali existiam declarações de *ficantes* endereçadas nominalmente? O rasgar do mural seria uma demonstração de temor às autoridades da escola ou esses jovens com essa manifestação de destruição denegam a escritura, ou seja, a declaração de afeto no preto e no branco, o que contraria a idéia libertária do *ficar*?

**Escola Namorante**

Inicialmente, chegamos à escola e fomos bem recebidas pela diretora, que diante da explanação dos objetivos da pesquisa, encaminhou-nos para a vice-diretora, a qual nos convidou a fazer um reconhecimento das instalações da escola. Despedimo-nos, informando que retornaríamos para dar continuidade à investigação, que nessa primeira etapa privilegiou a observação, a qual ficou assim desenhada: cinco sujeitos para cada pesquisador. A observação deu-se no turno vespertino, no intervalo escolar (recreio) e no espaço compreendido entre os corredores das salas de aula e o subsolo, no qual se situam a cantina e a quadra de esportes, perfazendo um total de quarenta horas, ou seja, vinte horas de observação por pesquisador.

Na busca de encontrar casais *ficantes*, fomos frustradas diante da inexistência do fenômeno e, nesse sentido, não registramos, inicialmente, nenhuma ocorrência do *ficar*. Ao longo das observações, algumas nuanças do objeto pesquisado revelaram-se e insinuaram-se: conversas, olhares, simulação de toque de mãos. No processo das observações registraram-se alguns movimentos de ensaios sobre o *ficar*, tais como: dois casais permanecem juntos, os meninos com as mãos nos ombros das meninas, sugerindo nesta atitude uma certa aproximação e a necessidade do toque. Há um grupo onde um garoto dança no meio da roda e, depois da exibição, as meninas o assediam e ele parece se sentir bem com o cortejo. Uma jovem toca o garoto, abraçam-se e, em seguida, separam-se. Um casal permanece abraçado no muro lateral, ele toca a cintura dela e ela o ombro dele. Parecem ter um relacionamento mais estável, pois nesta semana de observação estão sempre juntos e se mantêm nessa libido até o final do recreio. Ao toque da sirene, dirigem-se, de mãos dadas, para as respectivas salas de aula.

## CATEGORIAS DESCRITIVAS DAS OBSERVAÇÕES

No sentido de apurar a vista nessa observação, após análise das anotações escritas e inscritas na caderneta de campo, que permitiram uma primeira leitura dos dados, com relação às observações aos sujeitos, ao fenômeno ficar e à repressão dos afetos nas escolas:

Pegante, Ficante e Namorante, elaboramos as seguintes categorias descritivas de análise:

1. Foto revelada
2. Cenário ficante
3. Objeto perdido
4. Vigiar e punir

1. Foto revelada

Esta categoria é assim nomeada posto que reflete os sujeitos da pesquisa, os quais foram selecionados pela abertura de porta feita pela coordenação pedagógica, a qual nos apresentou as salas de aula do ensino fundamental e médio, na faixa etária de 14 a 19 anos. Dirigimo-nos para uma conversa inicial com os alunos, quando falamos sobre a pesquisa, sua importância e a contribuição que as escolas podem oferecer para a realização da mesma. Foi explicado o critério do desejo como condição para a participação da pesquisa e o Termo de consentimento livre. As pesquisadoras falaram sobre o critério do desejo, esclarecendo que este passa pela identificação com o tema, disponibilidade, acolhimento etc. e que o Termo de consentimento livre guarda a ética do estudo. Nesse processo, onze pesquisadoras distribuídas entre as três escolas selecionaram cinqüenta sujeitos, os quais foram assim divididos: na Escola Pegante, vinte sujeitos; na Ficante, vinte e na Namorante, dez. Uma conversa com os sujeitos foi necessária para esclarecer dúvidas sobre a realização da pesquisa.

A análise da foto revelada é que a faixa etária dos sujeitos encontra-se na fase da adolescência, período marcado pela instabilidade afetiva e pela falada *crise*. Sobre esta questão Aberastury (1981) afirma: não há crise de juventude, mas uma crise de jovens que vivem em uma sociedade que está em crise.

A foto revelada dos sujeitos pode ser vista no seguinte ângulo: os sujeitos são vinte e dois femininos e vinte e oito masculinos e pertencem ao nível socioeconômico desfavorecido, embora alguns pertençam à classe média, bem como egressos da escola privada. Em geral, os sujeitos

mostram-se alegres, tristes, vaidosos, inquietos, sorridentes, tímidos, comunicativos, desatentos, rebeldes, galantes, gentis, educados, maduros etc. Essas três últimas características são observadas mais no aluno do turno noturno. Parece que esse dado se justifica pelo fato de já estarem no mercado de trabalho e, assim, conseqüentemente, aparentam maior amadurecimento.

**Escola Pegante**

Os sujeitos foram em número de vinte, das turmas de ensino médio. Quando foram convidados a falar sobre o desejo em participar da pesquisa, 50% mostraram-se indecisos, e a outra metade se posicionou emitindo a expressão: *eu desejo!* Essa indecisão faz parte do comportamento do jovem, apesar de terem assinado o Termo de consentimento livre sem questionamentos. No momento da seleção, ocorreram perguntas alusivas à sexualidade, o que expressa dúvidas e necessidades de conversar sobre a temática. A caracterização acima descrita é fruto das observações e o fato deles mostrarem essa foto aos nossos olhos, leva-nos a sentir e a pensar o quanto estão mergulhados na ambivalência dos afetos prazerosos e desprazerosos, os quais estruturam o sujeito faltante.

**Escola Ficante**

Os sujeitos foram em número de vinte, de diferentes turmas do ensino médio. Em certa medida mostraram-se bastante interessados em participar da pesquisa e, neste momento, foram convidados a assinar o Termo de consentimento livre. Em seguida, fizeram perguntas sobre o tema, sobre o porquê da escolha daquela escola, ao mesmo tempo que ficaram um tanto quanto desconfiados e esquivos, quando viam os pesquisadores espalhados pelos corredores na hora do intervalo, observando e acompanhando o movimento, principalmente aqueles alunos que haviam sido selecionados.

Os sujeitos *ficantes* pertencem a famílias de classe média baixa, porém, observa-se que, durante o recreio, poucos tomam o lanche

oferecido pela escola, preferindo dirigir-se à cantina e comprar seu lanche.

**Escola Namorante**

Os sujeitos da Escola Namorante são dez alunos do ensino fundamental, na faixa etária de 13 a 17 anos, sendo cinco masculinos e cinco femininos. Foram selecionados pelo critério do desejo, em que eles se apresentaram emitindo a seguinte expressão: *pode botar meu nome!* Pertencem à camada de baixa renda, constituída por vendedores ambulantes, empregadas domésticas, ajudantes de pedreiros, pequenos comerciantes, funcionários públicos, comerciários e um número significativo de desempregados. A escola está inserida numa comunidade em que há incidência de violência e tráfico de drogas, um baixo nível de escolarização e precárias condições socioeconômicas. Após serem selecionados, foram convidados a assinar o Termo de consentimento livre. Em geral, os sujeitos revelaram-se alguns tímidos, outros falantes, desconfiados, barulhentos, a maioria com necessidade de serem escutados. Podemos analisar essas características como próprias dessa faixa etária, embora cada um tenha sua singularidade.

## 2. Cenário Ficante

A existência dos instrumentos de controle que dificultaram o *ficar* nas escolas foi suficiente para mostrar que o fenômeno na escola é (re)velado. Observou-se que alguns alunos tentam burlar a câmara e o vigilante e parecem se mostrar desapontados com a repressão. Esta é simbolizada pela presença física do vigilante e das câmaras.

**Escola Pegante**

Por ocasião da festa junina da escola, os preparativos ocorrem por parte dos professores. Uma quadrilha é improvisada, alguns fazem uma dança erótica, outros conversam, se abraçam afetuosamente, mas não

parecia o *ficar*. Nesse momento, dirigimo-nos ao subsolo da escola e o acesso estava fechado de cadeado, o que revela que o *ficar* já foi bastante presente na escola, mas agora *todo cuidado é pouco. É precis*o não vacilar, a lei é proibir, coibir e não facilitar. Nesse momento, uma professora abre o Correio do Amor, brincadeira muito usada na época junina e passa a ler os bilhetes escritos pelos alunos. Alguns têm conteúdo erótico a exemplo: *Quero pegar nas suas coxas*. Um outro diz: *Quero lhe levar para um cantinho* e um outro dirigido a uma professora: *Quando a senhora dá aula, acontece em mim reações diferentes e várias ligações químicas, a senhora depositou em mim a bomba do amor*. Observa-se nesses escritos depositados no Correio do Amor que a sexualidade pulsa, o que não pode ser feito é dito, o recado é enviado até para uma professora. Pode-se pensar que estamos diante da transferência, fenômeno freqüente que acontece quando ocorre o recalcamento de um desejo no passado que se atualiza no presente. Nessa direção, Lagache (1990) afirma:

> Há distinção entre transferência positiva e transferência negativa. A positiva é a transferência de sentimentos afetuosos e amigáveis; sua atualização consciente e seus prolongamentos inconscientes repousam sempre em uma base erótica. A negativa é a transferência de sentimentos hostis. Desenvolve-se paralelamente à transferência positiva e freqüentemente com o mesmo objeto. (p. 18)

Em meio a essas revelações transferenciais, observa-se um casal sentado num banco trocando beijos e abraços, nesse momento não há câmara, tampouco vigia, este sumiu em meio às bandeirolas da festa e o casal assume a condição de *ficante*. Observa-se que, num dado momento, mostram-se apreensivos e dirigem-se para a quadra, ensaiam uma dança de corpos colados e deslocam-se para um espaço isolado do coletivo, enlaçando-se no toque do corpo e, entre beijos e abraços, o *ficar* se configura num cenário em que a libido emerge, faz-se ato e de tanto olhar a cena para registrar o inusitado, nos encandeamos e nos perdemos de vista.

O que escutamos tem cheiro de descompromisso, porém, no fundo, há desejo de não mais descartar, mas encontrar um outro para fazer o par. Pode-se pensar que, no período de aula, o *ficar* é controlado,

mas basta uma festa e o fenômeno é esboçado, como se estivesse latente e agora se manifesta, porque os mecanismos de controle são afrouxados, para dar lugar a um passe em que o proibido passa a ser permitido.

**Escola Ficante**

As observações foram feitas no intervalo das aulas e durante o recreio, quando os sujeitos ficavam no pátio e também em algumas aulas vagas, em que eles eram liberados para a quadra de esportes. Observou-se que, nestes espaços, o *ficar* não foi visível a olho nu, vez que a repressão é a lógica determinada pela lei escolar. Entretanto, em frente à escola, há um *trailler* que comercializa lanches e é neste lugar que eles não se sentem vigiados e aí observamos a ocorrência do fenômeno *ficar*, como trocas de abraços e carícias, envolvendo beijos e o toque dos corpos. Isso nos leva a pensar que, se a escola reprime, a rua liberta. Então, questionamos: não seria mais interessante a escola ser menos repressiva e se apropriar da sala de aula para trabalhar a temática, considerando que na rua não tem interlocutores para este diálogo? Parece que há uma hiância entre o inter-muro e o extra-muro escolar. Será que a repressão não estaria fortalecendo a saída do aluno da sala de aula para, lá fora, matar a fome do *ficar*? Que relação poderíamos fazer do alimento comprado com o afeto ofertado? Saímos de lá pensando nestas questões...

**Escola Namorante**

O cenário desta escola é repressor e punitivo e essa constatação revela a pouca incidência do fenômeno *ficar*. Aos casais é permitido apenas movimentos de trocas de olhares, conversas e, no máximo, andar de mãos dadas no recreio.

Contraditoriamente, o final do recreio é marcado pela voz potente da cantora da música popular brasileira, Ana Carolina, considerada libertária pelas suas posições pessoais assumidas publicamente, em revista de circulação nacional, com relação à sexualidade. O curioso é que, no intervalo, o aluno é reprimido para o *ficar* e no momento em

que se dirige à sala de aula é estimulado a se excitar. Então, indagamos: o que acontece na sala de aula, após o aluno viver esses dois movimentos: repressão e excitação? A libido é recalcada? O professor fala sobre sexualidade enlaçando os conteúdos? O desejo é acachapado? São questões que possivelmente poderemos retomar no final da análise.

Durante os intervalos entre uma aula e outra e ao final do recreio, a vice-diretora circula pelos espaços da escola, para garantir a entrada dos alunos nas salas de aula e assim não haver risco de cenários *ficantes*. É interessante observar a sua postura e o tom inibitório com os quais fala com os alunos. Ameaças e rispidez marcam o seu discurso, no sentido de garantir o exercício de uma autoridade que pensamos parece ser imposta e não conquistada.

3. Objeto perdido

O fato dos pesquisadores terem optado em observar seus sujeitos no intervalo das aulas, aos poucos, foi se desenvolvendo uma representação de que estava difícil encontrar os *ficantes*. O registro das observações, em grande medida, é que não viam pares circulando nas escolas e o questionamento era a busca do objeto perdido autenticada pela pergunta: será que encontraremos *ficantes* por aqui? A proibição da escola dificulta observar o *ficar*. É possível pensar que o objeto perdido faz semblante de que ex-siste, mas sua sombra encontra-se no desejo do jovem de exercitar o afeto, descartar para experimentar o novo e fazer repetição sem formação de laços porque sente e pensa que pode mesmo encontrar esse objeto que está perdido.

**Escola Pegante**

A não observação do fenômeno *ficar* no recreio da escola Pegante gestou em nós uma expectativa com relação aos preparativos para a festa junina. Nesta também não se observou o lugar e posição para o *ficar*. Perguntamos: onde estão nossos sujeitos? Observou-se que um dos casais ficantes foi separado através da mudança de turno, possivelmente

provocado pela gestão da escola, com vistas a exterminar qualquer vestígio de casais *ficantes*. Esse comportamento da escola é revelador da repressão imposta, retirando desse casal a possibilidade de construir um laço afetivo mais duradouro, que fosse além de um simples *ficar*? Não seria essa uma oportunidade de trazer para o debate esta passagem do *ficar* para o namorar, pela via desse casal? Diante disso, indagamos: e agora? Enquanto pensávamos em encontrar na escola vários casos de *ficantes*, identificados com nosso estudo, o objeto se perdeu e isso ocorreu enquanto estava sendo procurado, causando nos pesquisadores um vazio, em que a angústia se presentifica, posto que o objeto perdido não será reencontrado, mas será achado pelo menos como saudade.

**Escola Ficante**

A prática do *ficar* é, em grande medida, inibida na escola, que prima pelo bom comportamento dos alunos, fato que faz com que os jovens, em caso de algum envolvimento, busquem locais onde não possam ser vistos, o que dificultou a observação, deixando-nos frustradas ao constatar um quase vazio daquilo que buscávamos encontrar. Quais seriam esses locais em que os jovens não são vistos na condição de *ficantes*? Seriam fora da escola? Observamos que esses jovens são muito dispersivos, cada um tomando rumo diferente durante o recreio, exigindo que nos deslocássemos em seu percalço, o que possivelmente causou neles uma certa inibição ao sentirem-se observados. Uma questão emerge: a presença dos pesquisadores no recreio possibilitou a dispersão dos *ficantes*? Ou estaríamos nos enganando quando o problema está mesmo é na repressão estabelecida pela escola? Isso nos leva a pensar que o *ficar*, apesar de fazer parte do cotidiano dos sujeitos, na escola é ainda algo velado e que escapa à nossa observação, posto que o ficar na escola está na ordem do objeto perdido.

**Escola Namorante**

No primeiro dia não registramos nenhuma ocorrência do *ficar*, fazendo-nos supor que nossa presença ainda era inibidora, tanto

quanto a presença da vice-diretora que habitualmente circula nos espaços externos da sala de aula. Será que essa inibição inicial não estaria relacionada a uma associação substitutiva da presença da autoridade escolar? A escola não tem o hábito de receber pesquisadores que se posicionem nos seus espaços com um olhar observador, registrando o que está sendo visto e possivelmente não visto. Com o passar do tempo, as defesas e resistências foram dando lugar a uma aproximação com os pesquisadores e em alguns momentos perguntavam sobre a pesquisa, o que estávamos anotando e quanto tempo iríamos ficar por lá.

Algumas nuanças do objeto pesquisado insinuaram-se quase revelar, em tímidos gestos: conversas, olhares, simulação de toque de mãos, assédio a um garoto que dança no meio de uma roda e um casal que permanece abraçado no muro lateral, ele tocando a cintura dela e ela o ombro dele, revelando que o ficar parece ser mesmo esse objeto perdido, causando-nos inquietações sobre o que a escola precisa ainda (des)velar.

## 4. Vigiar e Punir

As escolas levantam a bandeira onde está escrito: é proibido *ficar*! A pedagogia do vigiar e punir educa o aluno no exercício de seu afeto? Se os alunos não *ficam* na escola estão *ficando* em algum lugar. Onde? A escola e a família poderiam nos responder onde os jovens estão *ficando*? Além das câmaras, os vigias são orientados para afastar os casais abraçados. Indago: Para onde o jovem escolar se dirige, para continuar o movimento de *ficar*?

Essas observações nos levam a pensar que a escola vigia e pune o *ficar* na escola. A repressão sobre a sexualidade na escola é histórica e aqui o construto sexualidade está sendo empregado enquanto sinônimo de prazer, de descoberta, de exercício do afeto, a troca, o laço e a sensibilidade.

Em lugar de vigiar e punir, a escola deve escutar o aluno, orientar com relação à sua sexualidade e abrir o debate sobre o fenômeno *ficar*, considerando que pais, alunos e professores, pelo fato de olharem o

*ficar* e não saberem trabalhar pedagogicamente, inquietam-se e talvez a resposta mais fácil seja a lei da proibição, da negação do vigiar e punir.

Esse estudo tem a pretensão de tentar enodar os profissionais da escola tal como o nó borromeu, ou seja, tal como o sujeito se estrutura nos registros do real, do simbólico e do imaginário. Esses registros se articulam para formar o $ (sujeito barrado)[7]. Como já foi visto no nó borromeu em que o real não se pode simbolizar, está na ordem do sem sentido e do impossível. O simbólico é o registro da fala, mesmo não dando conta de tudo, é o lugar da castração e do significante. Já o imaginário tem a ver com a imagem, é especular e pode ser concebido como o mundo de projeção.

É possível uma educação pensada com as bases da filosofia, pedagogia, psicologia e psicanálise para demonstrar para pais, alunos e professores que, em lugar de vigiar e punir, talvez possam buscar uma formação em que esse nó não seja algo endurecido, difícil de se desatar, um empecilho, mas uma forma de decifrar o sujeito que imagina, fala e se vê no campo da impossibilidade e por ser assim, insiste em desejar.

**Escola Pegante**

O fato da Escola Pegante ter como lei: olhos nos matos e ouvidos nas paredes com relação ao ficar na escola, possibilita que o jovem saia do intra-muro e busque a praça da transgressão, lugar nomeado pela coordenadora da escola de barra pesada, que segundo ela alguns para lá se dirigem para transgredir a lei, quando fumam, ficam, bebem, utilizam drogas etc. A fala da coordenadora nos faz pensar que o lugar do *ficar* não é na escola. Está alhures, ou seja, numa praça que infringe, viola e quebra o regulamento do cotidiano escolar, em que o afeto se mistura e tem sabor de permissividade, transgressão, drogadição etc.

O significante "barra pesada" também merece nossa observação, pois, neste contexto, parece sinalizar que a escola não dá conta de sustentar o peso do que acontece na praça, porque sabe que o aluno que lá

[7] Sujeito da falta, castrado pela linguagem.

está é o mesmo que frequenta a fica na escola e como ela tem dificuldade de lidar com isso, coloca um véu e a praça passa a ter no inconsciente do professor o lugar da culpa e o lugar do gozo e por essa montagem psíquica é melhor, conscientemente, sustentar o peso de vigiar e punir.

**Escola Ficante**

A dinâmica desta escola *é a de não manter o aluno sem atividade*, ou seja, quando os mesmos estiverem por algum motivo sem aulas, são enviados para casa ou colocados na sala de vídeo para assistirem a algum filme educativo. Isso parece apontar para uma concepção pedagógica tradicional, voltada para ocupar o aluno com atividades, sem a preocupação de possibilitar a esses um momento de lazer, de relação grupal, de encontro com os colegas, de comunicação, trocas afetivas etc. E quando a escola não consegue manter a atenção do aluno numa atividade, este é enviado para casa, porque assim ela se liberta do perigo do ócio, daquele que não faz nada, mas a qualquer momento pode vir a fazer. Nesta perspectiva, podemos pensar se esse não seria um modelo escamoteado de vigiar e punir o encontro afetivo com o outro? A qualquer preço o aluno precisa estar ocupado, mesmo sendo por uma atividade "tapa-buraco", ou seja, a lei é a não relação, comunicação, troca, vez que se constitui um perigo o aluno as soltas, sem aula, sem lenço e sem documento, caminhando ao vento e correr o risco de encontrar o outro.

**Escola Namorante**

Diante da repressão observada na escola sobre o *ficar*, resgato a oportuna analogia dita por Foucault no livro *Vigiar e Punir* (1974). Pode-se pontuar que a disposição física da escola, seus mecanismos disciplinadores, sua organização hierárquica e vigilância constante possuem uma similaridade com aspectos opressivos. Chamo a atenção às grades nas janelas e nos muros altos que cercam a escola, os portões sem nenhuma visibilidade com o lado externo à escola, e que são trancados para evitar que o aluno saia do ambiente escolar, antes que

seja liberado. Diante dessa vigilância punitiva, uma pergunta esboça-se: se a vigilância e a punição servem para o aluno não transgredir no intra-muro da escola, o que podemos dizer do fenômeno *ficar*? Em conversa com os dirigentes escolares, fomos informados que a escola está situada em uma região de periculosidade, na qual há traficantes de drogas que se reúnem de forma organizada, próximos à escola, e por essa razão parece que essa arquitetura do prédio escolar lembra o cárcere, aprisiona o espaço escolar seja para se defender dos perigos extra-muros, seja para premiar quem apresenta um bom rendimento e ou comportamento, seja também para reprimir aquele que não consegue obter a média e, acima de qualquer situação, não respeita o regimento interno. E essa configuração que se esboça prisioneira do social parece repetir no interior da escola, quando não há trocas, formação de grupos, encontros e os laços *ficantes* apenas se insinuam, posto que vigiar e punir é um dos princípios do regimento escolar.

## (ENTRE)VISTAS: VISTAS DE VÁRIOS PONTOS

A entrevista está sendo, neste momento, simbolizada pela *lupa* referenciada no título desse capítulo. Esta foi utilizada para ler a transcrição das entrevistas, no sentido de possibilitar a análise das formações discursivas, o gesto de interpretação, a polissemia, o interdiscurso contidos nas falas dos sujeitos, permitindo aprofundar pontos levantados nas observações de campo e revestindo-se de vida e sentido ao proporcionar a interação através do diálogo entre pesquisador e sujeitos.

A organização dos dados foi construída também através das categorias descritivas que foram destacadas dos discursos dos sujeitos colhidas nas entrevistas realizadas nas escolas Pegante, Ficante e Namorante.

As categorias descritivas das entrevistas das escolas Pegante, Ficante e Namorante foram delineadas em número de oito, a saber:

1. Instante de ficar
2. Pegar sem permissão
3. Ficar e sexualidade

4. Professor Maternal
5. Ficar e o aprender
6. Ode ao romântico
7. Homossexualidade no ficar
8. Professor afetado pelo ficar

Vale pontuar que nem todas as categorias estão contempladas nas três escolas: Pegante, Ficante e Namorante, pelo fato de cada *lócus* possuir sujeitos singulares com suas idiossincrasias e suas concepções sobre o fenômeno em estudo.

**Escola Pegante**

Após análise do material colhido, a Escola Pegante apresentou sete categorias a seguir:

1. Instante de ficar
2. Pegar sem permissão
3. Ficar e sexualidade
4. Professor Maternal
5. Ficar e o aprender
6. Ode ao romântico

1. Instante de *ficar*

As falas dos sujeitos dessa escola revelam como os sujeitos percebem o momento do ficar:

*O ficar é uma coisa sem compromisso, momentânea. É conhecer alguém, ter oportunidade de ficar naquele momento, rola beijo e a transa, quando acontece é após tomar umas e outras.* (sujeito etílico)

*Você fica com aquela pessoa naquele instante e não é obrigado continuar, você pode ficar com outras pessoas ao mesmo tempo.* (sujeito amasso)

*É pegar várias mulheres ao mesmo tempo, é ficar com uma garota hoje outra amanhã, outra depois de amanhã e assim sucessivamente, é bom porque não há cobrança.* (sujeito escorregadio)

As falas colhidas das entrevistas dizem o que o jovem sente e pensa sobre o instante do *ficar*. O sujeito etílico descreve o ficar como algo descomprometido, que acontece naquele instante, fala do beijo e da possibilidade de uma transa, mas essa forma de *ficar* exige estar movido pelo etílico. Pergunto: porque o ficar em que a transa compõe a relação do ficar necessita do álcool? Seria uma forma carnavalesca em que o pierrô e a colombina, ou mais contemporâneo, os abadás se encontram de forma efêmera a seduzir o sujeito (des)conhecido? É algo efêmero, nada será obrigado, diz o sujeito amasso, e há uma troca (des)velada, como se o par seduzido fosse um brinquedo que passa de mão em mão e o sujeito escorregadio diz que esse movimento é bom porque não há cobrança. Então indago: essa forma descartável de tratar o sujeito é uma tentativa de torná-lo objeto de consumo? Será que o ficar surgiu por um lado como uma forma de responder às exigências do capital e do mercado e, por outro, diante do possível (des)preparo da família, da escola e da igreja quando não conseguem instituir o afeto como um aspecto estruturante e assim anula a forma do sujeito principiar suas escolhas?

2. Pegar sem permissão

São falas que denunciam essa outra forma do sujeito pegar o corpo do outro:

*Pegar é sazonal, nas festas, no bloco, na rua, sem permissão. Quem pega muito é o pegador, faz bem à auto-estima, mas a gente fica mal afamado, parece que as meninas não gostam, também tenho dúvidas. As meninas pegadoras são as piriguetes, eu não ficaria com uma menina piriguete, já passou por todo mundo*. (sujeito falante)

*Pegar é um tipo balada, você pega vários, quantos quiser, não se pede licença, vai pegando. É feio para as meninas porque as tratamos como um número a mais e um número a menos*. (sujeito amasso)

*Se o ficar não tem compromisso, o pegar menos ainda. No pegar, as pessoas não tem o respeito não, já vão avançando a mão e tocando sem permissão*. (sujeito libidinoso)

Os meninos falam que o *pegar* não exige permissão, aquele que *pega* recebe a nomeação de *pegador*, ou seja, sustenta, segura, gruda. Parece ser um comportamento ambivalente, ao mesmo tempo em que eleva a imagem daquele que é pegado, esta se quebra. Observa-se que o menino não aprecia a menina que *pega*, esta, tem apelido de *piriguete* e afirma que esse tipo não pegaria. O curioso é que ele pode ser um pegador, mas a menina, se assim for, é descaracterizada, vez que esse nome tem socialmente conotação pejorativa.

Observa-se na fala do sujeito amasso que pegar pressupõe uma quantidade numérica, talvez aquele que pega menos, sua imagem não seja tão sedutora, enquanto que aquele que já somou na sua lista várias pegantes, mostra-se viril. Nesse modelo, não há respeito, as mãos tocam o corpo do outro como se esse corpo fosse sua propriedade. Assim posto, pegar é tocar corpo, é desejo que se manifesta em cima da pele sem levar em conta o que se encontra na latência, nas entranhas, embaixo da pele.

## 3. Ficar e sexualidade

As falas dos jovens nos convidam a sentir e a pensar sobre o ficar e a sexualidade:

*No ficar não tem sexo, mas em algumas vezes rola uma mão boba nos órgãos genitais, ela tomou iniciativa de toque no corpo e órgãos genitais*. (sujeito falante)

*Ficar pode rolar sexo ou não. E a sexualidade sempre está rolando. Alguns casais já fazem sexo quando ficam a primeira vez porque há uma atração forte. Muitos jovens ficam e transam, principalmente quando rola uma química.* (sujeito libidinoso)

*Tem gente que fica uma semana e não há atração sexual para transar. Depende do primeiro beijo. Para mim o primeiro beijo conta tudo. Quando me drogo rola sexo, mas fora da escola.* (sujeito beijo)

Nota-se nas três falas que o conceito de sexualidade é confundido com o conceito de sexo. Parece-me que são construtos que precisam ser trabalhados na escola, o que, ao meu ver, poderia começar pelo fenômeno do *ficar*. As falas são reveladoras que a relação do *ficar* com o sexo depende da atração, significante que se repete nas falas acima, ou seja, o *ficante* precisa de agalma, de brilho para que o outro o veja e o seduza. Entendo a química como se fosse a transferência, ou seja, um transfere para o outro algo da relação original e aí dá-se o laço e, em seguida, o desenlace. Na fala do sujeito beijo, é dito que o primeiro beijo é fundante para que haja relação sexual e que esta tem ligação com a droga. Uma pergunta pulsa: o que leva o jovem a associar o sexo com a droga? Seria a repressão das primeiras manifestações sexuais a exemplo da masturbação? E esta estaria relacionada com o pecado? A culpa e o medo desencadeiam uma necessidade da quebra da imagem especular? Pode-se fazer a leitura que a expressão mão boba é assim nomeada apenas pelo sexo masculino? Quem oferece e quem aceita essa mão? Quem a nomeia de boba? O sexo feminino gosta dessa mão boba, tem prazer e saber sobre ela? São questões que fico a pensar nessa relação que às vezes achamos que é algo que pertence ao campo do sujeito masculino.

## 4. Professor Maternal

As falas a seguir mostram a relação que o professor estabelece na escola com o ficar:

*Tenho uma professora que é gente boa, dá conselho como se fosse uma mãe aconselhadora. Muitos colegas a colocam no lugar da mãe.* (Sujeito falante)

*Eu ainda não ouvi professor falar de ficar na escola, mas quando a gente precisa, procura um professor para conversar, tem uma que eu chamo até de mãe.* (sujeito queixante)

*Não, nunca comentaram nada, nem falam que alguém está namorando ou ficando. Eles sabem, mas não falam nada.* (sujeito escuta)

*A professora diz que posso conversar com ela quando quiser. Ela me disse que quando minha mãe não estiver do meu lado, ela vai sempre estar.* (sujeito beijo)

As falas expressam a necessidade de o aluno ver na figura do professor a figura materna e parece ser a recíproca verdadeira, quando estas professoras assumem o lugar e posição de mãe para os alunos. Observa-se na fala do sujeito falante que a professora aconselha, é uma atitude bem comum na relação mãe e filho. Afirma o sujeito queixante que o professor não fala do tema, mas quando precisa busca, o que de certa forma denota uma abertura. Há uma professora que é chamada de mãe. Pergunto: o que leva o professor a não assumir o seu lugar de autoridade, de sujeito suposto saber?[8] É mais fácil se colocar no lugar do colo e do peito, para não falar da sexualidade do jovem? O que se encontra escondido atrás dessa pseudo *mãe*? O sujeito escuta autentica através da sua fala que o assunto é silenciado, afirma que o professor sabe que há alunos *ficantes*, mas fazem de conta que não sabem, talvez porque não sabem falar sobre o fenômeno, posto que o tema é

[8] Sss é a posição atribuída pelo aluno ao professor e que confere a este o suposto saber sobre seus desejos e seu saber. O aluno pensa que o professor pode assim responder a todas as suas dúvidas e questionamentos. O aluno se prende a um educador porque supõe existir nele um saber sobre sua aprendizagem. (KUPFER, 2001, p. 88)

complexo, é novo e assim é melhor calar, silenciar e assumir o lugar da maternagem, lugar tomado por empréstimo talvez para dizer que tem tudo para dar, o peito e o colo, duas ofertas estruturantes para o sujeito que possivelmente não as tenha na família e que encontra na escola...

5. Ficar e o aprender

As falas abaixo são expressivas da relação que há na escola entre o ficar e o aprender:

*Entendo que é tirar uma lição, saber mais alguma coisa, tirar algo positivo, pode ser também negativo e de uma forma ou de outra tem relação.* (sujeito amasso)

*Aprender a ficar é aparecer alguma coisa nova que você não sabe e você aprende e aí digo: poxa que legal, aprendi isso, nem sabia que era assim tão bom, senti o coração bater e aí dá vontade de aprender a lição da professora.* (sujeito desejante)

*Quando você está ficando, pode começar a namorar e aí aprende mais. Quando a garota está namorando, ela se interessa mais pelas aulas e acaba convencendo o namorado a assistir as aulas e a aprender.* (sujeito escorregadio)

É interessante sinalizar a relação que o jovem faz do ficar e o aprender. Fala que pode ser uma lição positiva ou negativa. O sujeito desejante argumenta que quando o coração bate parece que cresce o desejo de aprender, possivelmente o conteúdo desenvolvido na sala de aula também se eleva. Já o sujeito escorregadio não fala em ficar, traz a categoria namorar e afirma que o namoro contribui para estar atento às aulas. Fico pensando: o afeto prazeroso contribui para que possamos produzir mais? É uma pergunta que o professor poderia investigar. Penso que o professor poderia tentar fazer esse enlace do ficar com

o aprender, talvez a sala de aula fosse mais interessante e o desejo do aluno aprender pudesse emergir.

## 6. Ode ao romântico

São falas que resgatam o desejo de colocar no lugar do ficar o amor romântico:

*O ficar não tem nada a ver com o coração. O amor romântico se envia flores, cartão. No ficar não tem nada, fazer isso é careta.* (sujeito etílico)

*Amor romântico é ouvir música junto, dar atenção, ser carinhoso...* (sujeito descompromissado)

*Amor romântico para mim é quando você gosta daquele garoto e ele gosta de você também. Quando a gente se vê, a gente fica feliz, ele sorri pra você e diz eu te amo. Eu gosto muito de você. Ele sempre que te encontra, a qualquer hora, te olha e diz poxa eu te amo muito, viu? Tome aqui esse chocolate.* (sujeito libidinoso)

Os sujeitos da pesquisa demonstram nessas falas o desejo ainda que inconsciente do retorno ao amor romântico. Descrevem esse amor denunciando ser este o avesso do ficar. Este, tal como já foi visto, é efêmero, descartável, enquanto que o romântico respira e inspira afeto prazeroso. A palavra que reafirma *eu te amo* faz parte do jogo amoroso e o presentear parece ser um agradecimento da cena de sentidos semiotizados pelo par que assina o lugar do desejo. Essa ode ao enamoramento contido nas entrelinhas do discurso do jovem é um grito de algo que precisa ser escutado. Ao tempo em que o jovem faz ode ao efêmero, faz também à relação mais duradoura e assim o amor romântico circula no cotidiano do jovem, como algo que precisa, para alguns, ser regatados e, para outros, quem sabe, cultuado.

**Escola Ficante**

As categorias descritivas das entrevistas da escola Ficante foram delineadas em número de cinco, a saber:

1. Instante de ficar
2. Pegar sem permissão
3. Homossexualidade no ficar
4. Professor afetado pelo ficar
5. Ficar e o aprender

1. Instante de *ficar*

As falas abaixo revelam o que os sujeitos refletem sobre o *ficar*:

*Ficar é conhecer e trocar carinhos e beijos. É só diversão*. (sujeito brincante)

*Ficar é um relacionamento assim curtinho, sabe??? Só aquela fase de pré conhecimento, que não é conhecimento ainda*. (sujeito evaporante)

*Ficar é se relacionar com uma pessoa durante um dia, sem nenhum compromisso*. (sujeito carícia)

Percebo nessas falas que o instante de ficar é fugaz, é troca fortuita de afetos prazerosos, que se revelam efêmeros, sem necessariamente ter uma preocupação de estar com alguém que já tem laços e também de compromisso da continuidade dos afetos trocados. Vemos assim que o instante do ficar é descartável, ou seja, é como se o sujeito ficante fosse um objeto que após o uso fosse rejeitado, representado pelo objeto *a*.[9] É um encontro curtinho, verbalizado no diminutivo, um momento de diversão, alegórico, possivelmente com tempo marcado, em que o pré-

[9] Objeto causa do desejo. Resto indizível. É causa da divisão do sujeito, introduzido por Lacan no Seminário VI, *Le désir et son interprétation*.

conhecimento não avance para o conhecimento porque não há tempo nem mesmo para perguntar: qual é seu nome? Nesse contexto, os sujeitos não têm nomeação, são sujeitos em séries, não identificados.

2. Pegar sem permissão

As falas dos sujeitos apontam para a fugacidade do ficar:

*Pegador a gente pega uma vez e larga lá, tipo como numa festa, pegou, pronto! A gente não vê mais.* (sujeito morto)

*Pegador é aquele que sai pegando todas, não dispensa nenhuma, prá ele todas servem.* (sujeito sedutor)

*Pegador é aquele que só faz pegar... pegar... pega uma aqui, não quer mais, pega outra ali, não quer mais.* ( sujeito pegador)

Observo nessas falas que o pegar tem uma dimensão diferenciada e ao mesmo tempo similar a do fenômeno ficar. No pegar, esboça-se um desenho mágico: na medida em que este tem uma conotação de fugacidade, de não pedir permissão, de não necessitar o olhar, como se estivesse numa troca mercadológica, escolhendo, pegando, para saber a textura, a cor, o cheiro, o preço do objeto do desejo e, nesse movimento cambaleante de pegar aqui e acolá, configura-se o Outro como se fosse um cajado de sustentação do desequilíbrio do pegante que se expressa solto e que precisa segurar o Outro para não cair.

3. Homossexualidade no ficar

As falas dos sujeitos revelam sua posição diante da possível relação de parceiros do mesmo sexo:

*Eu não tenho preconceito com pessoas do mesmo sexo que ficam. Eu acho normal, é o gosto delas e a gente não pode fazer nada.* (sujeito morto)

*Não vejo preconceito das pessoas do mesmo sexo ficarem. Prá mim, cada pessoa tem seu gosto, sabe o que está fazendo, então se ela tem a vontade de ficar com a pessoa do mesmo sexo não tem a mínima diferença. É um casal como qualquer outro.* (sujeito sedutor)

*Prá mim é comum, eu já vi tanto, tenho até amigos que são gays.* (sujeito escópico)

Observo nessas falas que as relações entre sujeitos do mesmo sexo aparecem nos discursos como relações que já ocorrem com maior freqüência e naturalidade, parecendo não se constituírem preconceituosas, uma vez que possivelmente eles convivem bem com a homossexualidade no ficar. Em que pese essas falas expressarem uma aceitação da possibilidade do ficar com parceiros do mesmo sexo, entendo que pela própria exclusão social dessa forma de afeto, os *ficantes* homossexuais podem ter mais dificuldades de se colocarem nessa vitrine, uma vez que essa exposição invoca repressão, expressa a diferença, mas pode ser uma forma de revelar que a homossexualidade encontra-se em todas as modalidades de relação afetiva.

### 4. Professor afetado pelo ficar

As falas do sujeito revelam que o tema do ficar quando abordado não ocupa o espaço da sala de aula, sendo comentado ocasionalmente nos corredores:

*Tem algumas professoras que comentam, mas não na sala de aula. Falam algumas coisas assim, mas não diretamente... quando pegam a gente contando alguma coisa entre amigas, aí às vezes surge a conversa e a professora diz que ficar na escola não é bom, vocês não estudam direito,*

*só ficam pensando no menino... parece um sermão de igreja*. (sujeito gozante)

*Não, na sala de aula nenhum professor fala sobre esse assunto. Já brincaram assim, fora da sala: Ah! Você está de olho nas meninas, só quer namorar*. (sujeito pegador)

*Não na aula, mas quando estava fazendo alguma coisa besta assim, tipo paquerando alguém na sala, aí ela começava a explicar que não era legal ficar com um e outro, porque ficava falada*. (sujeito silencioso)

Essas falas nos fazem pensar sobre a (não)escuta do professor a respeito das inquietações advindas das relações afetivas dos adolescentes no seu cotidiano. Observo que a sala de aula não é o lugar do professor falar sobre o ficar. Há uma fuga, um medo, um receio de adentrar por uma seara desértica, ou seja, no lugar do vazio, onde nem ele mesmo sabe o que acontece com o jovem nesse cenário incandescente. Nota-se que o professor encontra-se afetado por uma fala que não é dita, mas reprimida pelos sermões que fazem furos no princípio do prazer, bem como furo no afeto. O professor precisa estar mais trabalhado sobre esse fato, costurar esse tema com o conteúdo das disciplinas, não de forma pontual, mas enodado com o saber, o conhecimento que se transmite na escola.

Pergunta-se: não há espaço nos planejamentos pedagógicos para a discussão da sexualidade, sendo esta considerada um dos temas transversais contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais? (PCNs, 2001)

## 5. Ficar e aprender

A leitura das falas dos sujeitos apontam para *o ficar na escola como algo que interfere no aprendizado*:

*Eu acho que atrapalha bastante o aprender. Em alguns casos os alunos deixam de vir para a escola para estudar, deixam de fazer as*

*tarefas, deixam de fazer tudo o que tem prá fazer para ficar de beijinho e abraço na escola.* (sujeito sedutor)

*Acho que atrapalha porque a pessoa vem prá escola prá se mostrar prá aquela pessoa. Fica toda hora saindo da sala de aula, diz que vai ao banheiro. Mentira, tá ficando com a pessoa em outra sala vazia. Aí atrapalha muito, tem gente que perde de ano por causa disso.* (sujeito silencioso)

*Depende. Quando é namoro, aquela pessoa pode até te ajudar no estudo, como já acontece. Agora, tem vezes assim: que se você não tiver pulso firme, a menina, a outra pessoa, só quer saber de namorar, nem quer saber de estudar. Ah! Não vamos assistir aula não, vamos filar...* (sujeito carícia)

*Atrapalha porque você perde o consenso de estudar, perde tudo, só fica pensando naquela pessoa, só tem vontade de ficar.* (sujeito gozante)

Essas falas expressam que entre o ficar e o aprender há uma distância considerável, posto que em nenhum momento esses sujeitos trazem este debate para a sala de aula. O ficar, para aos sujeitos, é sinônimo de obstáculo para o processo de aprender e isso corrobora as falas observadas na categoria 1, ou seja, que o ficar é algo descomprometido, sem relação com os conteúdos desenvolvidos pelo professor. Observa-se que o discurso do aluno nas falas acima é a repetição dos discursos do professor, ou seja, ficar tem conotação de algo que dispersa, atrapalha o estudo. Essa fala se aproximou da análise da categoria anterior. Penso que quanto mais repressão, mais o aluno vai trapacear, burlar para atingir o seu objetivo ficante.

**Escola Namorante**

As categorias descritivas das entrevistas da escola Namorante foram delineadas em número de seis, a saber:

1. Instante de ficar
2. Pegar sem permissão
3. Ficar e sexualidade
4. Professor afetado pelo ficar
5. Ficar e o aprender
6. Ode ao romântico

1. Instante de ficar:

As falas abaixo demonstram a percepção dos sujeitos sobre o fenômeno ficar:

*Ficar é ter um relacionamento rápido e não ser tão sério como namorar.* (sujeito fugidio)

*Ficar é ficar uma vez só e acabar. Se achar que foi bom fica de novo.* (sujeito evaporante)

*Ficar é... ficar sem atrito e sem cobrança de que traiu. Fica com um num dia, com outro no outro dia ou até no mesmo dia com um diferente, fica enquanto for bom e gostoso.* (sujeito carícia)

*Ficar é por um dia, assim, namorar por um dia, é uma coisa rápida, sem compromisso, é beijar, abraçar, passar a mão onde ela deixar.* (sujeito abraço)

Essas falas expressam que o ficar é sentido e compreendido como algo efêmero, fugaz, uma forma de não se comprometer com o outro e de buscar o prazer do momento. Nessa relação, o adolescente ocupa o lugar e a posição de objeto do gozo do Outro. Podemos pontuar que a concepção de ficar desses sujeitos, na medida em que mostra o descompromisso, traz a conotação de que se no ficar o afeto for prazeroso, este pode ser repetido. Um outro aspecto refere-se ao ficar

sem receber o que seria devido pela troca afetiva. O curioso é que o trair é uma palavra *foracluída*[10] do vocabulário do *ficante*, posto que não há engano, infidelidade, ocultamento. Pergunto: esse jeito de estar com o outro no ficar, sem enganar, revela em certa medida o faz de conta, o que oculta nas relações contemporâneas?

2. Pegar sem permissão

Observamos nas falas dos sujeitos as seguintes características:

*Pegador pega geral, não deixa passar uma. São os meninos que pegam, é uma coisa mais rápida do que ficar*. (sujeito fugaz)

*Pegador só fica um dia só, pouco tempo e o menino acaba pegando fama*. (sujeito vitrine)

*O pegador pega uma, outra e por aí vai... no mesmo dia*. (sujeito evaporante)

*O pegador é galinha, pega uma menina aqui, outra ali. Pega todo mundo*. (sujeito abraço)

*O pegador só pega uma vez, aquela vez*. (sujeito entrega)

Pela leitura das falas que emergem nas entrevistas, o pegar constitui-se uma maneira de estar com o outro de maneira mais fugidia e descompromissada do que o *ficar*. É a necessidade do garoto ser reconhecido pelo seu grupo como aquele capaz de seduzir, enquanto macho, aquele que já tem uma coleção de nomes femininos registrados na sua agenda. Esse pegar verbalizado por esses sujeitos é como se fosse uma necessidade de aderir, colar, prender, segurar o que se encontra

[10] Excluída.

solto, descolado nele mesmo e daí sentir necessidade de pegar, pegar, pegar na ilusão de que as meninas o ajudarão a segurar a corda bamba do afeto clivado, de sua condição de sujeito faltante.

3. Ficar e sexualidade

As falas dos sujeitos apontam para a não diferenciação entre sexo e sexualidade :

*Sexualidade é na hora do vamos ver, por exemplo, é a transa e ela não acontece no ficar*. (sujeito fugidio)

*A sexualidade é uma intimidade já. Quando a pessoa pensa em sexo já tem um grau de intimidade bem grande. Aí já não é mais ficar, é algo mais*. (sujeito fugaz)

*Sexualidade é sexo, ir prá cama, transar. Prá mim ficar é só no beijo, não tem transar*. (sujeito transa)
*Sexualidade tem sexo, cama, e ficar é mais uma brincadeira de se agarrar, se beijar e abraçar*. (sujeito carícia)

*Prá mim não tem a ver ficar com sexualidade, porque sexualidade é mais quente, envolve mais o sexo e tem que gostar para se entregar. E ficar é mais na brincadeira*. (sujeito entrega)

As falas dos sujeitos mostram uma restrição da sexualidade ao genital, ao ato sexual e não para a sexualidade como uma atividade geradora de prazer, de momento de troca, intimidade prazerosa, erotização, etc. Esse construto sexualidade se fosse trabalhado na sala de aula possibilitaria uma concepção aprofundada do que é o conceito.

Lamentavelmente, pelo fato da escola não estar preparada para trabalhar esses conceitos, o aluno costuma confundir sexualidade como sinônimo de sexo. Vejam que, na fala dos sujeitos, ficar é *brincadeira*, que passa pelo ensaio de aprender a ter prazer, enquanto que eles fazem

uma relação entre ficar e sexualidade, como se sexualidade fosse sexo e que este só acontece quando o par já tem mais conhecimento que permite a entrega e o *mais-de-gozar*.[11] (KAUFMANN, 1996)

4. Professor afetado pelo ficar

As entrevistas demonstram que o discurso do professor sobre o ficar é evasivo e atêm-se a explicações vagas, reforçando o aspecto de cuidados com doenças e gravidez:

*O professor de física falou que é para ter respeito pelas meninas, que é para não falar ousadia na frente delas... falar palavrões, falar sobre os hormônios, sobre os peitinhos das meninas que começam a criar. Olha, quando isso acontece e a gente vê, a gente fica com vontade de pegar...* (sujeito abraço)

*Quando o professor fala, diz que é proibido ficar, aí não tem nem espaço para discutir porque.* (sujeito fugaz)

*O professor de ciências fala para usar camisinha quando transar para evitar doenças sexualmente transmissíveis.* (sujeito transa)

*O professor de Ciências falou sobre o ficar porque estava estudando os hormônios e entrou no tema a pedido dos meninos, através de uma brincadeira. Ele disse que a atração se deve aos hormônios. Aí os meninos ficaram aliviados, nós também. Porque quando a gente sente no corpo uma atração a gente pode pensar que está ficando maluco, que alguma coisa está acontecendo com a gente que não é normal. Aí sabendo que é assim mesmo, que é por conta dos hormônios, a gente parou de pensar que estava maluco, pois é algo dentro da gente, dentro de mim que faz eu*

[11] Lacan estabelece uma relação de homologia entre a mais valia, tal como Marx a define, e a nova designação que dá, a partir desse dia, ao objeto é o mais gozar. No discurso, o sujeito representa o valor de troca junto ao valor de uso.

*sentir isso e que é normal, todo mundo sente por um ou outro*. (sujeito carícia)

*O professor de geografia fala que somos jovens para ficar, prá gente se cuidar, se cuidar com a questão dos preservativos para não engravidar a menina*. (sujeito cuidadoso)

*O professor de educação física diz que é prá saber o que está fazendo no ficar para não se arrepender, não se decepcionar*. (sujeito entrega)

Verifico, assim, que a relação entre a aprendizagem dos conteúdos escolares e o ficar denuncia que na escola não há espaço de discussão desse fenômeno no contexto do projeto pedagógico da escola. Mas, observo que alguns professores reverberam que o ficar envolve riscos de doenças sexualmente transmissíveis, de gravidez e de decepções amorosas.

Observo nesta pesquisa que o professor quase não fala, mas quando fala, a exemplo do que esses sujeitos revelam, é uma fala do pecado, da repressão, do medo, do risco. Paradoxalmente, observa-se na fala de um dos sujeitos a constatação de que o sentimento fantasmático da loucura frente ao princípio do prazer é desconstruído pela via da pulsão sexual sentida no momento de ficar.

## 5. Ficar e o aprender

As falas dos sujeitos revelam o ficar no processo de aprendizagem:

*Se você ficar todo dia vai atrapalhar... se você não administrar... vai atrapalhar os estudos. Se você ficar com uma ou outra... aí não vai ter ninguém e vai ficar em casa e vai estudar*. (sujeito evaporante)

*No estudo, aprende várias coisas. O ficar não ajuda nem atrapalha. Pode ajudar se está bem e atrapalha se está brigando, com ciúmes. Se tá bem com a menina, pode ajudar porque estuda junto... e se está mal, tá*

*brigando, fazendo ciúmes, aí atrapalha porque fica só pensando nisso e deixa os estudos*. (sujeito abraço)

*A gente aprende mais sobre as relações. E atrapalha o aprendizado, principalmente se for da mesma sala, porque fica vigiando e fica chato*. (sujeito carícia)

Podemos observar nestas falas a relação que os sujeitos estabelecem entre o ficar e a aprendizagem de conteúdos na sala de aula. O ficar possibilita ao jovem aprender como as relações se estabelecem enquanto afirmam que o ficar pode dificultar o aprender, principalmente quando os ficantes estão na mesma sala de aula. As falas apresentam uma ambivalência. Se por um lado a relação ficar e aprender é uma relação que pode desequilibrar o processo de construção do conhecimento na sala de aula, por outro, parece que um dos sujeitos insinua que o aprender pode ser facilitado pelo ficar prazerosamente, simbolizado por Eros e dificultado quando esse afeto está no campo do desprazer, simbolizado por Thanatos.

6. Ode ao romântico

As falas dos sujeitos descrevem uma idealização das relações:

*Ficar é bom, mas se não for prá sofrer. Eu prefiro ainda o amor romântico. Porque quando a gente se apega e não é correspondido é dose. Quando rola uma química... quando uma pessoa gosta da outra, rola uma química, né... No namoro há exclusividade, tem um voto de confiança que no ficar não tem*. (sujeito fugaz)

*O bom é se apaixonar. Seduzir um ao outro. O ficar serve para se conhecer, para decidir, mas, o bom mesmo é o amor romântico, porque tem a segurança de não sofrer*. (sujeito falante)

*Sou mais o amor romântico, porque vai se apaixonando e fica mais duradouro. Mas, tá na moda ficar e a gente aí não agüenta só aquela e fica com outras.* (sujeito vitrine)

*Amor romântico é melhor, pois no ficar, se gostar, não sabe se vai ver de novo e aí sofre, é ruim.* (sujeito entrega)

Por esta via, verifico que possivelmente os sujeitos preferem o amor romântico ao *ficar*, pois o primeiro situa-se no imaginário como algo especularizado, que bordeja a completude. Podemos dizer, assim, que os jovens gostam de ficar, talvez por uma questão de modismo, mas que a idealização seja a relação duradoura em que a confiança, a segurança sejam os pilares de sustentação dessa relação amalgamada pelo afeto que o sujeito nomeia de apaixonamento, no qual fica subentendido que há laço, lealdade, desejo, projetos de vida e que ambos podem se constituir, não nos moldes do amor de Romeu e Julieta, mas como num amor romantizado e enlaçado nas diferenças e singularidades e se desvelem tal como a fita de Möebius.[12]

## CATEGORIAS TEÓRICO - INTERPRETATIVAS DAS ENTREVISTAS

Na busca de permitir a interpretação dos discursos dos sujeitos desse estudo, as categorias descritivas das três escolas foram agrupadas em (seis) categorias interpretativas (ficar, afeto, escuta, homossexualidade, desejo, sedução).

Na Escola Pegante, foram contempladas as categorias ficar, afeto e escuta, na Escola Ficante, as categorias *ficar* e homossexualidade e na Escola Namorante, as categorias ficar, escuta, desejo e sedução.

Assim posto, pontuamos a definição conceitual de cada categoria interpretativa ao tempo em que procedemos à análise de como essas se revelaram no discurso dos sujeitos.

[12] Uma fita de Möebius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia-volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand Möbius, que a estudou em 1858.

1. Ficar
2. Afeto
3. Escuta
4. Homossexualidade
5. Desejo
6. Sedução

1. Ficar

Vive-se hoje numa sociedade simbolizada pela vitrine, em que o desejo de consumir revela-se como uma compulsão. As trocas que são ditas afetivas refletem o uso do outro como mero instrumento de gozo narcísico, após a cota cifrada do prazer efêmero. Alguns jovens vivem hoje o paradigma do saudosismo do amor romântico para o fenômeno *ficante* que tem ressonâncias nas dimensões psicossociais que estão no entorno das relações na sociedade. Na contemporaneidade, o *ficar* é desenhado com as cores do instante, da fugacidade, da volaticidade em que o sentido fundante é a busca do prazer aqui e agora e que o gozo é perseguido a qualquer preço. Segundo Bauman (1998), vivemos hoje o chamado tempo real em que as distâncias se encurtam de tal forma que torna tudo imediatamente presente, instantâneo, *fast-food* e isso tem marcado fortemente os relacionamentos amorosos. Ficar é uma maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer. É um exercício de sedução.

É nesse marco teórico que as falas dos sujeitos desta pesquisa foram analisadas: *ficar é estar com um garota, beijar, dar uns amassos, largar e pegar outra.* (sujeito descompromissado, da Escola Pegante). *Ficar é coisa de um dia, passageira. Ficar é estar com alguém por prazer* (sujeito abraço, da Escola Namorante). *Ficar é uma coisa que acontece, a gente pega o menino, fica, beijou, já foi. A gente fica dois dias, no máximo. Aquilo aí aconteceu, não é mais. É só uma coisa prá gente se divertir mais. Só fica mesmo, beijou na boca, tchau, vai beijar outros também por aí.* (sujeito morto, Escola Ficante)

Observa-se que ficar é estar e não ser, há o beijo na busca de selar que mais um outro ou outra  passou pelo crivo, amassar faz parte do ritual, e o outro se transforma numa massa de modelar, dá-se a forma, a cor, e quando isso acontece *joga-se fora* para dar início a uma nova investida.

Parece que esse movimento é o reflexo da sociedade que apresenta o produto pela via da sedução, encanta e descarta para utilizar um outro na aposta do lucro pela via do mais-de-gozar.

## 2. Afeto

O afeto é um construto que integra a subjetividade do sujeito. Historicamente a educação privilegiou o cognitivo e o intelectivo, em detrimento do afetivo. Os afetos são estruturados levando-se em conta o prazer-desprazer, ou seja, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio, a vida, a morte etc. Para a psicanálise, o prazer e a dor são as matrizes psíquicas dos afetos e podemos dizer que se constituem em afetos originários. Pode-se afirmar que os afetos constitutivos do sujeito são o amor e ódio, ambos estão sempre presentes na vida psíquica e enlaçados com a fantasia e as formações do inconsciente. Freud quando pensou a teoria do Complexo de Édipo, mostrou o quanto esses dois afetos são ambivalentes, considerando que uma das mais relevantes dimensões é a oposição entre um amor fundamentado e um ódio não menos justificado, ambos dirigidos a mesma pessoa. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992) Observa-se nessa citação que o afeto é o conjunto de sentimentos do mais agradável ao mais insuportável.

Freud resgata os termos de Empédocles, Philia e Neikos, como equivalentes de amor e ódio. No seu seminário *Mais ainda*, Lacan constrói o neologismo *amódio* (hainamoration) para dizer que o verdadeiro amor desemboca no ódio e este não significa querer o mal do outro ou destruí-lo, mas o que cai mal quando se quer o bem do outro. Freud em Metapsicologia (1915) define afeto da seguinte forma: Os afetos e os sentimentos correspondem a processos de descarga e adianta dizendo que se a pulsão não aparecesse sob forma de afeto,

nada poderíamos saber sobre ela. O pai da psicanálise assinala o afeto enquanto liberação e ligação que há entre afeto e pulsão. Para Lacan "o afeto está ligado àquilo que nos constitui como sujeito desejante, em nossa relação: com o outro nosso semelhante; com o Outro, como lugar do significante, e, portanto, da representação; com o objeto causa de desejo, o objeto *a*". (Chemama, R., 1995, p. 11) A concepção lacaniana nos convida a pensar o sujeito desejante no enredamento com o outro, o Outro e com o objeto *a*.

O ficar é uma forma de "afeto e tem um certo parentesco com o amor cortês, invenção do século XII. Esse amor tem um código, dele fazendo parte a um só tempo a coloração sentimental e erótica da relação que visa acabar-se". (Kristeva, 1998, p. 313) Podemos pensar que o ficar é um retorno ao amor cortês? Por outro lado, a maioria dos sujeitos falam com saudade do amor romântico, talvez por terem escutado dos avós e pais essa modalidade de amar.

Para a psicanálise, buscamos no outro o que nos falta e Lacan diz que essa falta é para o sujeito a parte para sempre perdida. Por isso, o amor romântico é logrado, funciona como um engodo e como um efeito do assujeitamento do desejo do sujeito ao desejo do Outro.

As falas a seguir fortalecem a concepção dos teóricos agora convidadas para esse debate:

*Afeto é o jeito de ser, a beleza interior e a exterior também. É beleza somado ao jeito de ser, o jeito que ele olha pra você, o jeito que ele sorri e lhe convida para um lugar encantado*. (sujeito transa)

*Antes, quando comecei a ficar, me apegava, mas hoje em dia quanto mais mulheres melhor. Quando acontece de me apaixonar, aí eu namoro por um tempo*. (sujeito amasso)

*Pegador é aquele que pega todo mundo, ele pode pegar várias meninas ao mesmo tempo sem ter apego. Já o ficante tem mais afetividade, mas não tem compromisso. O namoro é mais romântico, tem compromisso e respeito*. (sujeito cuidadoso)

Observa-se que a fala do sujeito transa reflete o paradigma do amor romântico. O pegar e o *ficar* não são verbalizados e parece que o par é olhado na sua subjetividade e no seu agalma. Nota-se o romântico circulando no dizer do sujeito quando emite os significantes beleza, olhar, jeito, sorriso e o convite para um lugar possivelmente semelhante aos contos de fadas. O sujeito amasso fala do apego e do desapego, este é regido pela marca do pegar e do ficar. O apego é cambiado pela soma de *ficantes* e, quando há apaixonamento, há apego, então, o namoro simbolizado pelo amor romântico emerge, este tem tempo marcado para acabar como quer Lacan, quando irrompe o dizer: *amar é dar o que não se tem a quem não é.*

O sujeito cuidadoso da Escola Pegante conceitua os três tipos de afetos: pegante, ficante e namorante. São três modalidades de afeto que pega mas não há apego, daquele que fica e que vai embora e tem marcas tênues de afetos e o namoro tem marcas inscritas na fantasia, na lei e no gozo.

## 3. Escuta

Principiando a teorização desse construto, vale pontuar que o senso comum em grande medida utiliza o ouvir e o escutar como sinônimos. Ouvir vem do latim *audire* (ouvido), está diretamente relacionado à audição que pode ser conceituado: "perceber, entender sons através do aparelho auditivo". (CUNHA, 1986, p. 568) "O construto escutar vem do latim a(u)scultare (aplicar o ouvido a), ou seja, tornar-se atento para ouvir". (CUNHA, 1986, p. 318) Observa-se nessas diferenças conceituais que o ouvir é um movimento menos profundo que o escutar. Para escutar, o sujeito necessita de atenção, além de todos os órgãos de sentidos, escuta também a ânima, o corpo, o gesto, o cheiro e essencialmente a subjetividade.

A psicanálise surge com a escuta da paciente de nome Ana O. A partir daí, várias interlocuções e escritos foram feitos no sentido de buscar o encontro entre psicanálise e educação e a escuta servirá de referência, de ponte, de laço para se entender o ficar na escola, quando estivermos

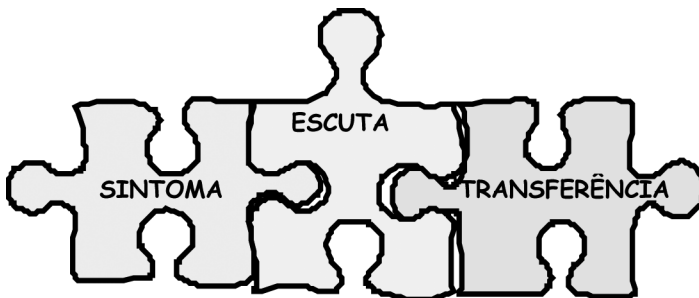
abertos para observar mais o jovem, escutá-lo nos ditos e não ditos, os afetos prazerosos e desprazerosos etc. Nesse sentido, Ornellas (2005) avança:

> A psicanálise por sua vez não tem receitas sobre o que deve ser feito na escola, mas reflete sobre o que tem sido feito, vez que pode contribuir na escuta do discurso do professor e do aluno. Articular psicanálise e educação é um grande desafio, e o fato da psicanálise se oferecer como um importante fundante do instrumento da escuta é o que nos possibilita muitas vezes contribuir para a leitura do mal-estar vivido pelo professor no contexto educativo. (p. 51)

É pela fala e escuta que o sujeito se relaciona e se comunica e é a escola o espaço privilegiado para que ocorram esses dois fenômenos. Esse exercício na escola não é muito fácil. O *ficar*, por exemplo, não é escutado, posto que escutar pressupõe um mergulho nessa modalidade de afeto, com vistas a ressignificar o aluno enquanto sujeito do desejo. Como vemos nas falas dos sujeitos:

*Pelo que eu me lembre, nenhum professor falou sobre o ficar*. (sujeito vitrine)

*Teve um professor que falou, mas falou muito rápido, eu não lembro quem foi. Normalmente as pessoas falam que é proibido, aí não tem nem espaço prá discutir porque*. ( sujeito fugaz)

O professor poderá entender o ficar na escola se conseguir processar a partir do enlace que pode ocorrer na tríade: sintoma-escuta-transferência.

Esse enlace pode ser visto pela escuta da relação transferencial de saber entre professor e aluno. Portanto, faz necessário uma escuta que leve em conta o sintoma presente no silêncio da escola sobre o fenômeno ficar e a transferência que se observa na relação professor-aluno, o que pode contribuir para que esse debate aconteça no interior da escola. Talvez dessa forma o movimento de escuta reflita e dialogue, tente tirar dúvidas sobre esse afeto, revelando saberes ainda que não-sabidos, na tentativa de um *savoir-faire* mediado no processo de aprender. Nesse sentido, Mendes (2008) expressa:

> [...] uma escuta que não seja apenas sonora, da voz, mas uma escuta que subjetiva o sujeito na dimensionalidade de pretender construir uma sociedade em que o eu e o Outro se encontrem e juntos possam dialogar sobre o que farão da história. (p.39)

A autora amplia o conceito de escuta e nos convida a sair do par e ir até ao social na tentativa de organização para a construção da história.

*Pegador é aquele cara que chega, não fala, não ouve, é tudo rápido. O ficante demora mais, aí já se fala alguma coisa e deixa o outro falar. O namorado é quando já existe compromisso com o outro, é ter uma Federal ligada o dia todo*. (sujeito carícia)

*Eu fico com alguém quando eu olho e bate um clima forte quando a gente fala. Aí vou chegando aos poucos, quando passo por ele falo e espero que ele diga alguma coisa*. (sujeito desejante)

*Se eu fiquei com um pessoa hoje, para mim, ele não tem direito nenhum sobre mim de chegar e já ir me tocando. Gosto de algo mais; primeiro, um papo, quem é ele, quem somos*. (sujeito descompromissado)

As falas dos sujeitos merecem ser debulhadas para se chegar a essência do que desejam dizer. O sujeito carícia diz que o pegador não fala e se não fala a escuta fica prejudicada. Afirma que na situação de *ficante* parece que se insinua uma fala e uma escuta e possivelmente o

tempo não é tão efêmero, porque esses componentes se presentificam. *Ter uma Federal* é uma expressão que o jovem utiliza que significa que esta estará ligada o dia todo, é revelar que está aprisionado, ligado pelos fios virtuais, telefônicos e imagéticos. O sujeito entrega sinaliza sua exigência para *ficar*: é preciso falar e pela lógica escutar. Essa concepção é bem próxima do sujeito descompromissado que acrescenta que não aceita o toque sem que haja uma conversa. Essa análise nos revela o quanto a fala é fundante para que se possa exercitar a escuta. Nesse ensaio, o sujeito pode se sentir erastès ou erômanos[13], isto é, amante e amado, mesmo iludido pelo amor romântico e falseado pelo engano.

## 4. Homossexualidade

Nos dias atuais, o relacionamento entre parceiros do mesmo sexo parece ser um comportamento que se apresenta de forma menos velada e causa sentimentos ambivalentes no jovem, que vêm nessa modalidade de troca afetiva um exercício de sua sexualidade, neste período de redefinição psicossexual, em que o jovem revive a problemática do conflito edipiano e pode ser também usada como arma de sedução.

*Eu vi dois meninos se beijando, fora da escola. E aqui no campo eu vi duas sapatonas, escondidas, que queriam tirar até a roupa. Eu sei de gente que é homossexual, mas só se abraçam. E tem um menino que ficava pegando no pênis dos outros.* (sujeito fugidio)

*Eu acho normal duas pessoas do mesmo sexo, mas eu mesmo nunca vi aqui na escola.* (sujeito tímido)

[13] Èrastés, o amante, aquele que ama; e Erômanos, aquele que é amado. Lacan atribui o amante como o sujeito do desejo e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa. (Lacan, 1992, p. 47)

*Na minha rua tem duas meninas, eu conheço elas, mas não são minhas amigas de freqüentar casa, elas vivem se agarrando, mas eu acho feio, nojento*. (sujeito transa)

Essas falam revelam como os sujeitos veem a homossexualidade, algumas vezes sem estranhamento, outras, com preconceito, como algo que está no avesso do belo, do asséptico. Penso que esse sentimento está também ainda arraigado na maneira em que o jovem fala sobre essa temática. Cabe a escola trabalhar a homossexualidade, trazendo as concepções teóricas que a fundam, e fortalecer o debate nesse espaço com vistas a fomentar no discurso do professor e do aluno a cientificidade da temática.

## 5. Desejo

O desejo está ligado a uma vivência de prazer, de obtenção de satisfação de uma pulsão. Implica um investimento de energia direcionada para a satisfação e envolve a escolha do objeto do desejo, o qual supostamente pode proporcionar esse prazer e mesmo que momentaneamente, satisfazer a idealização de ter encontrado o objeto perdido e a ilusão de completude. Segundo Laplanche e Pontalis (2004):

> O desejo nasce da defasagem entre a necessidade e a demanda; é irredutível à necessidade, porque não é no seu fundamento relação com um objeto real, independente do sujeito, mas com a fantasia; é irredutível à demanda na medida em que procura impor-se sem levar em conta a linguagem e o inconsciente do outro e exige absolutamente ser reconhecido por ele. (p. 114)

Podemos dizer que o desejo, na concepção freudiana, refere-se principalmente ao desejo inconsciente, ligado a signos infantis indestrutíveis e é regido pelo princípio de prazer e como tal procura a satisfação imediata, sem considerar as demandas do outro a quem dirige sua pulsão e, assim, nos caminhos e descaminhos do processo de

organização pulsional, o desejo se revela em ato, como observamos na fala a seguir:

*Ficar na escola é chato, porque muitas vezes acaba desejando e não pode tirar satisfação porque estava com outra, porque na verdade era só ficar, sem compromisso.* (sujeito queixante)

Para Freud, o vínculo do desejo com a sexualidade se revela na fala:

*Sexo na escola não tem jeito não. Você deseja, mas tem um limite.* (sujeito transa)

Na medida em que o sujeito fala que o *ficar* não tem laço, observa-se o desejo bordejando essas falas. Penso: mesmo no *ficar*, o desejo não estaria presente? Somente desejo aquilo que me falta. Se procuro ficar com o outro é porque algo me falta. Mesmo assim afirmo ser um desejo embriagado pelo câmbio.

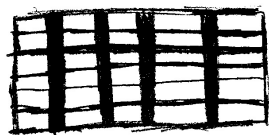
## 6. Sedução

A sedução é entendida como investimento libidinal que envolve a atração, o encantamento do outro para conquistá-lo. A palavra sedução remete-nos à idéia de uma cena em que a sexualidade entra em jogo e o sujeito vale-se de seu poder real ou imaginário com o objetivo de investir para conquistar o outro. (Ornellas, 2005) Conforme pontuam Laplanche e Pontalis (2004), a sedução pode ser considerada como a "cena real ou fantasmática, em que o indivíduo sofre passivamente da parte do outro propostas de manobras sensuais"( p. 469), caracterizando assim uma relação de dominação de poder de quem supostamente sabe e pode prover e de quem deseja saber e é provido. Essa troca de afetos permeada por essa nuance da sedução remete-nos à transferência de afetos da relação original familiar para a relação com o parceiro atual. A fala dos sujeitos expressam:

*Para você querer ficar, namorar com a menina, ela tem que ser agradável. Aí você fica conquistando, aquele jogo de sedução. Você lutou para conquistar ela.* (sujeito evaporante)

*Quando você paquera o outro, rola aquele jogo de sedução. Quanto mais você seduz, mais pode acabar se apaixonando.* (sujeito vitrine)

Na tentativa de desvelar essas falas, pode-se pensar que no *ficar* também se encontra a sedução. Há conquista, ou seja, jogo de sedução. No namoro, o outro precisa ser agradável, precisa encantar, parece não ser nada fácil, há luta e quanto mais sedução, mais apaixonamento. Essa última fala tenta fazer o passe entre o ficar e o namorar, é singular porque, em grande medida, o namoro veio de um *ficar*, o qual fura e ao mesmo tempo emprenha o afeto.

Ficar na sala de aula

Um dia de aula normal teve uma aula vaga e eu fiquei com uma menina nessa sala

A diretora me viu e chamou o pai da menina, não acabou nada bem.

Desenho 21

## DESENHO 21

Um casal revela-se abraçado, se beija atrás de uma janela que parece uma janela carcerária. A janela denuncia que na escola há aprisionamento, que o fenômeno não é libertário, é preciso vigiar e punir para quem comete o ato ficar.

Título:

*Ficar na escola*. É o que expressa o desenho, é algo difícil, o professor e a direção não estão sabendo como lidar com o fenômeno e aí é mais fácil que a arquitetura da escola seja muito parecida como uma cadeia, uma cela para obstaculizar o encontro dos hetero e homossexuais.

Descrição:

*Um dia de aula normal teve uma aula vaga e eu fiquei com uma menina nessa sala. A diretora me viu e chamou o pai da menina, não acabou nada bem*. O sujeito relata que numa aula vaga ficou com uma colega na sala de aula. A diretora presenciou a cena, comunicou ao pai da menina e imagino o que deve representar esse dizer: *não acabou nada bem*. Sabe-se o quanto a escola proíbe o ficar, é possível que essa proibição seja porque, não sabendo o que o ficar simboliza, é melhor não permitir que o fenômeno adentre os muros da escola.

FICAR É...

- Ñ TER COMPROMISSO
- CURTIR AO MAX.
- COISA DE MOMENTO
- E A MAIORIA DAS VEZES CORRER PERIGO DE SEREM PEGOS.

"A EMOÇÃO, DE CORRER PERIGO QUE CAUSA ESSA VONTADE E TORNA O 'FICA' + LEGAL.

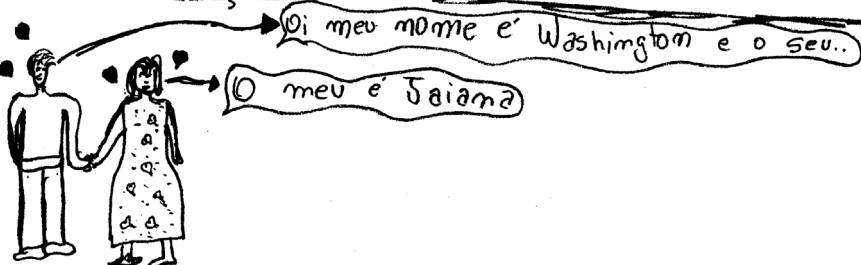
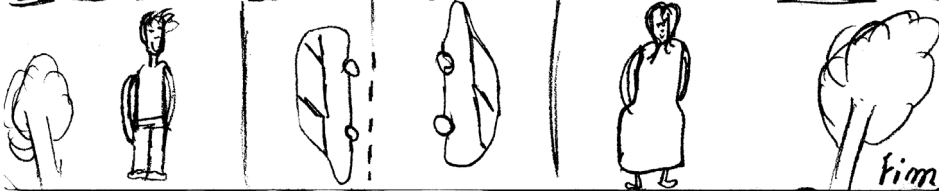
Desenho 22

### DESENHO 22

A expressão gráfica do sujeito é a sua própria casa, e acima do telhado a palavra é escrita: *desconhecido*. Pode ser visível, algumas letras desse nome estão escritas ao contrário, ofereço para o leitor decifrar esse significante. Nesta, os pais estão na porta em posição de espera. Atrás da casa, o casal se encontra, a posição em que os jovens se encontram é como se estivessem pousando para uma foto, três corações estão envoltos entre eles, mostram-se contentes, e, acima deles, a palavra *curtindo* aparece ratificando-os enquanto ficantes.

Título:
*A emoção de correr perigo que causa essa vontade e torna o ficá + legal.* Pode-se afirmar que a repressão não ocorre apenas na escola, a família também direciona o ficar enquanto transgressão e o sujeito frente a esse afeto corre perigo, fomenta no jovem o desejo e segundo, nesse movimento, o sujeito faz do ficar um ato de prazer.

Descrição:
*Ficar é... não ter compromisso, curtir ao max, coisa de momento, e a maioria das vezes correr perigo de serem pegos.* A falta de compromisso é mais uma vez repetida, bem como o campo efêmero do ficar e em grande medida os ficantes correm perigos de serem flagrados. Lembra-me o namoro da década de 40, quando os enamorados se escondiam para ver apenas a amada passar.

O pequenino
Altor
Namoro de Momento
Um dia me um festa, (no Colégio).
Quc é aque/a garoto...
Que é aquele Gatoto...?
Os dois começão á conversar...
Oi meu nome é Washington e o seu..
O meu é Jaiana
Ao terminar a festa, eles vaõ para algum local.
?.???.Z.ZZ.
????Z.Z.Z
Vaõ a uma Lachonete
Tchau
Tchau..
Lachonete
No outro dia fazem de conta que não se conhece.
Fim

Desenho 23

Comentário

O fica é um mamoro que maô tem lógica, ou seja é duais pessoas de sexu diferentes se comheceres, trocarem beijos e depois eles - fazem de conta que mao se comhecem.
Apesar de eu coloca o meu mome e o de minha passeira (mamorada) munca acomteceu isso com mos dos...

## DESENHO 23

O desenho é o esboço de uma história de quadrinhos que lembra uma festa no colégio em que os garotos e as garotas se olham e se perguntam: quem é ele e quem é ela? Num dado momento, aproximam-se, começam a conversar e os nomes são identificados. No término da festa, ambos vão para uma lanchonete. Encostam-se num local reservado e, no desenho corporal, em lugar de se ver dois, vê-se apenas um. Observa-se um balão direcionado para ela em que há algumas interrogações e o numeral 2 em série. O que significa esses sinais inscritos na fala e na intimidade do casal? O numeral 2 seria o desejo de fazer o par? Não sei, são conjecturas as quais tenho dúvidas. Em seguida se despedem verbalizando tchau e, no outro dia, fazem de conta que não se conhecem. Cada um situado no desenho de forma solitária, ao léu, na rua que pode não ser da amargura, mas reflete solidão.

Título:

*Namoro de momento*. O título do desenho reflete a história em quadrinhos do próprio desenho. O ficar nessa história não foi tão momentâneo, o par estava numa festa no colégio, ambos foram seduzidos um pelo outro, conversaram e, no final da festa, dirigiram-se para uma lanchonete posto que ficar na escola parece ser mesmo um ato que desacata a autoridade.

Descrição:

Encontra-se no verso. *O ficar é um namoro que não tem lógica, ou seja, são duas pessoas de sexo diferente, se conhecem, trocam beijos e depois fazem de conta que não se conhecem. Apesar de colocar o meu nome e o da minha parceira (namorada) nunca aconteceu isso com nós dois...* O sujeito assume o ficar como sendo um namoro sem lógica, não vislumbra a possibilidade de ocorrer o ficar com pessoas do mesmo

sexo, ratifica que trocam carinhos e depois cada um busca seu espaço e, quando se encontram, parece não se conhecerem. No desenho o sujeito usa o seu nome e o da namorada, faz questão de afirmar que nunca aconteceu o ficar entre eles. Pergunto: de que o sujeito se defende?

Ficar

Mahalo
Ficar é aprender novas aventuras e conhecimentos.

Desenho 24

## DESENHO 24

Há um poste de luz e uma lua. Ambos causam luminosidade. Um casal fica. Para se ver os dois, faz-se necessário colocar uma lupa, a olho nu, parece ser um posto que estão bem próximos, banhados pelo afeto e pela claridade do espaço.

Título:

*Ficar*. O sujeito escreve apenas a palavra ficar. Apenas a palavra ficar, como se fosse suficiente, quase plena de sentidos, prenhe de sexualidade.

Descrição:

*Ficar é aprender novas aventuras e conhecimentos*. Diferentemente dos demais, esse sujeito traz o ficar na perspectiva de que esse fenômeno pode trazer o aprender, o novo e o conhecer. Três ações fundantes para o processo do conhecimento. Vejo que esse aprender o novo e o conhecer não passam apenas pelo ensaio da sexualidade, mas transbordam o tecido da condição humana.

FICAR É MASSA!!!

o ficar é muinto bom por que tem muintas pessoas que se relaciona e acaba se apaixonando e se ama muinto como eu!!!

Desenho 25

## DESENHO 25

São dois jovens do sexo oposto de mãos dadas. Na posição que estão, parecem pousar para uma fotografia. Acima de suas cabeças, balões são vistos onde se lê o que dizem um para o outro. A proposta dele é que os dois fiquem após a aula e ela pensa da mesma forma. Há uma rigidez no esquema corporal, não se observa no semblante dos dois um movimento de leveza, mas há algo que escapa.

Título:

*Ficar é massa!!!* É uma expressão que denota algo bom, prazeroso e que traz encantamento. Talvez a massa que é, seja esse jeito solto, livre, sem correntes que o jovem deseja, embora o final do ficar (des)agrada e as identificações são silenciadas, como se fosse o objeto perdido.

Descrição:

*O ficar é muito bom porque tem muitas pessoas que se relacionam e acabam se apaixonando e se amando muito como eu!!!* A concepção desse sujeito é que o ficar pode desencadear a relação, a paixão e o amor. É a idéia de que é algo que pode evoluir para uma relação mais estável.

## *Capítulo V*
## *FICAR* NA ESCOLA: O AGALMA DO AFETO

Se tomo do ensino de Lacan (1945) seu artigo *Le temps logique et l'assertion de certitude antecipée: um nouveau sophisme*, no qual o tempo lógico permite explicar as três dimensões da temporalidade com as quais o sujeito lida, posso extrair três tempos que não são três etapas cronológicas, a saber: *o instante de olhar, do tempo para compreender e do momento de concluir*, e situo nestes tempos, por analogia, a estrutura deste projeto de pesquisa nomeado: *Brother, hoje quero ficar com você: um nó que ata e desata revelando os afetos entre os alunos e de que forma essa temática pode ser trabalhada na escola.*

Pode-se dizer que *o instante do olhar me* remete ao primeiro momento da escrita do projeto, quando se delinearam as inquietações sobre o fenômeno *ficar na escola*, o que me levou a debruçar sobre o levantamento da literatura sobre a temática e escrevi junto com meus pares o projeto de pesquisa, o qual foi submetido ao edital nº 023/2007 do Programa Proforte - UNEB, que subsidiou o apoio financeiro institucional e o referido projeto foi contemplado, com vistas a viabilizar sua execução. O segundo momento: *tempo para compreender* abarca a ida a campo, quando parte do grupo que compõe o Gepe (rs) - Grupo de estudo em psicanálise, educação e representação social, adentrou o espaço da escola para a coleta dos dados, através das observações, das entrevistas e dos desenhos, que foram nos fornecendo dados para melhor decifrar o *ficar* na escola. E o terceiro tempo, *momento de concluir*, que aqui estamos nomeando de (in)conclusões, em síntese é um momento de abrir a pasta para possivelmente encontrar sobre o que foi dito com relação ao objeto *ficar* na escola. Em seguida, cada MP-4 foi escutado, cada letra escrita no pergaminho foi lida, relida, analisada

e (des)velada, cujo registro neste livro autentique o desejo na busca de apreender o fenômeno *ficar na escola* com o desafio de aprender a lidar com essa realidade que se presentifica e vai além dos conteúdos curriculares.

Rufino (2004) nos diz sobre esta fase:

> Adolescer é constituir-se de modo a fazer na interioridade da sua história subjetiva, aquilo que falta na exterioridade do social. Isto aumenta a variabilidade formativa de cada sujeito, mas também leva à ilusão de autonomia que acaba por realizar o sonho do individualismo. (p. 84)

Esta falta parece referir-se não à falta do pai do sujeito clivado, mas uma hiância que se configura pela falha da palavra social, palavra suspeita dita pelo pai para cada filho ou filha quando adolesce. Sua fantasia é negada e o encontro com outro é um encontro com ele mesmo.

A incidência do fenômeno *ficar* que posso considerar um encontro a dois ou consigo mesmo? É a maneira mais usual de relacionamento amoroso entre os adolescentes e ocorreu por volta de 15 anos atrás. No entanto, a família e a escola ainda não sabem como lidar com esse fenômeno. Paralelo a isso, poucos foram os estudos científicos acerca desta temática. Mais difícil ainda é encontrar literatura que proponha decifrar a ocorrência deste fenômeno no espaço da escola, posto a delicadeza dos aspectos que envolvem os relacionamentos amorosos em tempos, para uns de modernidade, outros de pós-modernidade, e para tantos, contemporaneidade, o que exige estudo e maturidade para uma escuta com o jovem, para que não caiamos na tentação de um discurso que deslize no preconceito, vez que o fenômeno precisa ser analisado pelo viés da ética, psicologia, pedagogia, psicanálise e filosofia. Para tanto, *Ficar na escola: um furo no afeto* discorre sobre os aspectos presentes no afeto, ou melhor, a desconstrução de que afeto se resume a situações apenas prazerosas, mas discute a ambivalência de afetos, prazerosos e desprazerosos, ou seja, amor e ódio são considerados afetos.

Desse modo, podemos dizer que o estudo do tema, no seu cenário natural, buscou investigar a fala do adolescente com relação aos afetos nos espaços da escola, de que forma são construídas essas relações

afetivas e as possíveis mudanças na forma desse sujeito falar sobre o *ficar*.

O presente estudo fez vir à tona as relações de *ficar* vividas no ambiente pedagógico, imbricadas com a repressão imposta pela escola. Os desafios contemporâneos para o professor e o aluno têm novos significantes, daí é singular o repensar do fazer pedagógico, é condição fundante para professor e aluno olharem-se nas câmaras espalhadas nos corredores da escola e se perguntarem: quem eu sou e o que quero fazer dos meus afetos manifestos?

A pesquisadora Stengel (2003) nos convida a pensar:

> [...] O jovem não consegue fazer uma cisão completa entre o prazer e culpa/sofrimento. Imaginar que o adolescente não viva nenhuma culpa no ficar ou que esse relacionamento não traga sofrimento é um engano. (p. 74)

Em que pese o ficar ser temporário, passageiro, pontuado pelo não enquadre, ou seja, um certo código de promessas que um passa ser do outro, trama tão presente nas relações estáveis, esse afrouxamento deixa culpa, sofrimento e sintoma na medida em que a relação é parecida com a brincadeira das bolinhas de sabão: encanta e desaparece no ar...

A escrita deste livro: *Ficar na escola: um furo no afeto* descreve a realização da pesquisa nas escolas as quais receberam essas nomeações metafóricas: Pegante, Ficante e Namorante, analisa os dados colhidos em campo e traz para o professor a possibilidade de desenvolver na sala de aula conteúdos que possibilitem ao aluno aprender sobre laços afetivos, permeando o *ficar* nas discussões interdisciplinares, como ponte para reflexões acerca dos sentidos que ocupa o afeto diante dessa novo desenho que esboça o traçado de como se relacionar configurada no *ficar*.

No decorrer da pesquisa, objetivando decifrar o *ficar* na escola e analisar a escuta dos sujeitos a este fenômeno, me interrogo: ao se trabalhar os conteúdos curriculares, há um pensar na perspectiva de adentrar o mundo subjetivo? Como se dá a relação com os afetos e desejos do aluno? Por que o ficar tem sido uma opção exercitada

precocemente? Será que pais, professores e alunos distinguem sexo e sexualidade?

O professor, muitas vezes, não sabe lidar com indagações desse tipo ou com as situações vivenciadas na contemporaneidade. Parece que ainda há um número expressivo que repete na sala de aula conhecimentos elaborados na Pedagogia Jesuíta, ignora o afetivo, eleva o cognitivo do aluno e se coloca como transmissor de um saber pronto e acabado. A esse respeito, Abramovay (2004) nos fala:

> A escola é considerada pelos pais como uma importante fonte de apoio na orientação sexual dos jovens. Para alguns, as aulas e feiras de ciências, as palestras e conversas com professores são tidas como boas estratégias para a elucidação de dúvidas e, de certa forma, complementam as iniciativas parentais nesse sentido. (p. 118)

A autora corrobora o fim ou o começo a que se destina esse livro, ou seja, que a escola possa de mãos dadas com a família assumir essa paternidade do *ficar*, talvez assim o adolescente faça desse fenômeno uma escada simbolizada pela palavra para outros encontros, talvez mais estáveis, e quiçá o par possa ser visto embalado numa rede, e aquele que olha essa cena possa lembrar do poeta: não é proibido sonhar.

O *ficar*, expressão de um afeto sentido pelo adolescente na contemporaneidade torna-se uma prática que adentra a escola, e constitui uma das preocupações da escola posto que mostra fragilidades ao lidar com o tema. Não há mais espaço para ocultar e silenciar este fenômeno na escola. Penso que é preciso escutá-lo em todos os seus tons, ruídos e silêncios, se pretendemos construir um espaço de discussão na escola, em que o sujeito-aluno ensaie a construção de laços e se permita viver o passe de criança para adolescente. O *ficar* constitui-se um elemento "desconhecido" das práticas pedagógicas vivenciadas pelo professor e, na escola, este se defronta com o desafio de aprender a lidar com esse fato, que se faz presente e vai além dos conteúdos curriculares dos cursos de formação. O professor, em certa medida, sente-se despreparado para lidar com o adolescente, quando o assunto é sexualidade; não se arrisca a se aproximar deste fenômeno posto que este é silenciado através de câmeras que vigiam para punir os poucos adolescentes que ousam

transgredir a ordem. A palavra de ordem é a seguinte: é proibido ficar! Pergunto: como sentir-se e pensar-se preparado, portanto, se no lugar da escuta ao fenômeno há a denegação da escuta, o silêncio e a punição?

Por essa via, Lajonquière nos convida a fazer esta leitura:

> O fundamentalismo psiconatural que alimenta o ideário pedagógico atual é na mesma linha dos ganhos religiosos, capaz de erradicar a vontade de saber, bem como de mitigar o medo dos adultos perante os perigos e as vicissitudes da vida – escolar ou não – junto às crianças, na medida em que formula prescrições, proibições e restrições sempre justificadas. (2002, V. VII Estilos da clínica)

Na ambivalência de afetos que perpassam o *ficar*, em que ora busca-se a ilusão de um prazer desmedido, fugaz, com tempo certo de início e término, ora pode constituir-se um ensaio prévio para o namoro, forma singular de lidar com a sua sexualidade e a do outro, misto de dor e delícia, é que visualizo o furo deste afeto e penso ser estruturante desmitificar o fenômeno como um bem ou como um mal e ampliar o debate sobre a insistência que não para de não se inscrever.

Penso ser oportuno este livro para adolescentes, pais e professores, posto que pode se constituir um elo, uma ponte para estudos acerca dos sentidos que ocupam este afeto para que se inaugure uma nova maneira de escutar o relacionamento configurado no *ficar* e sua leitura pode ajudar a compreender melhor as relações afetivas contemporâneas.

O Grupo de estudos em psicanálise, educação e representação social, ao decidir realizar esta pesquisa, foi afetado por uma indagação inicial: o *ficar* é um afeto observado na escola em que se escuta a busca incessante do objeto perdido? O *ficar* na escola marca uma diferença do *ficar* na festa? Nesta, o jovem está movido pelo etílico, pelo embalo do som, pela balada da meia-noite, mas os gatos e gatas borralheiros continuam na festa, não há preocupação com os sapatinhos perdidos e, assim, o encanto se desfaz porque a lei é *ficar*, custe o que custar. Na escola, esse sintoma acontece no espaço de saber, de lucidez, de compromissos com as disciplinas, com a presença da direção, professores, coordenadores e ajudantes. É nessa escola que o ficar acontece, e tem hora marcada: a hora do recreio! É um espaço efêmero, fugidio, em que o *ficar* acontece

no intervalo, no lanche e nele o (a) jovem se vê inquieto com o ruído da campainha anunciando que chegou a hora de parar de beijar, de tocar, sem necessariamente saber a identidade e o contato do (a) *ficante.*

Observando os *ficantes* não se pode afirmar com segurança por que não se criam laços. Sabe-se que há elogio, trocas, encontros efêmeros, que daqui a pouco será o malogro de um encontro a dois que já principia no fracasso, que constitui o inevitável do exílio do errante que habita no sujeito que fica.

Embora o termo ficar tenha o sentido genérico de parada e permanência, sugerindo certa fixação em algum lugar, seu uso pelo adolescente, ao contrário, designa um relacionamento episódico e ocasional, na escola, na maior parte das vezes, com a duração de apenas algumas instantes no recreio ou intervalos de aulas ou algumas horas ao longo de uma noitada de festa e diversão.

Tomado pela dificuldade de encontrar palavras que dêem conta de seu desejo, o adolescente então se utiliza de *brincoleurs* como o pegar, beijar, abraçar, gargalhar, buscando no olhar do outro ser reconhecido como sujeito desejante e desejável, até que se inicie o ficar, este momento que chega, pega e ao mesmo tempo escapa. Birman (2005) assim nos fala:

> [...] o desejo se apresenta como da ordem do impossível, e ao sujeito resta tão-somente a utilização voraz do corpo do outro para afirmar de maneira predatória seu autocentramento. Nesse contexto, o outro é usado e manipulado enquanto corpo para apaziguar a inquietação pulsional do sujeito. O corpo do outro é o cenário carnal para a descarga pulsional do sujeito, que o devora como um canibal. ( p. 72)

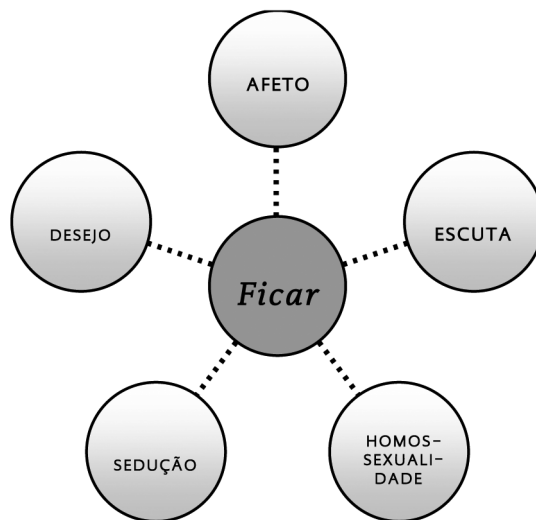
Na medida em que se diz que no *ficar* não há desejo, pode-se afirmar segundo o autor que este desejo encontra-se na ordem do impossível. Nessa lógica, o corpo no *ficar* é abocanhado, talvez para aquietar a sua condição de sujeito faltante e ficante, quando engole o outro e em seguida o vomita.

Os resultados desta pesquisa mostram que quando os sujeitos *ficantes* foram observados na escola foram descritos nas seguintes categorias: foto revelada, cenário ficante, objeto perdido e vigiar e

punir. São categorias que dizem, respectivamente, sobre a identificação de cada sujeito, a maneira de colocar-se na condição de *ficante* na escola, a escassez do *ficante* na escola e a repressão sofrida pelo aluno *ficante*.

As categorias descritivas das entrevistas foram assim nomeadas: instante de ficar, pegar sem permissão, ficar e sexualidade, professor maternal, ficar e o aprender e ode ao romântico. Essa descrição nasceu das falas dos sujeitos: o momento que o jovem *fica* na escola, o pegar como um ato invasivo, o desconhecimento entre o *ficar* e a sexualidade, o professor que assume o lugar da maternagem, a relação que o sujeito faz do *ficar* com o aprender e a idealização da concepção do amor.

Sentindo cognitivamente a lógica do *ficar* e na ética que enlaça esse jeito de se relacionar é que trago aqui agora o agalma da pesquisa.

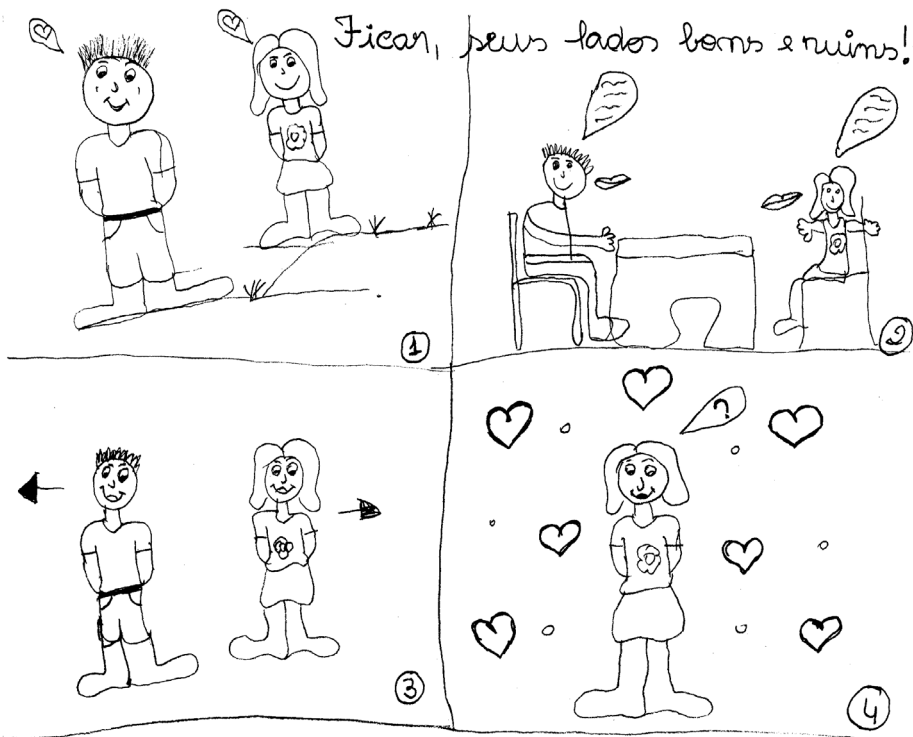
As categorias interpretativas são consideradas os nossos achados preciosos: primeiro, porque nascem das categorias descritivas e segundo, porque revelam a tese desse estudo: os sujeitos revelam que o afeto ficar está ancorado em representações de: ficar, afeto, escuta, homossexualidade, desejo e sedução, tal como está representado no matema abaixo:

Este matema reflete como um espelho o que os sujeitos da pesquisa pensam e sentem sobre o fenômeno ficar no contexto escolar. Não são apenas palavras, mas significantes que deslizam na cadeia da sexualidade. Cabe ao professor, pais, aluno não apenas ir ao dicionário para saber o significado de cada uma dessas palavras, mas estudar e pesquisar cada construto com ajuda desse livro para que o ficar não seja um sintoma, tampouco um fantasma, mas um fenômeno que se encontra próximo de cada um de nós, por isso, não é tão difícil tocá-lo para ver o que acontece.

Posso dizer que esta publicação aponta algumas entradas para fugir do refrão das saídas, aponta tentativas de respostas para a família, a escola e a sociedade, sobre essa forma de encontro, em que o beijo acontece, o silêncio se impõe e o nó ata e em seguida desata tal como um fogo de artifício que, ao olhar o colorido no alto, fica-se abobalhado pelo festim, eis que objeto cresce e num passe de mágica desaparece e fica-se à cata, no escuro, em cima do muro.

Deste modo, a pesquisa se apresenta, não tenho dúvidas que há limites, mas é possível que haja a relação pulsional na busca de acertar o *ficar* tal o tiro ao alvo, revelando nesta escrita *ficante*, o brilho do agalma, objeto causa de desejo, que se mira no visor da escola e se sangra no furo do afeto.

*Ficar na escola: um furo no afeto* pretende propor simpósios, seminários e colóquios sobre o *ficar na escola* e levar o tema aos mais diversos espaços reivindicando políticas públicas no Ministério de Educação, Secretarias de Educação estaduais e municipais, bem como projetos e pesquisas nas Universidades públicas estaduais e federais com vistas a formação do professor e fomento à continuidade desta pesquisa.

Para além das dimensões da temporalidade, descortina-se este momento de (in)concluir, mesmo sabendo que não é derradeiro, o desejo de segredar que *fiquei* com a pesquisa e assim pude associar quase livremente, apaziguar o sintoma e pensar que posso um dia atravessar esse fantasma.

I love
Tamoro!

Eles se conheceram, estavam um afim do outro conversaram, ficaram e depois cada um foi para o seu lado e ela ficou apaixonada por ele e ele sumiu.

"Para muitos "ficar" é ótimo, mas essas pessoas um dia vão ficar apaixonadas por um desses ficantes."

Desenho 26

## DESENHO 26

O sujeito elabora uma história em quadrinhos na qual mostra de forma resumida o processo ficante. No 1º quadro, os dois se conhecem, há pequenos corações acima de suas cabeças. No 2º, já se encontram na sala de aula, soltam beijos um para o outro e parece que conversam. No 3º, cada um segue para lados opostos, o encanto da Cinderela acabou e no 4º quadro ela se vê na solidão, envolta de corações e parece quedada por aquele que chegou, aqueceu e foi embora.

TÍTULO:

*Ficar, seus lados bons e ruins*. Essa fala revela a ambivalência do ficar. Se por um lado há a sedução e a aproximação, por outro, após o toque, é parecido com a rejeição do alimento que se experimenta e não se gosta. Não se repete, a aproximação dá lugar ao distanciamento.

DESCRIÇÃO:

*Eles se conhecem, estavam um afim do outro, conversaram, ficaram e depois cada um foi para o seu lado e ela ficou apaixonada por ele e sumiu. "Para muitos ficar é ótimo, mas essas pessoas um dia vão ficar apaixonadas por um desses ficantes"*. A descrição é um retrato do desenho e no final há uma sentença: é bom ficar, mas é um ato que pode levar o sujeito ao apaixonamento.

Tudo ocorrer em um só dia, se conhecer, namorar e acaba esse é o novo jeito de namora, ou melhor ficar

Desenho 27

## DESENHO 27

O desenho retrata uma casa em que o par de jovens se encontra vestido numa indumentária que lembra um escudo blindado. Parece que os jovens desejam se proteger ou de si mesmos ou do outro. Na cabeça do jovem tem uma coroa simbolizando o reinado do poder fálico. No alto, observam-se nuvens pesadas, possivelmente anunciam que o tempo pode mudar, ou seja que o ficar tem um tempo determinado, a qualquer hora o par pode se perder.

Título:

*"O novo modo de namorar"*. É mesmo uma nova modalidade de afeto. É difícil chegar a uma opinião formada sobre o tema. Se por um lado tem Eros, por outro, tem Thanatos. Não sei se os jovens têm maturidade para tentar enodar esses dois afetos tão ambivalentes.

Descrição:

*Tudo ocorreu em um só dia, se conhecerem, namoraram e acabaram. Esse é o novo jeito de namorar, ou melhor de ficar*. Um só dia e quase tudo aconteceu: o olhar, o tocar e o luto. Este aqui é visto tal como a perda de uma pessoa amada. O sujeito referenda: o ficar é uma nova forma de namorar e conserta o que falou dizendo: de ficar.

Possivelmente entre a forma tradicional e esta nova, há uma buraco que precisa ser tamponado na ilusão que se deseja preenchê-lo.

COMENTARIO

É ESSE DESENHO REPRESENTA DOIS JOVEN NE UMA FESTA QUE ACONTECEU NA ESCOLA, O MENINO GOSTA DA MENINA E A MENINA GOSTA. TAMBEM.

DEPOIS DA FESTA ELES MARCÃO UM ENCONTRO SEM COMPROMISSO. E FICARÃO NO LUGAR BEM ESCONDIDO NAMORADO POR MUITO TEMPO.

MAS AKILO SÓ FOI NA QUELA NOITE E NUNCA MAS SE ENCONTARÃO.

Desenho 28

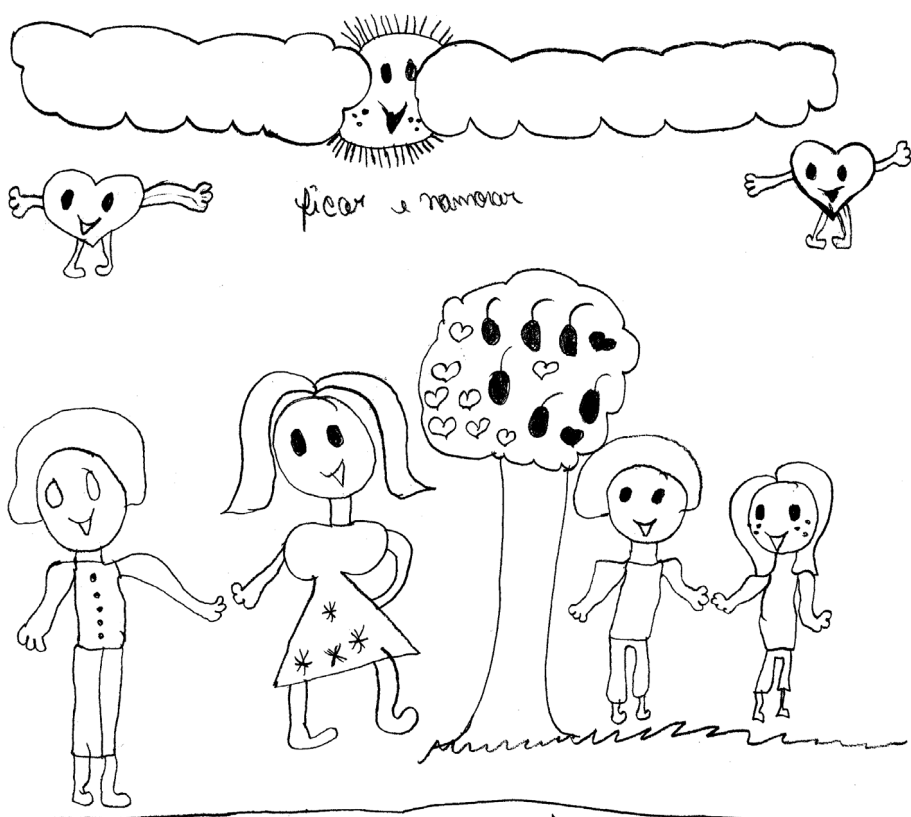
**DESENHO 28**

Parece ser uma festa na escola. Um casal fica e outro busca a sedução. Acima das cabeças, há algo escrito nos balões, são galanteios verbalizados um para o outro.

Título:

*Um dia na festa da escola C...* O título começa com se tivesse principiando uma história. É uma fala que suscita desejo de saber o que ocorreu nesse dia...

Descrição:

*Esse desenho representa dois jovens numa festa que aconteceu na escola. O menino gosta da menina e a menina também. Depois da festa eles marcaram um encontro sem compromisso. Ficaram num lugar bem escondido, namorando por muito tempo. Mas aquilo só ficou naquela noite e nunca mais se encontraram.* A cena se deu numa escola. O texto diz que os dois se gostavam, não fica claro em que lugar se encontraram, se foi na escola ou outro lugar, o que se sabe é que o encontro foi num lugar bem escondido e durou apenas uma noite. O final da descrição, o malogro. É que os dois nunca mais ficaram.

ficar é pegar varios meninos da sua escola
e outros.
namorar é ficar com um só.

Desenho 29

## DESENHO 29

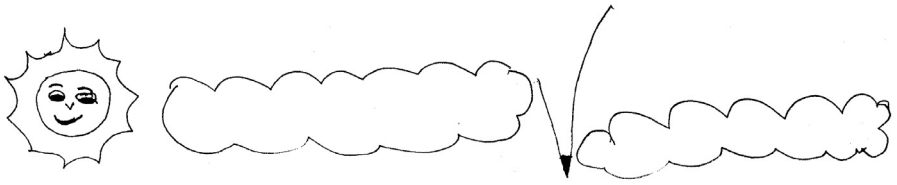
O sujeito se inspira na temática e desenha uma árvore frutífera. De cada lado da árvore, encontram-se dois casais, as mãos querendo se encontrar e suas faces esboçam sorrisos largos. Acima de suas cabeças, uma nuvem pesada tenta tocar o sol que parece lhe sufocar. Também pode ser visto abaixo da nuvem duas figuras humanas que têm um corpo de coração, pernas, braços e sorrisos aparentes.

TÍTULO:

*Ficar e namorar*. É um título que demarca posição. Ficar é um fenômeno e o namorar é outro. O sujeito não tem dúvidas da diferença entre esses dois afetos.

DESCRIÇÃO:

*Ficar é pegar vários meninos da sua escola e outros. Namorar é ficar com um só*. Duas definições para dois afetos distintos. Uma, expressa os afetos sendo espalhados entre vários parceiros e a outra, o afeto é concentrado numa só pessoa. Penso: na fase da adolescência que tipo de afeto poderia ser mais fundante?

I LOVE

Estava na praia tentando te esquecer
Veio a onda e disse
Quem ama tem que esquecer

Desenho 30

## DESENHO 30

A expressão do desenho mostra uma árvore frondosa, repleta de frutos e o casal de mãos dadas, contentes, tentam se aproximar. Entre suas cabeças um coração desponta onde se lê: *I love*, um balão próximo a ele vê-se escrito: *I love you*. Parece haver uma harmonia e que não se tem pressa para o ficar começar e acabar. Acima deles, duas nuvens, uma gaivota e um sol, elementos da natureza que compõem a paisagem ficante.

Título:
O sujeito não apresenta título para o desenho.

Descrição:
*Estava na praia tentando te esquecer. Veio a onda e disse: quem ama tem que esquecer*. O sujeito no seu discurso coloca-se no espaço da praia na tentativa de tentar esquecer seu afeto e num ritual um tanto quanto místico, a *onda* que parece deter a lei assevera que aquele que ama precisa esquecer. O fato de se estar falando do ficar, pode-se pensar que o sujeito ficou e houve um corte por parte de um, a parte que desejava continuar precisa esquecer e o ficante anuncia para a *onda* que o melhor remédio é o esquecimento.

## *Referências*


ABERASTURY, A. *A adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas,1981.

ABRAMOVAY, M. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANDRÉ, M.E.B. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livros, 2005. (Série pesquisas v.13)

BAUMAN, Z. *Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, J. *O mal-estar na atualidade*: a psicanálise a as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

BRITTAIN, V. L. W. L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CALLIGARIS, C. *Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000 (Série Folha explica)

CARDOSO, M. R. (Org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

CHAVES, J.C. *"Ficar com" a individualização*: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil, Revan, 1994.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995,

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da faculdade de Educação da USP*, v. 23, n. ½, jan./dez., 1997.

DEBORT, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI LEO, Joseph H. *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

DUARTE, Junior. *Por que arte-educação*? Campinas: Papirus, 1991

FERREIRA, T. A sexualidade na adolescência – sobre a ética do ficar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. Rio de Janeiro. Anais..., Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Obras Completas).

______. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1920. v.28

______. *Edição standart brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago 1980.

GATTI, B. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livros, 2002.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991

______. *A transformação da intimidade*: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GONÇALVES, E. Amar, namorar, ficar. In: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *Sexualidade*: prazer em conhecer. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2004. (Livro do professor).

GUIRADO, M. O conceito de mediação: diferentes abordagens. In: Reunião anual da Anped. 31., Caxambu. *Anais*... Caxambu: Anped, 2008.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise*: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KUPFER, C. *Freud e a Educação*: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2001.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, J. *O Seminário 8* – A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

______. *O Seminário XI*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

LAFONT. J. G. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAGACHE, D. *A transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LAJONQUIÈRE, L. *De Piaget a Freud*: para repensar as aprendizagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAKATOS, E. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

LAPANCHE J.; PONTALIS J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KUPFER, C. *Educação para o futuro*: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2007.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis,RJ: Vozes, 1998.

MELLO, S. C. L. *Românticos ou narcísicos*? Um estudo sobre o descompromisso afetivo contemporâneo. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995.

MÈRIDIEU de F. *O desenho infantil*. São Paulo: Cultriz, 1974

MINAYO. M. C. de S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1999.

NOVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1992.

ORLANDI E. *Análise do discurso*: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORNELLLAS, M.L.S. *Afetos manifestos na sala de aula*. São Paulo: Annablume, 2005.

______. Representação social, Educação e afetividade: um triângulo de amódio. In: *Educação, tecnologias e representações sócias*. Salvador: Quarteto 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação. Brasília, 2001.

PORCHER, Louis. *Educação artística*: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

RAPPAPORT, C. *Adolescência*: abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993.

RUFINO, R.. Adolescência e modernidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. Rio de Janeiro, Anais... Companhia de Freud, 2004.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NOVOA, A. (org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

STENGGEL, M. *Obsceno é falar de amor*? As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.